

VALDENIR DE SOUZA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS DO CURSO NORMAL MÉDIO
INTERCULTURAL INDÍGENA ARÁ VERÁ NA PERSPECTIVA DA V TURMA
2015.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE – MS
MARÇO DE 2019

VALDENIR DE SOUZA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS DO CURSO NORMAL MÉDIO
INTERCULTURAL INDÍGENA ARÁ VERÁ NA PERSPECTIVA DA V TURMA
2015.**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa
de Pós-Graduação em Educação- Mestrado e
Doutorado da Universidade Católica Dom
Bosco como parte dos requisitos para
obtenção do grau de Mestrado em Educação.

Área de Concentração: Educação
Orientadora: Dr^a Adir Casaro Nascimento
Co-orientadora: Dr^a Beatriz dos Santos Landa

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

S719f Souza, Valdenir de

Formação de professores Guarani e Kaiowá práticas pedagógicas interculturais do curso normal médio intercultural indígena Ará Verá na perspectiva da V turma 2015/ Valdenir de Souza; orientadora Prof.^a Dr.^a Adir Casaro Nascimento, Co-orientadora Prof.^a Dr.^a Beatriz dos Santos Landa.-- Campo Grande, MS : 2019.

117 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019

1. Formação de professores indígenas. 2. Guarani. 3. Kaiowá. 4. Interculturalidade - Práticas pedagógicas. I.Nascimento, Adir Casaro. II.Landa, Beatriz dos Santos. III. Título.




CDD: 370

**“FORMAÇÃO DE PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS DO CURSO NORMAL MÉDIO
INTERCULTURAL INDÍGENA ARÁ VERÁ NA PERSPECTIVA DA V
TURMA 2015”**

VALDENIR DE SOUZA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adir Casaro Nascimento (PPGE/UCDB) orientadora 
Prof. Dr. Levi Marques Pereira (PPGANT/UFGD) examinador externo 
Prof. Dr. José Licínio Backes (PPGE/UCDB) examinador interno 

Campo Grande - MS, 14 de março de 2019

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

DEDICATÓRIA

*Ao povo Guarani, Kaiowá e ao Curso Normal Médio
Intercultural Indígena Ára Verá*

AGRADECIMENTOS

Momentos difíceis durante toda a jornada acadêmica, porém tenho muito a agradecer principalmente ao Senhor Jesus Cristo, pela salvação, fé, vida e oportunidade de estudar /pesquisar com meu povo.

A minha esposa Florinda e filha Manuelli, pela compreensão, ajuda e apoio nos momentos mais difíceis na realização do trabalho. Encorajando a todo momento. Pois foram dias, noites, finais de semana e feriados ausentes na comunhão familiar. Aos meus pais Setembrino e Eneidir, pois sem eles seria impossível chegar até aqui. Aos meus irmãos Walter Bruno, Cesar Augusto e Cristiane e a querida sobrinha Evelin pela compreensão das visitas e passeios não feitos.

Ao programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UCDB, Linha 3: Diversidade Cultural e Educação Indígena pelo compromisso e seriedade na reflexão discussão e reconstrução da educação sob novos saberes. Aos professores do programa Licínio, Carlos Magno e Heitor por trazer novos olhares. A secretária Luciana pela ajuda administrativa. Aos colegas Alexsandro Silva Mateus e Cledeir Pinto Alves, pela troca de conhecimentos.

À professora e orientadora Adir Casaro Nascimento pelo longo acompanhamento, encorajamento e apoio acadêmico e a quem devo agradecer pela amizade, confiança e paciência na realização do trabalho. A professora e coorientadora Beatriz dos Santos Landa pelo acompanhamento desde trabalho. Ao professor Dr. Levi Marques Pereira pelo parecer e indicações de outras leituras que foram importantes no desenvolvimento do trabalho. Aproveito para agradecer mais uma vez à Professora Dr^a Adir, Beatriz e ao Professor Dr. Licínio por participarem da qualificação e defesa desta dissertação, pelas valiosas observações e sugestões.

SOUZA, Valdenir. **Formação de Professores Guarani e Kaiowá: Práticas Pedagógicas Interculturais do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá na Perspectiva da V Turma 2015.** Campo Grande, 2019, 147p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO: Esta dissertação está vinculada a Linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Escolar Indígena, PPGE/UCDB. Tem como objetivo principal, pesquisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá, as tensões entre os diferentes atores do processo, os (des)caminhos percorridos pelo curso Normal Médio Intercultural Ará Verá, na reflexão sobre a

(des)colonização e o (re) encontro com a identidade cultural indígena hibridizada pelos diversos conhecimentos produzidos nos entre-lugares. Tem como objetivos específicas: a) Descrever o processo histórico, social e cultural na luta pela implantação e implementação do curso Ára Verá, a partir da década de 1990, na ótica indígena Guarani e Kaiowá; b) Perceber como os Nhanderu e Nhandesy (conhecedores/as, sábios/as, mestres/as tradicionais) participaram como norteadores das práticas pedagógicas nas formações do curso Ára Verá; c) Identificar, analisar e compreender as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas aplicadas à V Turma do curso Ára Verá, e suas contribuições para educação escolar indígena na relação de diálogos entre conhecimentos indígenas e não indígenas. Os Estudos Culturais, Pós - Coloniais e Pós - Críticos forneceram suporte teórico para historicizar e compreender o processo de luta dos Guarani e Kaiowá no ato de (des)construir e construir o conceito de educação diferenciada e específica, na busca por uma educação de qualidade rompendo com diversas concepções e paradigmas de uma só verdade. O presente estudo está dialogando com intelectuais e pesquisadores indígenas como BENITES (2014), AQUINO (2012) e JOÃO (2011), entre outros estudiosos indígenas que estudam os processos próprios de ensino e aprendizagens Guarani e Kaiowá, a uma nova perspectiva no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena além de estar articulado com (BHABHA, 2013) – e os conceitos de Cultura, Identidade e Diferença, (HALL 2003) - e (MEYER, PARAISO 2012) - Metodologias de pesquisas pós em educação. Enfatiza os saberes indígenas e não indígenas que perpassam pela formação de professores, agregando valores, costumes, a espiritualidade, a interculturalidade (CANDAU, WALSH E NASCIMENTO 2009). As práticas pedagógicas desenvolvidas na formação de professores indígenas da atual Turma do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá (V turma), que se caracteriza de maneira distinta das outras formações, por meio do protagonismo de professores indígenas como formadores em meios a desafios e tensões que de certa forma participaram de todo um atravessamento de luta, resistência, persistência e articulação mediante a educação homogeneizadora colonial e indígena. Todavia concluímos que o ñeẽ, teko e tekoha, elementos que servem de base para a formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá, tem trilhado num terreno complexo e diferente, na tentativa de (re)construir uma nova página para a educação escolar indígena através de práticas pedagógicas do jeito guarani e kaiowá em meio a conflitos, tensões e desafios. As práticas específicas interculturais foram desenvolvidas 1 - A participação dos (as) Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas e os professores formadores indígenas Guarani e Kaiowá, 2- Uso da tecnologia e a formação de professores indígenas, 3 - Roças tradicionais indígenas e o cultivo de alimentos, 4 – O professor indígena Guarani e Kaiowá não pode tropeçar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores Guarani e Kaiowá, Interculturalidade e Práticas Pedagógicas- Curso Ara Verá.

SOUZA, Valdenir. **Formação de Professores Guarani e Kaiowá: Práticas Pedagógicas Interculturais do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá na Perspectiva da V Turma 2015.** Campo Grande, 2019, 147p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

ABSTRACT: This dissertation is linked to the Cultural Diversity and Indigenous School Education Researching Field, PPGE / UCDB. Its main purpose is to explore the pedagogical practices developed in the formation process of Guarani and Kaiowá indigenous teachers, the tensions between the different actors of the process, the (miss)leading paths taken by the Normal Middle Intercultural Ara Verá course, in the reflection on the (de)colonization and the (re)encounter with indigenous cultural identity hybridized by the diverse knowledge produced in-between. The specific objectives are: a) To describe the historical, social and cultural process in the struggle for the implantation and implementation of the Ára Verá course since the 1990s, on the Guarani and Kaiowá indigenous perspective; b) Understand how the

Nhanderuand Nhandesy (connoisseurs, sages, traditional masters) participated as pedagogicalpractices leaders in the Ára Verá course formations; c) Identify, analyze and understand the differentiated and specific pedagogical practices applied to the ÁraVerá Course, and their contributions to indigenous school education in therelationship of dialogues between indigenous and non-indigenous knowledge.Cultural, Postcolonial and Postcritical Studies provided theoretical support tounderstand and become history the process of the Guarani and Kaiowá struggle in theact of (de)constructing, at the same time, constructing the concept of differentiatedand specific education, aiming an education of quality by breaking with severalconceptions and paradigms of only one truth. The present study is according toindigenous intellectuals and researchers such as: (Benites, 2014), (Aquino, 2012), and(João, 2011), among other indigenous intellectuals who study their own Guarani andKaiowá teaching and learning processes to a new perspective in the process ofdeconstruction and construction of indigenous school education besides beingarticulated with (BHABHA, 2013) - and the concepts of Culture, Identity, andDifference (HALL 2003) - and (MEYER, PARAISO 2012) - Postgrad ResearchMethodologies in Education. It emphasizes the indigenous and nonindigenousknowledge that permeates the formation of teachers, adding values, customs,spirituality, interculturality (CANDAU, WALSH AND NASCIMENTO 2009). Thepedagogical practices developed in the indigenous teachers formation of the currentClass of the Normal Middle Intercultural Indigenous Course Ára Verá (V class),which is distinguished in a different way from the other formations, through the roleof indigenous teachers as leaders in challenges and tensions that somehowparticipated in a whole crossing of struggle, resistance, persistence and articulationthrough the homogenizing colonial and indigenous education. However we concludethat Ñeẽ, Teko and Tekoha, elements which underlie the formation of Guarani andKaiowá indigenous teachers, have been treading on a complex and different terrain inan attempt to (re)construct a new page for indigenous school education throughGuarani and Kaiowá pedagogical practices in the midst of conflicts, tensions andchallenges. Specific Intercultural Practices were developed 1 - The participation ofIndigenous Traditional Sages and indigenous Guarani and Kaiowá teachers, 2- Useof technology and the training of indigenous teachers, 3 - Indigenous traditional fieldsandfoodcultivation,4-TheindigenousGuaraniandKaiowáteachercannotstumble.

KEYWORDS: Guarani and Kaiowá teachers training, Interculturality and Pedagogical Practices- AraVeráCourse.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - OS ELEMENTOS SAGRADOS PARA OS GUARANI E KAIOWÁ COMO JEGUAKA, MBARAKA E ARCO E FECHA, SENDO UTILIZADO EM RITUAIS CULTURAIS E RELIGIOSOS INDÍGENAS.	25
FIGURA 02 - MBARAKA - INSTRUMENTO SAGRADO DO POVO GUARANI E KAIOWÁ, UTILIZADO EM RITUAIS RELIGIOSOS.	25
FIGURA 03 - ARCO E FLECHA - INSTRUMENTO SAGRADO UTILIZADO PELOS	

GUARANI E KAIOWÁ NA DEFESA PESSOAL E COLETIVA, CONTRA ANIMAIS FERÓZES, ALÉM DE SER ESSENCIAL NA CAÇA E PESCA.	25
FIGURA 04 - V TURMA DO CURSO ÁRA VERÁ – 2015, REGISTRADA PELO PESQUISADOR NA CIDADE DE DOURADOS – MS, NA ALDEIA JAGUAPIRU EM JANEIRO DE 2018 DEMONSTRA A ORGANIZAÇÃO EM CÍRCULO, ONDE TODOS ESTÃO NO MESMO NÍVEL DE DISCUSSÃO SEM DESTAQUE AO PROFESSOR “REGENTE”.	43
FIGURA 05 - MOMENTOS ENTRE SÁBIOS/SÁBIAS TRADICIONAIS INDÍGENAS ENTRE CURSISTAS E PROFESSORES INDÍGENAS FORTALECENDO A CULTURA INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ, A PARTIR DOS CANTOS, REZAS E DANÇAS, ANTES DE QUALQUER ATIVIDADES ESCOLAR DO CURSO, VEMOS AO CENTRO DA FOTO O NHANDERU OLÍMPIO E NHANDESY MIRIAN MORADORES DA TERRA INDÍGENA NHANDERU LARANJEIRA MUNICÍPIO DE RIO BRILHANTES – MS, FALANDO A IMPORTÂNCIA DE PRATICAR O CANTO, REZA E DANÇA DO POVO INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ NO CULTIVO DOS SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS.	45
FIGURA 06 – NHANDESY FLORIZA, FALANDO SOBRE A IMPORTANCIA DO YVYRA’I E OS ELEMENTOS SAGRADOS PARA OS GUARANI E KAIOWÁ CURSISTAS DA V TURMA CURSO ÁRA VERÁ.	67
FIGURA 07 - DESENHO ELABORADO PELO CURSISTAS MOACIR VELASQUES DA V TURMA ÁRA VERÁ – 2015, MORADOR NA ALDEIA RANCHO JACARÉ MUNICÍPIO DE LAGUANA CAARAPÁ – MS, SISTEMALIZA A FALA DA NHANDESY FLORIZA NO TANGE A IMPORTÂNCIA DO YVY MARANGATU E OS ELEMENTOS SAGRADOS GUARANI E KAIOWÁ.	68
FIGURA 08 - OFICINA DE MATEMÁTICA E CANTOS GUARANI E KAIOWÁ COMO PRÁTICAS INTERCULTURAIS DESENVOLVIDAS PELOS FORFESSORES FORMADORES DO CURSO ÁRA VERÁ NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E NUMERAMENTO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS, SENDO APRESENTADOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRA VERÁ.	94
FIGURA 09 - SÁBIA TRADICIONAL HELENA APRESENTANDO OS REMÉDIOS TRADICIONAIS INDÍGENAS, PARA ALUNOS DA V TURMA CURSO ÁRA VERÁ, AO SEU LADO ESQUERDO NHANDERU VALDOMIRO MORADOR NA ALDEIA PANAMBIZINHO MUNICÍPIO DE DOURADOS E A SUA DIREITA PROFESSORA INDÍGENA MORADORA NA ALDEIA INDÍGENA DE CAARAPÓ.	97
FIGURA 10 - PROFESSORES FORMADORES DO CURSO ÁRA VERA, PROFESSORES CURSISTA DA V TURMA E COLABORADORES/PESQUISADORES DE OUTRAS INSTUIÇÕES DE ENSINO, QUE CONTRIBUIRAM NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS EM NÍVEL MÉDIO.	101
FIGURA 11 - AS TRANSFORMÇÕES OCORRIDAS NO TERRITÓRIO TRADICIONAL INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ, SENDO VISUALIZADOS NA IMAGEM DA PRODUÇÃO DA MONOCULTURA E CRIAÇÃO DE GADO.	101
FIGURA 12 - PROFESSOR INDÍGENA NILTON FERNANDES COLABORADOR DO CURSO ÁRA VERÁ, MORADOR NA ALDEIA INDÍGENA DE CAARAPÓ, DIALOGANDO COM PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRA VERÁ.	105

FIGURA 13 - NHADERU VALÉRIO VERA GONÇALVES, MORADOR DA ALDEIA PANAMBI MUNICÍPIO DE DOURADINA, EXPLICANDO SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO YVYRA'JA PARA PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRAVERA NA 8º ETAPA PRESENCIAL NA CIDADE DOURADOS EM NOVEMBRO/2018. 108

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – PROFESSORES INDÍGENAS PARTICIPANTES DA PESQUISA 53

QUADRO 02 - PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ FORMADOS PELO CURSO ÁRA
VERÁ. 76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – EU PESQUISADOR E MINHA APROXIMAÇÃO COM O CURSO NORMAL MÉDIO INTERCULTURAL INDÍGENA ÁRA VERÁ.	23
1.1 Trajetórias escolares	27
1.2 Aproximação com as práticas pedagógicas na educação básica	34
CAPÍTULO 2 – CAMINHOS DA PESQUISA	48
2.1 Estabelecendo diálogos entre os indígenas	51
2.3 Os participantes da pesquisa	53
2.4 Estabelecendo Diálogos com Sábios (as) Tradicionais Guarani e Kaiowá	59
CAPÍTULO 3 - APRESENTANDO A ESCOLA INDÍGENA – O QUE É O CURSO ÁRA VERÁ	64
3.1 “Tiquinho de um e um tiquinho do outro”	70
3.2 O que é o curso Ára Verá?	74
3.3 As Tensões no processo de formação Ára Verá	76
CAPITULO 4 – PRÁTICAS INTERCULTURAIS DESENVOLVIDAS NA V TURMA DO CURSO ÁRA VERÁ	87
4.1 Como os professores indígenas formadores compreendem práticas pedagógicas diferenciadas e específicas no curso Ára Verá V turma?	90
4.2 Participação dos (as) Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas e os professores formadores indígenas Guarani e Kaiowá.....	93
4.3 Uso das tecnologias da informação no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá	99
4.4 “O professor indígena Guarani e Kaiowá não pode tropeçar”	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como foco principal identificar as práticas pedagógicas diferenciadas e específica desenvolvida no processo de formação dos professores indígenas no curso Normal Médio Intercultural Indígena¹ Ára Verá² – V turma, entre os anos de 2015 a 2018.

¹ O curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá - V Turma se desenvolveu entre os anos de 2015 a 2018, todavia a partir desde momento será abordado como *V Turma Ára Verá*.

² Ára Verá – possui o significado de *Tempo, Espaço Iluminado*.

A problemática desta pesquisa, é tentar compreender o conceito de ensino diferenciado, específico e de qualidade na visão do Guarani e Kaiowá. Como inserir essas práticas pedagógicas diferenciadas e específicas no contexto escolar. Visto que atualmente temos formação de professores indígenas, gestores indígenas, escolas inseridas nas comunidades indígenas, porém esses elementos se deparam com um sistema educacional endurecido pela educação colonial. Diante desta conjuntura da política educacional, o que fazer? Como fazer? E quanto fazer?

Para Skliar 2002(apud MARQUES, 2010 p. 110), uma pedagogia para fazer resistência ao sistema imposto é:

Uma pedagogia que não pode “ordenar, nomear, definir ou fazer congruentes os silêncios, os gestos, os olhares e as palavras do outro”. É a pedagogia que pretendemos, mas não sabemos fazer. É a pedagogia de experiências ricas, de cotidianos diversos...

A pesquisa, realizada com os professores formadores indígenas e os sábios/sábias tradicionais ³ indígenas participantes da V Turma Ára Verá, busca indicativos sobre práticas pedagógicas diferenciadas e específicas a partir do contexto Guarani e Kaiowá envolvendo a cosmologia, a espiritualidade e os conhecimentos indígenas e os outros conhecimentos como forma de diálogo entre si e de uma pedagogia específica e diferenciada.

O Curso Normal em nível médio específico para a formação de professores Guarani e Kaiowá começa a se constituir a partir da Constituição Federal de 1988 que estabelece um novo cenário jurídico em relação aos povos indígenas. Rompe radicalmente com a política de integração vigente, garantindo o direito à *diferença* e à *autonomia* (artigos 22, 210, 215, 231, 232), cabendo ao Estado o dever de garantir esses direitos. Desde então, a educação escolar indígena ganhou base legal como subsistema diferenciado das demais modalidades de ensino, tanto no que diz respeito às línguas e culturas, quanto aos processos próprios de aprendizagem (art.210, inciso 2 da Constituição Federal).

³ Sábios/sábias tradicionais indígenas, detentores do saber indígena na cosmologia Guarani e Kaiowá.

A mudança de paradigma na concepção da educação escolar destinada às comunidades indígenas deixa o caráter integracionista e assume o princípio do reconhecimento da diversidade sociocultural e linguística do país e do direito a sua manutenção.

De acordo com a Lei Maior, outras leis, decretos e portarias foram sendo incorporadas, garantindo e regulamentando o direito a uma educação escolar indígena, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada. Cabe citar aqui os Decretos nº 26/91 e nº 8752/2016, a Portaria Interministerial 559/91, as Portarias 60/92 e 490/93, as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, a LDB 9394/96, a Resolução 03 da Câmara de Educação Básica, de 10/11/1999, que cria a categoria de *Escola Indígena* – todos na esfera federal. Depois da criação do curso, foram aprovadas diversas leis e normas que foram atualizando e dando consistência à educação escolar indígena: as Diretrizes para Formação de Professores Indígenas (RCNEI, 1998), os Territórios Etnoeducacionais (TEE), instituídos pelo Decreto n. 6861/2009 e as metas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014 – 2024), instituído pela lei 13.005/2014. Estas políticas públicas resultam de demanda da sociedade civil, na figura do Movimento Indígena, compiladas na forma de propostas na I CNPI (2015), I CONEEI (2009) e II CONEEI (2018). Sem cairmos na simplificação teoria x prática, é preciso ter claro que legislação é política pública, mas não sua integralidade, pois políticas públicas para educação escolar indígenas também são ações estatais proposta pelos povos indígenas. Sendo assim, a educação escolar indígena no Mato Grosso do Sul e Brasil ainda está na fase de implementação, como está registrado no documento final da II CONEEI de 2017. Com relação à Formação de Professores Indígenas, está sendo proposta a criação de política pública de formação de professores indígenas, definindo as atribuições e responsabilidades da União, estados e municípios, com financiamento próprio, mediante rubricas específicas, para o atendimento às necessidades de pessoal indígena qualificado para as escolas indígenas (professores, gestores, agentes educacionais e demais profissionais indígenas da comunidade educativa), assegurando a oferta de formação inicial em magistério, pedagogia e licenciaturas, específicas e interculturais, formação continuada e pósgraduação (lato e stricto sensu), nas universidades, institutos federais e outras instituições de ensino superior (contemplando todas as áreas de conhecimento, incluindo línguas indígenas, e as diferentes modalidades e etapas da educação básica). Comumente, nas assembleias indígenas, este quadro é expresso na forma de desafios.

Qual o maior desafio? A criação do sistema próprio para além do subsistema acima mencionado que confina a escola indígena num “puxadinho”.

No Mato Grosso do Sul essas garantias consolidaram-se na Constituição Estadual 89 no seu artigo 251, na Deliberação n.º 4324/95 do Conselho Estadual de Educação, nas Diretrizes Gerais para a Educação Escolar Indígena no MS (1997) e na Resolução RESOLUÇÃO/SEDMS n. 2.600, de 04 de dezembro de 2012, garantem a organização curricular e a criação do regime escolar do ensino fundamental e do ensino médio, nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino, desta forma possibilita ao curso Ára Verá a organização curricular e a criação do regimento interno do curso com autonomia.

Esses diversos documentos de caráter oficial e as formulações dos próprios indígenas nos encontros de lideranças, professores e fóruns locais refletem e explicitam claramente temas como currículo e formação especializada de indígenas professores. Exigem políticas integradas de ensino e pesquisa, coerentes com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) n. 9394/96 em seus artigos 78 e 79, buscando a formulação de princípios pedagógicos, antropológicos, linguísticos, epistemológicos, semióticos, entre outros, que deverão nortear as diferentes realidades curriculares experimentadas pelas várias etnias.

A Resolução n.º 03/99 do CEB/CNE, que estabelece a estrutura e o funcionamento das Escolas Indígenas, define também os critérios para a formação dos professores indígenas, que deverá ser “*específica*” e orientada “pelas Diretrizes Curriculares Nacionais” (art.6º). O art. 7º estabelece que “os cursos de formação de professores indígenas darão ênfase à constituição de competências referenciadas em conhecimentos, valores, habilidades e atitudes, na elaboração, no desenvolvimento e na avaliação de currículos e programas próprios, na produção de material didático e na utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa”. Segundo esta Resolução, também “será garantida aos professores indígenas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização” (parágrafo único do art.6º).

Segundo o Parecer n.º 14/99⁴ da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, “é necessário que os profissionais que atuam nas escolas

⁴ Parecer CEB/CNE nº 14/99, páginas 15 a 17 trata da formação do professor indígena.

pertençam às sociedades envolvidas no processo escolar”. Para que eles possam se tornar “agentes ativos na transformação da escola num espaço verdadeiro para o exercício da interculturalidade”, o documento destaca a necessidade de um currículo diferenciado nos cursos de formação.

O Parecer considera ainda que a formação do professor indígena requeira a participação de especialistas com formação adequada, não tanto em função de sua titulação acadêmica, mas por um conjunto de outras competências, tais como, experiência e sensibilidade para trabalhar aspectos próprios da educação indígena.

De acordo com Parecer (14/99 p 13) do Conselho Nacional de Educação, orienta que:

[...] os Conselhos Estaduais de Educação devem constituir critérios próprios para autorização e regulamentação dos cursos de formação de professores indígenas, os quais devem basear-se na qualidade do ensino a ser oferecido e na sua coerência com os princípios definidos na legislação referente à educação escolar indígena[...]

Ancorado nas legislações, mas principalmente na vivência e no caminhar juntamente com a formação de professores indígenas do curso Ára Verá, busco, saber, o que é específico e diferenciado mencionados na lei, e como se desenvolvem as práticas pedagógicas específicas e diferenciadas no processo de formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá.

Observando e participando da formação de professores indígenas surgiram algumas inquietações em conhecer, saber, investigar e identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de formação do curso Ára Verá, V turma que foi ofertada entre 2015 a 2018. Neste sentido, percorri caminhos repletos de cruzamentos por diversos momentos no processo de construção da pesquisa compreendendo que a educação escolar indígena e a pesquisa são compostas por múltiplos conhecimentos inacabados em movimento, agregando valores, respeito, saberes e conhecimentos de forma não linear.

Agregando por exemplo a espiritualidade, a cosmologia, a educação escolar indígena assim como os conhecimentos indígenas, não indígenas, a experiência de vida, no entanto a aproximação com o curso Ará Verá, possibilita uma investigação qualitativa engajada no contexto Guarani e Kaiowá através das aprendizagens, dos ensinamentos e das descobertas.

Neste contexto é que foi realizada a pesquisa a partir de múltiplos encontros sendo em determinados momentos de maneira coletiva, sendo que os caminhos solitários percorridos direcionam para escolha das leituras.

Desta forma, foram percorridos múltiplos caminhos na tentativa de compreender os objetivos específicos da pesquisa: a) Descrever o processo histórico, social e cultural na luta pela implantação e implementação do curso Ára Verá, a partir da década de 1990, na ótica indígena Guarani e Kaiowá; b) Identificar, analisar e compreender as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas aplicadas à V Turma do curso Ára Verá, e suas contribuições para educação escolar indígena na relação de diálogos entre conhecimentos indígenas e não indígenas; c) Perceber como os Nhanduru e Nhandesy (conhecedores/as, sábios/as, mestres/as tradicionais) participaram das práticas pedagógicas no curso Ára Verá V turma.

Esta caminhada sob o processo de investigação, está totalmente em movimento, percorrendo caminhos que se cruzam e se entrecruzam envolvendo a (re) construção de uma pedagogia do modo Guarani e Kaiowá, articulado aos ensinamentos diferenciados e específico, onde a alteridade indígena é ativada pela participação dos professores indígenas como formadores do curso Ára Verá, em especial nesta V turma, que é o foco desta pesquisa, caracterizando como diferencial entre as outras turmas do curso Ára Verá, visto os encontros aconteceram nas comunidades tradicionais indígenas.

Sobretudo Marques, (2010 p112) enfatiza:

[...] que todos os professores e professoras deveriam ser alertados para o fato de estarem imersos no mundo da alteridade, criando possibilidades, durante sua formação, para uma mudança em suas representações políticas e culturais sobre os sujeitos. Questionar os discursos gerados nas relações com as diferenças em todos os *espaços tempos* de suas vidas pessoal, acadêmica e profissional. [...]

É compreendido que neste processo de formação de professores do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá – V Turma, os ensinamentos ocorrem entre diálogos, conhecimentos e principalmente respeitando as experiências e o modo de ser e viver dos Guaranis e Kaiowá.

Bhabha (2013) aborda a questão do processo e as formas pela qual a alteridade racial, cultura, histórico se fazem marginalizadas, neste sentido as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas desenvolvidas na V Turma do curso Ára Verá, enfatizam os

atravessamentos dolorosos que professores formadores deparam durante o processo de formação, para validar a alteridade indígena, em saber fazer pois, trata-se de um longo processo de (des)colonização da educação colonial ocidental fortemente enraizada nas comunidades indígenas Guarani e Kaiowá, sendo modelada na medida (re)aprendia os conhecimentos milenares cauterizados pelo sistema educacional de ensino ainda de ocidental.

OS ATRAVESSAMENTOS DOLOROSOS

Sendo assim a pesquisa poderá ser de grande relevância, visto que, descreverá a luta do Guarani e Kaiowá pela implementação do curso diferenciado e específico, relacionando as práticas pedagógicas para além da sala de aula, abordando as metodologias de ensino aplicadas no processo de formação de professores indígenas em nível médio da V turma Ára Verá e, assim, poderá contribuir na formação social, política e profissional do indígena Guarani e Kaiowá, que faz parte do curso, aos diversos movimentos e aos gestores deste projeto.

Nascimento, Urquiza e Brand (2005, p.3), enfatizam que os professores indígenas, em suas comunidades “apresentam perfil antropológico/político para realizarem práticas pedagógicas geradoras de autonomia e emancipação[...]”.

O perfil dos professores indígenas vai além da sala de aula, envolvendo múltiplas habilidades desde o manejo da terra, a produção de alimentos, o uso dos códigos da escrita na formulação e encaminhamentos de documentos, ou seja, o saber fazer relacionando a diversas teorias e práticas.

Marques (2010 p 113), já afirma que é:

[...] de suma importância que se parta das mudanças das identidades dos professores e das professoras, alunos e alunas, escolas, de modo que todos os sujeitos possam assumir sua condição de agentes das situações e nunca de objetos dos quais se fala ou se refere[...] para que façam sentido as mudanças nos códigos pedagógicos[...]

Para compreender que a questão da identidade, foram analisados depoimentos de alguns participantes egressos do curso Ára Verá do ano de 1999, que transitaram por diversos espaços constituindo múltiplas identidades a partir do processo histórico de criação do curso Ára Verá. Assim, nesta discussão vamos envolver estudos de identidades híbridas lado a lado de Bhabha (2013), Hall (2003), Backes (2005), Meyer, e Paraíso (2012) no estudo das metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.

Com relação à educação escolar indígena a pesquisa estabelece o diálogo aproximado com estudiosos da interculturalidade como: Candau (2009), Marin (2009), Arroyo (2012), Souza e Fazenda (2017) e Santiago(2013) sob a perspectiva de pensar e constituir conceitos/idéias de práticas interculturais no modo e ótica Guarani e Kaiowá.

Marques (2010), explica que é uma “*formação libertadora*, envolvendo alunos-professores”, neste caso, professores indígenas que cursaram a primeira turma do curso Ára Verá, que passaram por um doloroso processo de (des)colonização lutando consigo mesmo para romper com paradigmas e as velhas respostas tradicionais da escola antiga de cunho colonial e assumindo de fato, o protagonismo da educação escolar indígena de forma crítica, criativa e atentos às transformações que ocorrem em seu entorno e na sociedade, sendo capazes de se auto transformar em sujeitos situados e engajados na luta pela qualidade da educação escolar indígena de acordo com a ótica Guarani e Kaiowá.

Para o bom andamento e aprofundamento da pesquisa na produção de conhecimento, uso da pesquisa em caráter qualitativo a partir de uma aproximação com a etnografia, fazendo uso de entrevistas, da análise de documentos oficiais sobre a criação do curso e da proposta curricular onde se desenvolve a formação de professores indígenas e as legislações que amparam a educação escolar indígena, mas principalmente, como os professores formadores indígenas e não indígenas percebem as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas.

Foram feitas as entrevistas com egressos da primeira turma (1999) que participaram da formação do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá, buscando historicizar o processo de criação do curso, percebendo suas lutas, desafios e conquistas na sistematização da formação. Alguns desses pioneiros do Curso têm atuado como professor formador indígena do referido curso possibilitando a investigação das práticas pedagógicas diferenciadas e específicas desenvolvidas pelos professores formadores indígenas e não indígenas do curso Ára Verá - V turma.

A participação dos mestres tradicionais Nhanderu e Nhandesy⁵, que atuaram no curso Ára Verá, desde a primeira turma em 1999, vem do meu diálogo com eles sobre: a) A relação do professor indígena cursista Guarani e Kaiowá do curso Ára Verá com as suas presenças e participações no espaço de formação do curso Ára Verá, b) a

⁵ Nhanderu e Nhandesy – são os rezadores, líderes espirituais e praticantes dos diversos conhecimentos indígenas.

importância do curso Ára Verá na visão dos mestres tradicionais envolvidos em nossa pesquisa e, c) Como foi sua participação no dia-a-dia das formações no curso Ára Verá.

A auto etnografia acontece a partir da observação, convivência e participação no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá do curso Área Verá V Turma do professor formador indígena e pesquisador, na realização das atividades pedagógicas e aplicação das práticas pedagógicas.

Acompanhadas de reflexões e discussões das temáticas envolvidas na pesquisa a partir da minha vivência como gestor administrativo/pedagógico e professor formador na V Turma Ára Verá analisando os documentos oficiais sobre a criação do curso Ára Verá e da formulação da proposta curricular do curso Ára Verá, norteados pelo processo de formação de professores Guarani e Kaiowá, em nível médio, sob a legislação vigente que ampara a formação de professores indígenas no Estado Brasileiro.

A pesquisa está articulada com os Estudos Culturais, Pós-Coloniais, e as Pesquisas Pós-Críticas que me fornecem suporte teórico para historicizar e compreender o processo de luta do Guarani e Kaiowá no ato de (des)construir e (re)construir a ideia de educação diferenciada e específica, na busca por uma educação de qualidade com o olhar indígena rompendo com verdades únicas do paradigma colonial. E neste sentido que os conhecimentos tradicionais Guarani e Kaiowá, por muito tempo, se fizeram invisíveis diante de um sistema educacional fragmentado, onde os estudantes indígenas se portavam como um mero telespectador, já o professor como detentor das únicas verdades e absolutas.

Também estou dialogando com intelectuais e pesquisadores indígenas como: João (2011), Aquino (2012), Souza (2013) e Benites (2014), entre outros estudiosos da educação escolar indígena no que tange os processos próprios de ensino e aprendizagens Guarani e Kaiowá, na perspectiva da desconstrução e (re)construção da educação escolar indígena.

A dissertação realiza a análise e discussão das práticas pedagógicas diferenciadas e específicas entrelaçadas pelos conhecimentos indígenas e não indígenas aplicados pelos professores indígenas formadores da V Turma do curso Ára Verá – (2015 a 2018).

Na perspectiva de identificar quais os locais que foram desenvolvidas as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas no processo de formação da V Turma – Ára Verá? Quais

os diferentes espaços e tempos? Serão nas áreas de retomadas? Área de acampamentos? Em visitas por diferentes tipos de roça? A educação escolar indígena pode ser considerada dinâmica? E aberta? Estabelece relações entre escola, à comunidade e lideranças? Interage entre os conhecimentos indígenas e não indígenas? Diante dessas questões, como seria constituir caminhos a partir do olhar e modo de viver Guarani e Kaiowá? O que os detentores dos conhecimentos tradicionais indígenas Nhanderu e Nhandesy dizem - sobre essas inquietações? Investigando os valores, costumes, espiritualidade, interculturalidade e a interdisciplinaridade onde Candau, Washe Nascimento podem contribuir significativamente fomentando a discussão e reflexão, do modo de aprender e ensinar Guarani e Kaiowá, que podem ser elementos essenciais para a vida do ser sujeito professor indígena, mas por uma razão ou outra, se torna impotente mediante um sistema educacional moderno, contemporâneo ligados a colonialidade na qual impõem insegurança, desafios, conflitos e tensões para o professor indígena.

A dissertação está organizada da seguinte forma: Introdução, Capítulo 1, Capítulo 2, Capítulo 3, Capítulo 4 e Considerações Finais, Referências Bibliográficas e Anexos.

Ao longo do texto, foram inseridas algumas perguntas destacadas em itálico e negrito, a ser vista como sugestão para futuras pesquisas que poderão ser feitas nesta seara.

O capítulo I traz a apresentação do pesquisador e sua relação com a educação escolar indígena na formação de professores indígenas.

O capítulo II traz a construção da metodologia da pesquisa estabelecendo diálogos abertos com os interlocutores da pesquisa, o uso da auto-etnografia a partir da observação, convivência e participação no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá do curso Área Verá V Turma como professor formador indígena e pesquisar, análise de documentos oficiais que tangem a criação do curso Área Verá; e as Leis, Decretos, Pareceres e Resoluções referente à Educação Escolar Indígena e a Formação de Professores Indígenas.

O capítulo III estuda o processo histórico/social/cultural de implementação do curso Área Verá. Neste capítulo foram utilizadas as entrevistas com sujeitos participantes deste processo a fim de conhecer e compreender as lutas vivenciadas pelas mesmas que constituíram as várias identidades e funções.

O capítulo IV abordará as práticas pedagógicas do modo Guarani e Kaiowá durante o processo de formação dos professores indígena no curso Ára Verá V turma, a partir do protagonismo dos professores indígenas formadores envolvendo os conhecimentos indígenas no contexto da interculturalidade, interdisciplinaridade e sustentabilidade articulando fontes orais para preencher enriquecer a pesquisa e possibilitando o surgimento de outras questões e aberturas de novas pesquisas a partir desta temática.

A realização desta pesquisa poderá direcionar, ou não, possíveis práticas pedagógicas diferenciadas e específicas que podem contribuir com os processos próprios de ensino e aprendizagem das crianças indígenas estudantes nas escolas inseridas nas áreas indígenas, a partir da ótica e do modo Guarani e Kaiowá, podendo ser um ensinamento para a dia a dia.

CAPÍTULO 1 – EU PESQUISADOR E MINHA APROXIMAÇÃO COM O CURSO NORMAL MÉDIO INTERCULTURAL INDÍGENA ÁRA VERÁ.

Nascido entre duas cidades dominadas pelo agronegócio do Estado de Mato Grosso do Sul – “Dourados e Itaporã”, localizados a 230 km da capital Campo Grande MS - indígena da etnia Guarani Nhandeva, pertencente à família extensa *Souza*, aprendendo desde muito cedo a lutar pela sobrevivência e sustentar a bandeira dos direitos dos povos indígenas, mesmo sendo criança, pois as resistências se fazem enraizadas historicamente pela família de Marçal de Souza grande defensor da causa e dos direitos dos povos indígenas.

Tenho grande satisfação em fazer parte família indígena que acorda muito cedo para conquistar o pão de cada dia como muitas outras famílias da região. Natural da Reserva Indígena de Dourados (RID), conhecida como Aldeia Francisco Horta Barbosa (Jaguapiru), pertencente à cidade de Dourados – MS.

Minha caminhada se caracteriza de maneira dinâmica, interativa e distinta⁶ de muitas crianças da RID, pois deste muito cedo tive que conciliar escola, brincadeiras e os afazeres domésticos em atividades familiares que garantiam o sustento da família. Embora na época não gostasse, às vezes me queixava, hoje percebo que todas as atividades contribuíram significativamente na formação social, política e profissional.

Meus pais cultivavam pequenas plantações de milho, mandioca, batata, mamão, abacaxi além de pequenas criações de aves, que serviam de base de nossa alimentação, o restante colocávamos na carroça para ser comercializado, trocados por outras mercadorias e objetivos na cidade ou entorno da aldeia garantindo o sustento e na maioria das vezes complementando a renda familiar.

Sempre ajudava meus pais na organização e manutenção da roça, na seleção das sementes, no plantio e na colheita. Outrora, a atividade que mais gostava era da roda de tereré, pois ali ouvia diversas histórias, em especial da origem das roças Guarani e Kaiowá. No tereré, os mais velhos contavam sobre o ser mitológico Guarani e Kaiowá

⁶ Distinta, pois nem todas as crianças partilhavam das atividades desenvolvidas pelas famílias, não porque se recusavam, mas pela falta de incentivo ou porque perderá o hábito de cultivar. ⁷ Divindade Guarani e Kaiowá dono das sementes.

chamado de - *Pai Tambeju*⁷ que ao visitar a terra, espalhava diversas sementes pelas estradas, florestas, caminhos a beira dos rios originando as roças Guarani e Kaiowá com diversidades de plantas e alimentos. Com ele nós aprendemos a plantar pequenas lavouras para nosso sustento.

Outra atividade que eu gostava de fazer juntamente com outras crianças “parentes - primos” eram momentos de passear pelos *trieiros*⁷ no meio das matas, onde diversos animais silvestres percorriam. Ali nós passeávamos caçávamos passarinho, nós jogávamos em pequenos riachos, conseguia até pegar alguns peixinhos com as próprias mãos. Que coisa boa!!! Era momento de tantas diversões juntos, que por alguns determinados momentos, penso que éramos felizes e não sabíamos. Momentos saudáveis que me alegravam e marcaram fortemente minha infância, pois compartilhava de uma reciprocidade⁸ e ainda podia respirar ar puro.

Foram de tanta valia as aprendizagens que percorreram e atravessaram a minha caminhada ao longo da minha vida. Além desse momento, com as brincadeiras, diversões, a maior preocupação era aprender as práticas diferenciadas e específicas para com o sustento da família.

Outra atividade relevante envolvendo práticas estratégicas para a manutenção e sobrevivência da família, foi a confecção e vendas de artesanatos como *jegwaká* “*kokar*”, *baraka*, arco e flecha.

FIGURA 01 - OS ELEMENTOS SAGRADOS PARA OS GUARANI E KAIOWÁ COMO JEGUAKA, MBARAKA E ARCO E FECHA, SENDO UTILIZADO EM RITUAIS CULTURAIS E RELIGIOSOS INDÍGENAS.

⁷ Caminhos que surgem no meio da mata feitos por animais denominados trilhas.

⁸ Reciprocidade sempre ocorreram entre os Guarani e Kaiowá, compartilhando algo material ou imaterial.



FONTE: SOUZA, 2018.

FIGURA 02 - BARAKA - INSTRUMENTO SAGRADO DO POVO GUARANI E KAIOWÁ, UTILIZADO EM RITUAIS RELIGIOSOS.



FONTE: SOUZA, 2018.

FIGURA 03 - ARCO E FLECHA - INSTRUMENTO SAGRADO UTILIZADO PELOS GUARANI E KAIOWÁ NA DEFESA PESSOAL E COLETIVA, CONTRA ANIMAIS FEROCES, ALÉM DE SER ESSENCIAL NA CAÇA E PESCA.



FONTE: SOUZA 2018.

Pereira (2016, p.38), explica que o arco e a flecha confeccionados pelos Guarani/Kaiowá se caracterizam:

[...], além de instrumentos de caça, são artefatos divinos, construídos por *Ñande Ryke'y*, o filho da divindade principal, representado pelo sol, do qual os Kaiowá se consideram descendentes diretos. A tradução do seu nome seria “nosso irmão mais velho”. O arco e a flecha são herança das divindades e, portanto, um signo de sua presença entre os humanos.

Estes artesanatos podem ser confeccionados por matérias primas da natureza como galhos de árvores, cipós, pena de diversas aves, outras matérias podem ser (re) significados como percebemos nas fotos 1, 2 e 3, como barbante, penas tingidas com diversas cores, demonstrando assim o respeito e cuidado com a natureza e com os animais.

Logo após a confecção dos artesanatos eram levados à comercialização. O comércio se dava em período de férias escolares, pois ali era o lugar que percorriam muitas pessoas devido à dinâmica da escola, e ainda era o momento de expor e não atrapalhar as atividades escolares. Algumas vezes também íamos vender o artesanato fora da aldeia, e alguns dos locais era o terminal rodoviário, praça de alimentação nas feiras, entre outros espaços turísticos com grandes concentrações de pessoas na cidade de Campo Grande – MS.

Essa vivência e experiências contribuíram na construção da identidade do pesquisador, desde sua infância à juventude, na qual caminhou por diversos espaços em diferentes lugares.

Gallois, (2005 p. 35), aponta que:

[...] O fortalecimento dessas experiências indígenas exige o empoderamento de sua capacidade de gerir as transformações em seus modos de vida e em suas formas de articulação aos contextos regionais tão variáveis. Esta é, provavelmente, a dinâmica mais enriquecedora da política de sustentabilidade que todos almejamos ver construído em aldeias indígenas.

Diante das diversas atividades entre o manejo da terra, confecção dos artesanatos e das vivências neste entre lugares, proporcionam estrutura sólida através das aprendizagens e ensinamentos indígenas servindo de base para lidar em diversas

situações - problemas na vida profissional, social e política, além de fortalecer o modo de ser indígena através do (re)encontro com a identidade cultural indígena.

1.1 Trajetórias escolares

A trajetória escolar inicia na Escola Municipal Francisco Meireles, localizada na Missão Evangélica Caiuá Dourados, na cidade de Dourados/MS. A escola atende em sua maioria crianças indígenas Guarani, Kaiowá e Terena, além de mestiços⁹ e não indígenas.

As aulas eram ministradas na língua portuguesa, inclusive por professores indígenas da etnia kaiowá e guarani, mostrando os impactos da educação missionária a fim de extinguir o modo de ser tradicional do indígena. Sendo assim as inúmeras tentativas de embranquecer os povos indígenas numa só língua, cultura e conhecimento, o modo de ser indígena na sua organização e forma de viver. Trata – se de um contexto bastante cruel, implantado ao processo de escolarização para os povos indígenas que faz do outro “um corpo sem corpo. Uma voz que fala sem voz. Que diz sem dizer”(SKLIAR, 2003, p 142) e que de acordo com Vietta (2002), Nascimento e Vieira (2011 p. 2) implica em dois momentos no processo colonizador: O primeiro momento caracteriza-se pela inclusão dos índios na categoria de seres humanos. Considerados como criaturas próximas dos animais este conceito se relativiza com a promulgação da Bula Papal em 1537 que declara os índios seres com alma, portanto, humanos, mas que precisam ser “educados”, pois são considerados sem lei, sem rei e sem religião, ou seja, não fazem parte do universo da cultura legitimada como humana pelos colonizadores.

O projeto de inclusão na civilização busca transformá-los em cidadãos. A escola, em suas diversas configurações, cumpre a sua parte enquanto catequizadora e transmissora/reprodutora da cultura “superior”: aquela que vem da Europa. O segundo momento apontado por Vietta (2002) desponta nos meados do século XX e “traz uma visão muito mais realista, mas sedimenta uma falsa idéia, a da aculturação” (Vietta, 2002, pág.02). Baseada nos ideais positivistas o projeto de aniquilamento cultural ganha contornos pedagógicos de uma política de integração nacional, de assimilação da sociedade envolvente. A crença de que o intenso contato leva as populações indígenas à perda/extinção de cultura possibilita aos órgãos responsáveis pelas escolas desenvolverem mecanismos onde a própria cultura fosse usada com recursos

⁹ Casamentos entre indígenas e não indígenas, na qual as crianças pertencente a duas identidades.

facilitadores para a transmissão de novos valores, valores que se contrapõem aos saberes tradicionais ignorando a capacidade indígena de conferir significados aos conteúdos que lhe são “impostos” de acordo com a sua lógica de interpretação, a partir das exigências que fogem ao modelo único ou de inserirem, sem prejuízo de suas “tradições”, novos códigos.

O fato dos objetivos para a escola serem tendenciosamente “aculturalistas” não garantem o purismo na significação das experiências vividas mediadas por conhecimentos produzidos pela tradição indígena. A presença resistente dos povos indígenas no cenário nacional reivindicando respeito às suas diferenças historicamente construídas revela o poder relativo dos projetos de homogeneização. Revela que os sentidos e significados são produzidos no espaço da tradução, das negociações – “o entre-lugar - que carrega o fardo do significado da cultura” (BHABHA, 2003, p, 69).

No entanto, no contexto atual são notórias as consequências desta política de desvalorização da língua indígena, da cultura e dos conhecimentos do ser indígena, pois vivenciei uma educação missionária.

Mesmo com essa complexa atuação da escola missionária na educação enfatizando a língua portuguesa e não indo de encontro com os valores indígenas, o que seria de mim sem a escrita dos não indígenas já que não tive oportunidade de cursar uma formação diferenciada e específica da língua guarani. Muitas vezes esse modelo de escolarização deixou-me várias marcas, mas ao mesmo tempo me proporcionou compreender todo processo histórico da escola para índios e ainda a discriminação entre os próprios indígenas.

Bhabha (2013 p.118), explica essa questão através da ambivalência: “[...] a função da ambivalência como uma das estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do poder discriminatório – seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano – está ainda por ser mapeada.” Diante destes acontecimentos vejo-me com figura ambivalente da/na seguinte forma: sou isso e aquilo, ou seja, indígena e não indígena, pois transito pelos conhecimentos indígenas e conhecimentos ocidentais, faço utilização das tecnologias indígenas e tecnologias não indígenas.

Já concluído o Ensino Fundamental na Escola Municipal Francisco Meireles, fui para a escola da cidade cursar o Ensino Médio, já que na Reserva Indígena, onde eu morava, não era ofertado. Lembro-me que na mesma época surgiu o curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá - em formação de nível médio, somente para os

indígenas Guarani e Kaiowá que atendessem as condições legais ¹⁰ no se refere à formação de professores indígenas mencionados no Projeto Pedagógico do curso no ano 1999.

De acordo com o Projeto Pedagógico de (2002, s/p) explica:

O projeto Ára Verá [...]uma abordagem curricular alternativa que visa atender o conjunto de necessidades específicas da formação de professores da etnia Guarani/Kaiowá, o que atende aos pressupostos legais com relação à formação de profissionais indígenas em educação escolar.

Este ocorrido marcou muito e devido não ser falante da língua guarani, me sentia excluído em dois momentos tais como: primeiramente na cidade por ser indígena e não falar a língua indígena, segundo por não falar o guarani e ser excluído dos cursos que exigiam a língua, como se não quisesse ser mais indígena.

Desta maneira vejo a necessidade de (re)ver as práticas pedagógicas impregnadas e implantadas pelo outro nas escolas indígenas e (re)estabelecer as práticas pedagógica diferenciadas e específicas, inclusive o uso da língua materna indígena como língua de instrução, para as escolas inseridas em áreas indígenas, proporcionando o rompimento de pensamento colonial e entre os próprios indígenas e não indígenas.

Penso que poderia ser uma conexão de se (re)encontrar com a identidade, cultura, e com a língua Guarani, na tentativa de refletir as consequências do sistema colonial na vida de diversas pessoas residentes nas reservas indígenas na tentativa de embranquecer os indígenas, no seu modo de falar, de pensar, de agir, de se organizar e de sobreviver.

O processo de alfabetização, letramento e numeramento adotado pela escola da Missão Evangélica Caiuá, era a língua portuguesa, onde todas as orientações pedagógicas se davam em torno da língua portuguesa. Importante lembrar que neste período não havia professores indígenas e falantes da língua Guarani formados a contento para que pudessem atuar como professores na escola.

Neste sentido a língua materna indígena não era praticada entre os professores, funcionários e estudantes da escola, a menos por pequenos grupos, evidenciando a falta

¹⁰ Constituição Federal; LDB nº 9394/96; Resolução CEB/CNE nº 03/99; Deliberação CEE/MS nº 4324/95; Resolução CEB/CNE nº 02/99; e Resolução nº 03/98.

de incentivo por parte da unidade escolar; sendo refletido no seio das famílias desta forma, diversas crianças indígenas esqueceram da sua língua materna indígena.

Tenho na memória a fala Senhor Reverendo Benedito Troquez, na época diretor da escola da Missão Caiuá, que estimulava diariamente o uso da língua materna indígena, porém na sala de aula não era abordada pelos professores. Um fato que me recordo é a preocupação com a produção de alimentos entre os povos indígenas. Dizendo: quando vocês forem para a roça tirar mandi'o para mamãe cozinhar, quebra um pedaço de rama e coloca no mesmo buraco. Assim vocês sempre terão a mandi'o em casa para ajudar na alimentação do pai da mãe e dos seus irmãozinhos.

Pensando nas famílias com situação de vulnerabilidade social, um simples conselho ou uma pequena ação rotineira executada poderia fazer diferença na vida de muitas pessoas da comunidade, já que a política de assistencialismo com a (distribuição de cestas básicas tem comprometido a saúde dos indivíduos com o surgimento de diversas enfermidades e patologia, além de comprometer a auto - sustentabilidade de diversas famílias indígenas, pela falta de incentivo agrícola para que os indígenas pudessem plantar colher seus alimentos, e não ficar esperando as políticas assistenciais do governo na distribuição de cestas básicas.

Outros acontecimentos ocorreram entre os espaços da escola, na reprodução do discurso colonizador na tentativa de estancar os pensamentos indígenas por idéias e conceitos colonizador, sendo reproduzido nas falas de muitas crianças indígenas, entre os corredores e demais espaços da escola, referentes ao uso da língua guarani no ambiente escolar como: “não quero falar guarani, por que não dá futuro”, “é língua feia”... “serve somente para a aldeia, queremos sair daqui... e aprender a língua portuguesa para continuar os estudos”.

Santos (1997, p.101) ressalta que para caracterizar o modo,

[...] com os povos colonizados passaram a representar a si próprios incorporando os valores dos colonizadores, mais especificamente, representado a eles próprios como os colonizadores os representavam e, neste sentido, incorporando, também, uma posição subalterna em relação a eles[...]

São reflexos de pensamentos coloniais desvalorização da língua indígena, conceitos que transitam entre diversas pessoas residentes nas aldeias, como indicativo da colonização entre os indígenas, onde a colonialidade é o colonialismo funcionando sem colônia.

Para o Munsberg e Ferreira da Silva (2018 p. 144), conceitua o colonialismo e a colonialidade:

Faz-se necessário, aqui, esclarecer os principais conceitos que integram esta reflexão. Colonialismo consiste no processo de dominação político-administrativa que visa garantir a exploração do trabalho e das riquezas das colônias em benefício das metrópoles. Já colonialidade é um fenômeno histórico complexo, relativo a um padrão de poder global, que naturaliza hierarquias (territoriais, raciais, culturais e epistêmicas), reproduzindo relações de dominação e subalternização. Para Restrepo e Rojas (2010), a colonialidade constitui-se no “lado obscuro” da modernidade, está associada ao colonialismo [...]

Neste sentido, atualmente temos o indígena e não indígena caracterizado e revestido com o pensamento colonialista. Pois todos nós de certa forma fomos contaminados pelo pensamento e ações do outro.

Esse pensamento de certa forma é uma tentativa de menosprezar, minimizar o modo de ser Guarani e Kaiowá, e até mesmo a pensarmos numa cultura inferior, baixa, sem prestígio e na qual deveríamos deixar o *nhande reko*¹¹. Muitas vezes esse comportamento é indicativo do empoderamento da cultura eurocêntrica, colonizadora, tentando homogeneizar os povos indígenas, para que haja uma política educacional destruidora de sonhos de saberes e de cultura.

Retornando a trajetória escolar, cursar o ensino médio na cidade, foi um grande desafio a ser superado, pois tratava-se de um ambiente totalmente diferente do meu contexto, uma escola centralizada cidade e na qual tive que me adaptar ao novo ambiente cercado de preconceito e discriminação. Sempre tive que estudar muito até mesmo para provar a capacidade intelectual tinha que estudar na escola dos não indígenas, podendo assim demonstrar que nós indígenas somos capazes e precisamos apenas de oportunidade e respeito ao nosso modo de pensar, se organizar e de falar a nossas idéias. “Matando um leão a cada dia”, pelo fato de ser indígena, pois tinha que me adaptar ao novo ambiente e aos novos ensinamentos do não índio.

Sair da escola pública de zona rural fez com que enfrentasse outro estereótipo com relação à formação, pois tive que estudar muito para corresponder as exigências que os professores cobravam, provando que nós indígenas temos potencial, capacidade e competência para estar naquele espaço totalmente distinto da comunidade.

¹¹ *Nhande reko* - sinaliza elementos cosmológico e espiritual para o bem viver dos Guarani e Kaiowá.

Todo este processo de vida atualmente compreende como uma existência marcada terrivelmente pela sensação em viver sob tensões como se fossem as fronteiras de isolamento, de esquecimento e da exclusão de diversos lugares.

Ao concluir o ensino médio, me inscrevi no vestibular e depois de várias tentativas consegui iniciar os estudos no curso de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) por volta do ano 2000. Fui com várias expectativas, afinal estava se abrindo novos horizontes novos saberes. Todavia não foi possível dar sequência no curso por razões pessoais.

No ano de 2004, aprovado no concurso público municipal na função administrativa da escola, lotado na escola onde cursei todo o Ensino Fundamental, iniciei uma nova trajetória e o contato com a educação através da educação popular educacional do município da cidade de Dourados – MS.

Souza (2013p 118) aponta a importância de implantar à:

[...]a educação escolar na Terra Indígena de Dourados, conforme preveem as legislações nacionais, quanto à organização e funcionamento das escolas indígenas, houve necessidade, do ponto de vista do órgão mantenedor, de regulamentação, no âmbito municipal, dos seguintes aspectos: cargo e funções de professores e administrativos indígenas; concurso público específico; criação da Daí, para implementar a educação escolar na Terra Indígena de Dourados, conforme preveem as legislações nacionais, quanto à organização e funcionamento das escolas indígenas, houve necessidade, do ponto de vista do órgão mantenedor, de regulamentação, no âmbito municipal, dos seguintes aspectos: cargo e funções de professores e administrativos indígenas [...]

Este foi grande avanço para a educação escolar e para os povos indígenas Guarani, Kaiowá e Terena, residentes no município da referida cidade.

Passar no concurso configurou o primeiro contato com a educação escolar, pois assumia função de secretário Escolar na Escola Municipal Francisco Meireles localizado na Sede da Missão Evangélica Caiuá. Enfrentei muitas dificuldades em trabalhar e desenvolver as atividades profissionais na escola, por duas razões: 1 - exigências burocráticas no setor administrativo; 2 – ser visto como incapaz de desempenhar as atividades de escrituração administrativa na escola.

Desta forma, obriguei-me a estudar, participando de cursos de informática básica, formatação de texto no pacote Office “Word, Excel, Power Point”, dentre outros

aplicativos do sistema Windows. Tudo isso para atender a exigências e demanda do trabalho.

No ano de 2005, retomo aos estudos, porém no Centro Universitário da Grande Dourados - MS¹², na área da Educação Matemática. Importante esclarecer que isto foi possível devido às bolsas de estudos para estudantes indígenas através do convênio entre FUNAI¹³/UNIGRAN¹⁴.

Foram mais de quatro anos de muita luta, de resistência de persistência com os estudos, além de várias renúncias, sacrifícios e desafios. A graduação a qual escolhi, não foi por afinidade ou por se dar bem com a mesma, mas para tentar superar as próprias dificuldades trazidas da educação básica e também por que o curso de matemática da UNIGRAN tinha três anos e meio de duração.

Estudar a Matemática, como um desafio pessoal, em compreender os conceitos do mundo ocidental e conciliar com o contexto social e cultural indígena.

Todo esse processo me despertou a curiosidade em entender como a matemática poderia ser desenvolvida de outra forma, em +-processo de (des)construção do que havia estudado, e (re)pensar como poderia ser (re)explicada numa linguagem simples e objetiva.

A discussão de novas práticas diferenciadas e específicas trazem o sentido de novos caminhos pedagógicos descoloniais. Walsh (2012 p.24), explica que:

Son estos momentos complejos de hoy que provocan movimientos de teorización y reflexión, movimientos no lineales sino serpentinos, no anclados en la búsqueda o proyecto de una nueva teoría crítica o de cambio social, sino en la construcción de caminos —de estar, ser, pensar, mirar, escuchar, sentir y vivir con sentido o horizonte de(s)colonial.

Não compreendia as linguagens matemáticas, sendo contas e mais contas nas disciplinas de Cálculo e Álgebra I e II enfim, umas coisas loucas. Tive um professor que na graduação me chamou atenção em sua fala dentro de sala de aula. Certo dia um colega questionou o professor, “o Sr não poderia contextualizar essas contas de cálculo?” Aliás, me diz para que servem essas contas? O professor olhou para a turma e disse: “Para vocês eu não sei, se vai servir para alguma coisa, mas para mim é meu ganho pão é o

¹² UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - MS

¹³ FUNAI - Fundação Nacional do Índio polo de Dourados – MS

¹⁴ FUNAI - Fundação Nacional do Índio polo de Dourados – MS

que paga o meu salário”, os estudantes ficaram tensos por alguns instantes, mas logo se transformou em brincadeira.

Nesse momento fiquei me perguntando o que estava fazendo ali? Já que tinha muitas dificuldades em compreender as aulas. Com tanta dificuldade foi me desmotivando e acabei por desistir do curso. Estive ausente da formação por dois anos e retornei à graduação lutando e demonstrando garra e força de vontade para superar as dificuldades, as fragmentações de ensino e provando para mim mesmo, que nós indígenas somos capazes basta termos oportunidade, compreensão e respeito a nossa maneira de pensar e reinventando outras formas de aprender fortalecendo nossos conhecimentos e valores culturais.

1.2 Aproximação com as práticas pedagógicas na educação básica

No início de ano de 2009, solicitei a exoneração do concurso público do setor administrativo na função de “Secretário Escolar” da Escola Municipal Francisco Meireles. Estava prestes a concluir a Licenciatura em Matemática e tinha muita expectativa em aplicar os conhecimentos adquiridos na academia durante todo processo de formação e de atuar como professor.

Então assim foi feito, mas, como havia participado de diversos cursos de informática básica, internet e aplicativos relacionados ao sistema escolar fui convocado pela Secretaria Municipal de Educação para atuar como professor multiplicador¹⁵ dos recursos tecnológicos no ambiente escolar. Assumindo no ano de 2010 a 2011, na Escola Municipal Indígena Ramão Martins¹⁶, desenvolvendo as atividades profissionais como professor multiplicador na Sala de Tecnologia Educacional.

Articulava juntamente com os professores dos Anos Iniciais e finais do Ensino Fundamental e também da Pré Escola, a utilização dos recursos tecnológicos nas práticas educacionais de ensino e aprendizagem dos estudantes indígenas Guarani, Kaiowá e Terena da aldeia de Dourados

¹⁵ Professor que ministrou no contra turno de trabalho, oficinas e formações envolvendo as tecnologias de comunicação e informação para a comunidade escolar lotados na escola indígena.

¹⁶ Escola Municipal Indígena Ramão Martins está localizada na Reserva Indígena de Dourados – MS, atende aproximadamente quinhentos alunos indígenas das etnias Guarani, Kaiowá e Terena. ¹⁸ Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu, está localizada na Reserva Indígena de Dourados – MS, atende aproximadamente mil alunos indígenas das etnias Guarani, Kaiowá e Terena. É considerada a escola mãe, a primeira escola a ser construída na área indígena no ano de 1990, na Língua Guarani e Kaiowá tem o significado de “Lugar de Ensino Eterno”

Nos anos de 2012 a 2013 atuei na Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu¹⁸, também como professor da Sala de Tecnologia Educacional, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagens dos estudantes, sensibilizando e capacitando professores indígenas e não indígenas na inclusão e utilização das mídias em suas metodologias de ensino.

Este período foi bastante significativo, pois havia a reciprocidade de conhecimentos entre estudantes, professores e gestores. Esses momentos se caracterizaram impar na minha trajetória profissional na educação escolar onde aprendi muito, ênfase que foi uma proposta do governo popular que proporcionou a estudantes, professores, gestores e técnicos administrativos a fazer uso dos recursos tecnológicos disponíveis na escola.

No ano de 2014 e 2015 atuei como Coordenador Pedagógico na Escola Municipal Indígena Ára Porã¹⁷, uma experiência sensacional, pois foi o início da reflexão do reconhecimento e do (re)encontro com a identidade cultural indígena.

Destaco que não é o alvo comparar uma ou outra escola indígena por onde transitei, mas a Escola Municipal Indígena Ára Porã, me despertou a curiosidade a partir da organização e aproximação com a Educação Indígena. Nesta escola, a língua materna indígena, o canto, a dança e os costumes Guarani e Kaiowá, são mais visíveis, ou mais utilizadas pelos estudantes e professores da escola. Essa passagem me proporcionou a refletir sobre o ensino diferenciado e as práticas pedagógicas, porém nada ainda direcionado para a esta pesquisa. Os estudantes do ensino fundamental traziam informações e sinalizações aos professores, referentes aos processos próprios de ensino e aprendizagem, porém nós professores, indígenas e não indígenas que atuam em escolas localizadas em áreas indígenas, possuímos uma roupagem, uma blindagem da era colonial, que nos impede de reconhecer o nosso próprio saber.

Desde então minha trajetória profissional caminha em direção a formação de professores e com ênfase na pesquisa, na perspectiva de identificar as diversas práticas pedagógicas significativas para o contexto escolar indígena entre o aprender e ensinar.

Surgindo a necessidade em pesquisar práticas educacionais no contexto intercultural na formação de professores indígenas, que pudessem contribuir e fortalecer

¹⁷ Escola Municipal Indígena Ára Porã está localizada na Reserva Indígena de Dourados – MS, Aldeia Bororó, atende aproximadamente seiscentos alunos indígenas Guarani e Kaiowá, falantes da língua

o modo de ser enquanto indígena guarani e kaiowá, que possui uma cultura, uma história entre saberes milenares que por séculos ficaram isolados e distanciados dos espaços escolares.

Para Bhabha (2013 p. 56), trata da negociação entre elementos híbridos:

Em tal possibilidade discursiva, o evento da teoria torna-se a negociação de instancias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e razão prático-político.

A negociação entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos ocidentais é possível na medida em haja diálogo, respeito e valorização de um para com o outro, entre os conhecimentos, sendo o professor indígena o elemento principal nesta negociação estabelecendo igualdade e paridade nos conhecimentos.

No ano de 2015 foi implantado nas escolas indígenas do Dourados juntamente com a Universidade Federal da Grande Dourados - MS, de acordo com a

materna indígena, atende desde a Educação Infantil aos anos Finais do Ensino Fundamental. Vejo como o celeiro dos saberes indígenas, pois, ficava observando os diversos conhecimentos que os alunos traziam para a escola, como danças, rezas e mitologia e tecnologia indígena, na oportunidade acompanhei alguns trabalhos embora alguns isolados, mas tentavam desenvolver algo inovador. Onde me despertou para conhecer um pouco mais sobre as práticas diferenciadas no sentido de retribuir com a educação escolar indígena.

portaria nº 98 de 06 de dezembro de 2013, a ação Saberes Indígenas na Escola com as seguintes definições:

[...] a Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 5º da Portaria do MEC nº 1.061, de 30 de outubro de 2013, que institui a ação Saberes Indígenas na Escola, no âmbito do Ministério da Educação, e tendo em vista o Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre a organização da educação escolar indígena em Territórios Etnoeducacionais, e a Lei nº 12.801, de 24 de abril de 2013, que dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

No Art 2º da portaria nº 98 de 06 de dezembro de 2013 - Ação Saberes Indígenas na Escola traz os seguintes objetivos:

I- promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas;

II - oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas;

III - oferecer subsídios à elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas;

IV - fomentar pesquisas que resultem na elaboração de materiais didáticos e paradidáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues, conforme a situação sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena.

Por estar atuando na coordenação pedagógica da Escola Municipal Indígena Ára Porã, consequentemente fui selecionado através da equipe da Secretaria Municipal de Educação de Dourados e UFGD, para atuar como Orientador de Estudos de acordo com o Art. n° 22 da portaria n° 98 de 06 de dezembro de 2013:

Cabem ao orientador de estudo as seguintes atribuições:

- a) participar dos encontros presenciais, alcançando no mínimo 75% (setenta e cinco por cento) de presença;
- b) ministrar a formação aos professores cursistas em sua comunidade ou polo de formação;
- c) planejar e avaliar os encontros de formação junto aos professores cursistas;
- d) acompanhar a prática pedagógica dos professores cursistas;
- e) avaliar os professores cursistas quanto à frequência, à participação e ao desenvolvimento de sua prática de ensino;
- f) analisar os relatórios das turmas de professores cursistas e orientar seu encaminhamento;
- g) manter registro de atividades dos professores cursistas em suas turmas; e
- h) apresentar ao núcleo os relatórios pedagógico e gerencial das atividades referentes à formação dos professores cursistas.

A partir da formação Ação Saberes Indígenas na Escola começo a pensar em desenvolver um estudo dos processos próprios de ensino e aprendizagem guarani e kaiowá, no contexto da escola indígena, não no sentido de dissertação e sim para contribuir na produção de conhecimento, mas principalmente em proporcionar aos

professores, gestores e estudantes indígenas a compreensão e importância de envolver as práticas pedagógicas contextualizadas de acordo com a realidade dos indivíduos.

Segundo o Referencial Curricular Nacional Educação Escolar Indígena 1998 p. 22 enfatiza que:

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo...

Então percebi a necessidade de estudar, pesquisar, participar de um grupo de estudo ou de pesquisa para poder compreender o processo da Educação Escolar Indígena e poder contribuir da melhor forma possível com os professores e estudantes da escola, visto que o conhecimento dito “universal” era o mais utilizado pelos educadores das instituições em que desenvolvi minhas atividades de professor.

Surgiu o interesse em pesquisar sobre as práticas diferenciadas e específicas do povo Guarani e Kaiowá, de modo que os professores pudessem envolver os saberes indígenas, a cultura e a língua materna a partir da formação continuada a Ação Saberes Indígenas na Escola.

Foi no encontro da formação Ação Saberes Indígenas na Escola no ano de 2015 na Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu, na abertura da ação Saberes Indígenas na Escola, meu contato inicial com os mestres tradicionais Nhanderu e Nhandesy no espaço escolar.

A aproximação com os mestres tradicionais Nhanderu Valério Vera e Nhandesy Floriza, foi a oportunidade que precisava para poder compreender o sentido da educação escolar indígena na reconstrução de uma nova escrita, com outro olhar, a partir da (des)colonização, da valorização dos saberes indígenas, na utilização do ensino com pesquisa, das outras metodologia de ensino envolvendo as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas, mas principalmente na interação com os mestres (as), sábios (as) Nhanderu e Nhandesy no espaço escolar, quais se encontram a muitos anos a margem da escola.

Bhabha (2013 p.19), explica que:

[...]não é nem novo horizonte, nem um abandono do passado...Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos e séculos, mas neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de transito em que espaço e

tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.

Se observarmos a escola a partir de fora, poderemos ver os diversos conhecimentos percorrendo os espaços escolares, porém esses conhecimentos não são vistos e reconhecidos pelo outro, no qual em algum momento nos posicionaram como o outro. Por não romper com as fronteiras do conhecimento cultural e histórico que tem transitando pelos espaços da escola, mas que se fazem invisíveis aos currículos institucionais de muitas escolas inseridas no contexto indígena. Farei esta discussão mais de perto nos próximos capítulos ao tratar de práticas pedagógicas específicas e diferenciadas.

De janeiro a julho de 2016, pude desenvolver minhas habilidades enquanto professor de matemática na graduação de professores indígenas na Faculdade Intercultural Indígena –Teko Arandu¹⁸, na área das exatas. Sendo por pouco tempo, foi uma experiência não muito gratificante, pois não tive tempo suficiente e tranquilidade para exercer a função de professor no curso de licenciatura em Matemática, devido a interrupção, “término” de contratos de professores “convocados” da Rede Estadual a fim de atuar na licenciatura UFGD - FAIND.

Ao transitar por um curto período pelo espaço da universidade, tem – se o entendimento de transitar nos lugares, não como estudante indígena, mas como formador indígena, de certa forma o professor indígena assumindo o protagonismo indígena no processo de formação, com base nas escolas indígenas, comunidades indígenas, vivências e espaço acadêmico, uma articulação de valores, com conhecimentos proporcionando o rompimento de fronteiras, não geográfica ou fisicamente, mas, pedagógica e epistemologicamente.

Na concepção de Bhabha (2013) nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e contra vertido...

Percebia que minha presença na instituição despertava olhares estranhos por vezes, algumas com superioridade, esses olhares me levavam a pensar de forma simplista, que seria por que não teria titulação, por sinal era um professor em processo de descobrimento de conhecimentos indígenas e não indígenas.

¹⁸ Teko Arandu – na língua guarani tem o significado de conhecimento sobre a vida e o espaço territorial.

Nos contextos históricos, e atualmente nós indígenas, estamos vivendo num período de adaptação entre-lugares, e por certos momentos somos vistos como incompetentes ou incapazes de desenvolver atividades profissionais dentro de uma instituição federal que visa a formação intercultural entre os professores guarani e kaiowá.

Alinhando o pensamento com Bhabha (2013 p. 20):

Esses “entre lugares” fornecem terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva –que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.

Analisando a caminhada que percorri diante vários desafios de lugares distintos e desconhecidos até chegar à docência na formação de professores indígenas, e apesar de todas essas dificuldades, pude me proporcionar experiências a partir destes diversos espaços transitados como: roça, comunidade, cidade, escola e universidade.

Transitando pelos espaços da universidade como docente indígena, despertou a sensação da descolonização do outro, o rompimento de paradigmas pelo fato transitar no terreno do outro, sendo novos espaços, escorregadios e hibridizados por diversos conhecimentos, tensões, vivências e experiência ligado ao processo de aceitação e respeito da imagem do dito colonizado.

Para Bhabha (2013 p. 95):

A imagem é a um tempo uma substituição metafórica, uma ilusão de presença, e, justamente por isso, uma a partir dessa extremidade do sentido e do ser, a partir dessa fronteira deslizante de alteridade dentro da identidade [...]

Uma caminhada dolorosa devido ao processo de (des)colonização do ser, do saber e do poder, entre os indígenas e não indígenas intelectuais no ambiente acadêmico vivenciando e praticando a interculturalidade.

A presença do professor formador indígena, sobretudo despertava olhares e rumores pelos espaços acadêmicos da Faculdade Indígena no sentido de que a instituição “formadora” e colonizadora estava se deparando com o processo de (des)colonização, pois até então a presença dos indígenas se procedia somente como estudantes e não como formador.

Sentia-me como estranho, o outro, ou até mesmo o diferente, transitando naquele espaço até pouco tempo impossível para nós indígenas, todavia estamos em

pleno movimento, na qual as transformações vêm ocorrendo de forma gradativa por meio do envolvimento e conquista de novos espaços.

Skliar (2003, p. 99), explica que:

O outro já não parece ser somente um fora permanente, ou uma promessa integradora, ou seja regresso à nossa hospedagem, ou sua estrangeirice, ou seu andar errante e/ou vagabundo. Sua irrupção confunde o espaço da mesmidade. E é também a falta de espaços, a perda de espaços, descobrimento de espaços, o desdobramento de espaços, aquilo que nos causa a perplexidade do presente: assim como precisamos também de um outro espaço e de espaço outro.

Em maio de 2016, através da realização do VII Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena do Estado de Mato Grosso do Sul –FOREEIMS, na cidade de Dourados, Reserva Indígena Jaguapiru, na Escola Municipal Indígena Tengatú Marangatu, é apresentado pela organização do evento, que haverá inscrições para compor a vaga de professor formador indígena/coordenador pedagógico do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá – V Turma; Sendo que os interessados deveriam procurar a organização do FOREEIMS para realizar a inscrição.

Dois (02) professores indígenas foram apresentados a organização estadual de professores indígenas “FOREEIMS”, sendo escolhido mediante a aclamação proporcionando a oportunidade de conhecer, conviver, aprender e de reencontrar com a educação indígena. Pois o curso Ára Verá oportuniza o reencontro com os diversos saberes e conhecimentos tradicionais indígenas a partir da presença de professores indígenas, lideranças, mestres tradicionais, crianças e outros indivíduos estudiosos da causa indígenas.

A V Turma do curso Normal Médio Intercultural Indígena - Ára Verá se constitui de maneira distinta das outras turmas, devido a participação de professores indígenas Guarani e Kaiowá como formadores do curso e também pelos encontros presenciais serem realizados nas comunidades indígenas.

Em julho de 2016, na aldeia de Amambaí – MS, tive o primeiro contato como formador do curso de professores indígenas em nível médio – Ára Verá. Logo percebi a diferença da organização: carteiras não enfileiradas, professores do curso, alunos, lideranças, mestres tradicionais, crianças e outros convidados se misturam no mesmo espaço. Pois todos ensinam e aprendem através do diálogo, reflexões, discussão e experiência de vida. Sendo a dinâmica do curso contrária da escola convencional, ali se

aprendia se informava de diversos temas ligados a questões indígenas, havendo a integração de conhecimentos na formação de professores indígenas.

Isto marcou a trajetória logo de início, pois as práticas e organizações das aulas diferem da escola moderna modelo ocidental, pois como professor pensava em ministrar as aulas, os conteúdos, porém os Guarani e Kaiowá veem esses momentos onde se propicio a tratar de outras questões referentes à educação, território, saúde, segurança e outras questões indígenas.

Um “aulão”, devido, a diversidade de questões, temáticas e conhecimentos indígenas e não indígenas, ampliando assim as discussões, informações e conhecimentos dentro do mesmo espaço, estabelecendo o diálogo, a reciprocidade de conhecimentos e saberes, pois naquele espaço todos ensinam, aprendem e compartilham experiências, vivencias lutas e conhecimentos.

FIGURA04 - V TURMA DO CURSO ÁRA VERÁ – 2015, REGISTRADA PELO PESQUISADOR NA CIDADE DE DOURADOS – MS, NA ALDEIA JAGUAPIRU EM JANEIRO DE 2018 DEMONSTRA A ORGANIZAÇÃO EMCÍRCULO, ONDE TODOS ESTÃO NO MESMO NÍVEL DE DISCUSSÃO SEM DESTAQUE AO PROFESSOR “REGENTE”.



FONTE: SOUZA 2018.

Este momento foi marcante para mim, no sentido de reaprender a compartilhar o espaço de formação, a organização das aulas, a participação dos mestres tradicionais Nhanderu e Nhandesy na formação de professores indígenas em nível médio.

Na abertura das aulas, via a alegria dos estudantes indígenas do curso Ára Verá, na participação do Nhanderu e Nhandesy, que fomentavam o equilíbrio cultural,

espiritual e social através do *Jehovasa*¹⁹. Um ato cultural dos Guarani e Kaiowá, transformando tudo em risos, alegria, sintonia, comunhão, simplicidade e harmonia entre os envolvidos na formação Ára Verá.

Isto despertou o meu interesse em pesquisar como se relacionamos diferentes saberes no processo de formação de professores indígenas e quais as práticas diferenciadas presentes na formação? Desta maneira havia muitas curiosidades, pois estava atuando como professor formador do curso Ára Verá V Turma.

A participação como professor indígena na formação de professores indígenas no curso, primeiramente foi me deparar com a maneira distinta e diferenciada na organização das aulas, com a participação de todos os professores formadores do curso Ára Verá no mesmo período de aula e por todos os dias da etapa. A participação dos sábios e sábias tradicionais, estabelecendo uma relação entre os conhecimentos indígenas e não indígenas e a participação dos alunos indígenas. Neste sentido percebi os diferentes saberes articulados entre conhecimentos, valores e saberes, surgindo assim os desafios, as tensões e a vontade de pesquisar as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas e como inserir no processo de formação de professores indígenas em nível médio, articulando os conhecimentos indígenas e não indígenas, podendo ser aplicadas em diferentes espaços de estudos da educação escolar indígena para(re)encontrar, (re)descobrir, (re)conhecer, (re)aprender e (re)fazer.

No decorrer do ano de 2016, vi a necessidade de aprofundar os estudos sobre a questão da Educação Escolar Indígena e a Interculturalidade, participando do processo seletivo da Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado/Doutorado (PPGE) iniciando os estudos em 2017.

O curso magistério indígena diferenciado e específico Ára Verá, construído pela participação de lideranças, professores indígenas, mestres tradicionais e colaboradores não indígenas compreendo como o hibridismo cultural.

Nesta perspectiva Bhabha, (2013), mostra que o hibridismo cultural acolhe as diferenças sem hierarquizar uma ou outra, entretanto elas se embaralham de alguma forma consolidando uma rede de conhecimentos e valores, como uma passagem

¹⁹ Ritual sagrado direcionado pelo líderes espirituais (Nhanderu/Nhandesy), detentor dos saberes indígenas, é praticado nos grupos familiares Guarani e Kaiowá, seja em formações, encontro de professores, reuniões, celebração cultural no sentido de abençoar o encontro e os estudos.

intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta.

Nascimento e Vinha (2012 p.70), explicam que

Ainda carentes da consolidação de um espaço no Sistema Nacional de Educação, que se mostra muitas vezes engessado, com poucas alternativas que contemplem as complexidades dos sistemas próprios de avaliação, de ensino, aprendizagem e de metodologias próprias, os indígenas se movimentam frente a essas formas hierarquizadas e acabadas postas pelo referido Sistema. Os processos de hibridação cultural são constituídos por saberes indígenas que também devem ser respeitados em suas lógicas e em suas ressignificações.

Compreendo que o hibridismo cultural acontece na troca de experiência e conhecimentos entre professores formadores indígenas, estudantes, crianças e sábios (as) indígenas Nhanderu e Nhandesy detentores do saber indígena e professores não indígenas na formação de professores indígenas curso *Ára Verá*, as negociações e ressignificações entre os conhecimentos indígenas e não indígenas se entrelaçam entre si.

O meu transitar, no “*entre lugares*” por diferentes espaços ao longo de minha vida profissional, entre experiências em comunidades indígenas, vivências com o mundo não indígena e outros atravessamentos enfrentados pela escola missionária e do não indígena, oferecem suporte básico para a discussão, sendo necessária a ponte teórica com autores dos Estudos Interculturais, na discussão da diferença, da fronteira, do hibridismo, da identidade, a partir de Bhabha, (2003), Hall, (2003) e Backes (2005) além de outros estudiosos da questão, que enfatizados nos próximos capítulos desta dissertação em questão o curso Normal Médio Intercultural Indígena *Ára Verá* - V Turma que iniciou no ano 2015 a com o término em 2018.

A minha participação na formação de professores do curso *Ára Verá* V turma, possibilitou o reencontro com as raízes culturais indígenas Guarani e Kaiowá, a partir do diálogo, da interação com estudantes do curso *Ára Verá* - V turma e principalmente com a proximidade com os mestres tradicionais a olhar o espaço de escolar através da ótica Guarani e Kaiowá, dialogando e compreendendo a necessidade de romper com as lógicas da educação tradicional “colonial”.

FIGURA05 - MOMENTOS ENTRE SÁBIOS/SÁBIAS TRADICIONAIS INDÍGENAS ENTRE CURSISTAS E PROFESSORES INDÍGENAS FORTALECENDO A CULTURA INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ, A PARTIR DOS CANTOS, REZAS E DANÇAS, ANTES DE QUALQUER

ATIVIDADES ESCOLAR DO CURSO, VEMOS AO CENTRO DA FOTO O NHANDERU OLIMPIO E NHANDESY MIRIAN MORADORES DA TERRA INDÍGENA NHANDERU LARANJEIRA MUNICÍPIO DE RIO BRILHANTES – MS, FALANDO A IMPORTÂNCIA DE PRATICAR O CANTO, REZA E DANÇA DO POVO INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ NO CULTIVO DOS SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS.



FONTE: SOUZA, 2018.

Práticas como esta é comum no processo de formação dos professores indígenas – curso Ára Verá, onde o (a) sábio/sábia tradicional aborda valores étnico, social e cultural.

Candau, (2009, p. 24) diz que:

[...] É assimilar a necessidade de viabilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que diferencialmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo e ainda, é racial, moderno-ocidental e colonial. Uma ordem em que todos fomos, de uma maneira ou de outra, participantes. Assumir esta tarefa implica em um trabalho de orientação decolonial, dirigida a romper correntes que ainda estão nas mentes[...]e desaprender o aprendido para voltar a aprender[...]Um trabalho que procura desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistemológicas da colonialidade.

A pesquisa versa sobre as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá V Turma, sendo que as mesmas foram desenvolvidas a partir do modo de ser Guarani e Kaiowá, sendo realizado em comunidades indígenas, acampamentos e roças tradicionais, a perceber quais as contribuições que esses lugares proporcionaram a formação de professores indígenas em nível médio entre os anos de 2015 a 2018. Rompendo com paradigmas de forma convencionais e padronizados de caráter eurocêntrico, sinalizando outras possibilidades de aprendizagens através das práticas pedagógicas diferenciadas e específicas Guarani e Kaiowá relacionados aos tekohas tradicionais indígenas.

Para Candau (2009), os diferentes modos de pensar, de ser, de estar, de aprender, de ensinar, de sonhar e de viver se entrelaçam para além da sala de aula, superando as margens e limitações curriculares das escolas.

CAPÍTULO 2 – CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa se caracteriza pelo cunho qualitativo, estabelecendo diálogo com alguns egressos do curso Ára Verá referente a I turma da década de 1999, para a saber do processo histórico, luta pela implantação do curso Ára Verá, de acordo com a visão dos indígenas participantes da pesquisa.

A partir do envolvimento e participação do pesquisador como formador da V Turma curso Ára Verá, será utilizado no processo de formação a partir da auto etnográfica será utilizada não no sentido descrever as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos formadores indígenas do curso Ára Verá V Turma, mas com intuito de engajar a discussão sobre as práticas pedagógicas específicas e diferenciadas, direcionando caminhos para a educação escolar indígena através da pesquisa e produção do conhecimento tendo como ponto de partida o ensino diferenciado, específico desenvolvido na formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá em nível médio.

Através da análise e do estudo de documentos oficiais que descrevem a criação do curso Ára Verá, a proposta curricular da formação dos professores indígenas em nível médio e a legislação que ampara a formação de professores indígenas e a educação escolar indígena indicam a legalidade e respaldo para a realização da pesquisa a compreender o conceito de ensino diferenciado e específico no contexto Guarani e Kaiowá.

Assim, a pesquisa se constitui de maneira não linear, sendo constituída por diversas informações e conhecimento no diálogo com diferentes sujeitos servindo de inspiração por diferentes textos, autores, artefatos, experiências, vivências e convivências; se aliando ao campo teórico na busca por compreender o campo da pesquisa e a questão - problema apresentado.

No bojo da discussão da temática da educação escolar indígena, dialogo com pesquisadores intelectuais Guarani e Kaiowá já supracitados anteriormente agregando a pesquisa conhecimentos indígenas, valores culturais, o protagonismo do professor indígena os pilares da educação escolar.

As questões das práticas pedagógicas diferenciadas e específicas percorreram diferentes espaços, porém contextualizados no modo de vida dos Guarani e Kaiowá como: áreas de retomadas, acampamentos, visitas diferentes tipos de roça, mas principalmente a roça tradicional Guarani e Kaiowá, denominada de “kokue jopora”, estabelecendo diálogos abertos entre saberes indígenas e não indígenas a partir da visão e modo Guarani e Kaiowá juntamente com os detentores dos conhecimentos indígenas Nhanderu e Nhandesy, agregando valores, costumes, a espiritualidade, a interculturalidade onde Candau (2009), Marin (2009), Arroyo (2012), Wash (2012) e Nascimento (2010, 2011 e 2012) nos possibilitam discutir, refletir e compreender como a interculturalidade se estabelece no processo formação do curso Ára Verá.

Saber como a interculturalidade se estabelece no processo de formação, na relação do diálogo e negociação com o *outro*, pois os saberes indígenas ficaram por décadas fora do ambiente escolar, fruto de uma educação colonizadora e homogeneizadora implantada nas comunidades indígenas. Neste sentido, a pesquisa irá buscar compreender como se procede a conexão de diferentes saberes e qual a contribuição para a Educação Escolar Indígena.

De acordo com Marin(2009 p. 128) a interculturalidade:

[...] Tem o significado não somente de respeito à diversidade, mas, principalmente, de aproveitar a riqueza da diversidade nas culturas[...]implica igualmente assumir o desafio epistemológico do reconhecimento da existência de outras visões de mundo e de aceitar a validade de outros conhecimentos e de outras formas de construir conhecimentos[...]

Neste sentido que Marin proporciona a reflexão, na perspectiva de construir conhecimentos de outras formas, sendo a interculturalidade o ponto a ser trilhado, pois a mesma nos possibilita realizar nossas investigações a partir do que sentimos, vemos, tocamos, manuseamos e escutamos. Uma das premissas das pesquisas pós-críticas que nos oferece apoio teórico para realizar esta investigação e produção conhecimentos.

Para Candau, (2009 p. 14), a interculturalidade surge:

[...] com lutas [...] - uma perspectiva crítica da interculturalidade, que se encontra... numa pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; isto é, projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que assumem a perspectiva da decolonialidade.

A articulação com Bhabha (2013), Hall (2003), Meyer e Paraíso (2012) e Batista (2006) faz necessária a reflexão de conceitos sobre a Cultura, a Identidade e a Diferença a partir dos Estudos Culturais com direcionamento da pesquisa pós-crítica em educação e fazendo pesquisa com meu povo.

No entendimento a partir dos estudos, em sintonia com Bhabha (2013), é possível compreender a necessidade desta formação, pensadas pelos Guarani e Kaiowá na década de 1999, caracterizando como uma abertura de fronteiras e o (re)nascimento do sujeito como protagonista de um novo paradigma. Este elemento agrega a (re)significação, (re)escrita, (re)contagem da história vivenciada entre o Guarani e Kaiowá no período colonial e atual, a inserção dos professores indígenas como formadores, a valorização dos conhecimentos tradicionais são fatores articulados aos estudos culturais.

Na compreensão de Hall (2003), estamos passando por um processo de desconstrução de identidade homogênea ou unificada, pois não existe identidade fixa e sim multiplamente construída durante sua trajetória social, cultural, acadêmica entre os discursos e práticas desenvolvidas em seu entorno estando constantemente em processo de mudança e transformação de acordo com a questão.

Para Hall (2003 p. 4):

Tem a haver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos” mas muito mais com as questões “quem nos podemos nos tornar” “como nós temos sido representados” e “como esta representação afeta a forma como nós podemos representar nos próprios”. Elas têm tanto haver com *invenção* da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas se obrigam a ler não como uma incessante reintegração mas como “o mesmo que se transforma”.

No entanto, os indivíduos constituem as diversas identidades culturais perpassando pela vivência, convivência entre diversos espaços e interação com a prática e o discurso proporcionam a construção das identidades. Neste contexto os egressos do curso na década de 1999 constituíram múltiplas identidades: políticas, culturais, sociais e lideranças.

Meyer e Paraíso (2012) nos ajudam a investigar e explicitar que existem outras formas de ensinar e aprender entre possibilidades em diferentes espaços a partir de artefatos culturais proporcionando novas invenções e procedimentos metodológicos que ajudam a “ler” esses diferentes artefatos e relacionar com a educação escolar neste caso a educação escolar indígena.

A partir dos estudos realizados, vejo que é possível construir novos caminhos e conhecimentos nesta direção, buscando modificar o dito e o feito sobre a educação escolar indígena e os currículos.

Meyer e Paraíso (2012 p. 27) explicam que:

Temos como *premissa*, em primeiro lugar, que este nosso tempo vive mudanças significativas na educação porque mudaram as condições sociais, as relações culturais, as racionalidades. Mudaram os espaços, a política, os movimentos sociais, e as desigualdades. Mudaram também as distâncias, as geografias, as identidades e as diferenças. Mudaram as pedagogias e os modos de ensinar e aprender. Mudaram as estratégias de “colonizar”, de educar e de governar [...] *educamos e pesquisamos em um tempo diferente*.

Nesta concepção que a pesquisa se desenvolve na busca por compreender como seriam, na prática, os conceitos de práticas pedagógicas específicas e diferenciadas na ótica dos professores formadores Indígenas e não indígenas do curso normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá - V Turma.

2.1 Estabelecendo diálogos entre os indígenas

Os diálogos estabelecidos com os participantes da pesquisa envolveram seis professores indígenas Guarani e Kaiowá, sendo quatro professores do sexo masculino e duas do sexo feminino, na qual cinco são egressos da primeira turma de 1999, nesta época já apresentavam múltiplas identidades, integradas aos encontros no Movimento de Professores Indígenas Guarani e Kaiowá, a grande Assembléia Guarani e Kaiowá como Membros do Aty Guasu e por terem atuado diretamente na luta pela implementação do curso. Para isso, foi necessário construir diálogo com professores indígenas respondendo os objetivos da pesquisa com relação à implementação do curso Ára Verá na década de 1999.

Outro diferencial para a escolha dos participantes da pesquisa foi o fato de alguns deles terem atuado de maneira direta ou indireta²⁰ como professores formadores do curso Ára Verá V Turma. Ressalto a não participação de duas pessoas professores (as) na formação da V turma do curso Ára Verá, porém trouxeram informações essenciais para sistematização, compreensão e implementação do curso Ára Verá na década de

²⁰ Maneira direta ou indiretamente me refiro aos profissionais da educação escolar indígena que tem participado no processo de formação de professores indígenas V turma curso Ára Verá; mesmo não fazendo parte do quadro docente de formadores.

1999, cujas pessoas tem atuado como professor (as) indígena em suas comunidades dos anos iniciais do ensino fundamental.

Na pesquisa será utilizada a palavra *Mbo'eháry*, que na língua Guarani tem o significado de professor, sendo enumerado de 1 a 6.

É esclarecendo que o *Mbo'ehary*⁶, realizou o caminho inverso da formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá, frequentando escolas não indígenas localizadas próximos as aldeias indígenas enquanto educação básica, graduado em pedagogia e mestrado em história por uma Universidade Federal da Região Cone Sul, se reencontrando com a formação de professores indígenas e a educação escolar indígena, embora sempre participativo nos encontros de professores indígenas, vem ter maior envolvimento a partir do curso de professores indígenas Guarani e Kaiowá na V turma - *Ára Verá*, como formador indígena do curso.

Este professor, mesmo transitando por outras formações e espaços, consegue manter a língua materna indígena, os conhecimentos tradicionais indígenas e modo de ser guarani e kaiowá em meios a tantas sombras do sistema educacional homogeneizador que por centenas de anos tentou converter os indígenas para uma só língua, costume e cultura. Ele se caracteriza como ponto essencial de mediação entre a pesquisa, as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas em torno do processo de formação dos professores indígenas que trataremos no terceiro capítulo deste trabalho, juntamente com os (as) sábios (as) tradicionais²¹ Guarani e Kaiowá, participantes na V turma do curso *Ára Verá*, entre os anos de 2015 a 2018.

No quadro a seguir são representados os professores indígenas egressos da I Turma do ano de 1999 sujeitos da pesquisa. É importante esclarecer que estes contribuíram na compreensão das identidades constituídas durante este processo de luta, entre o movimento de lideranças e de professores cursistas compreendendo como interlocutores fundamentais do processo histórico da criação do curso.

Os entrevistados serão identificados como *Mbo'eháry*, 1, 2, 3, 4, 5 e 6, a fim de manter a integridade dos sujeitos, não por que eles não queiram se identificar, mas sim por haver, solicitação de uma determinada pessoa, pois não quer ser identificada ao revelar indagações e inquietações sobre o processo de formação de professores indígenas na sua perspectiva histórica.

²¹ Sábios (as) tradicionais indígenas, detentores do saber indígena na cosmologia Guarani e Kaiowá.

Para investigar as práticas pedagógicas específicas diferenciadas foi realizado diálogo com professores formadores indígenas do curso Área Verá V turma entre os anos de 2015 a 2018, no uso da auto etnografia acontece a partir da observação, convivência e participação no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá do curso Área verá V Turma do professor formador indígena e pesquisar.

A participação do pesquisador e formador trouxe informações das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores formadores indígenas do curso Área Verá V turma, no entendimento e aplicabilidade do ensino diferenciado e específico na formação de professores indígenas.

QUADRO 01 – PROFESSORES INDÍGENAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Identificação	Membro do Conselho Aty guasu ²²	Membro do Movimento de professores	Formação Curso Área Verá ano de 1999	Atuou na V turma Área Verá	
				Sim	Não
Mbo'eháry 1 Guarani	X	X	X	X	-
Mbo'eháry 2 Guarani	X	X	X	-	X
Mbo'eháry 3 Guarani	X	X	X	-	X
Mbo'eháry 4 Kaiowá	X	X	X	X	-
Mbo'eháry 5 Guarani	X	X	X	X	-
Mbo'eháry 6 Kaiowá	-	-	-	X	-

FONTE: SOUZA 2018.

2.3Os participantes da pesquisa

Dialogando primeiramente com o Mbo'eháry 1, 41anos de idade, pertencente a etnia Guarani, morador na região do Cone Sul, falante da língua materna indígena, egresso da 1 Turma em 1999, atuou como professor formador do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Área Verá, possui graduação na Área da Ciências Humanas pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD/FAIND – MS. Possui o nome

²² Grande assembleia do povo Guarani e Kaiowá.

indígena na língua guarani Ava Reju²³, atuou no curso Ára Verá V na turma 2015 a 2018, Membro do Movimento de Professores Indígenas Guarani e Kaiowá, membro do Aty Guasu no setor da educação e representante no Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena (CNEEI) - Ministério da Educação – MEC.

O professor foi fundamental na composição do quadro dos sujeitos pesquisados, fornecendo direções de outros informantes que poderiam contribuir com a pesquisa a ser desenvolvida, vivenciando a luta pela implementação do curso Ára Verá, e atuando como formador indígena do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ara Verá V turma, enfatizando a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas na formação de professores indígenas do referido tema de pesquisa.

Mbo'eháry², residente na região Cone Sul Guarani, egresso da I Turma do curso Ára Verá, desenvolve suas atividades profissionais nos anos iniciais do ensino fundamental, desde 2002. Relata que (re)aprendeu a valorizar a língua materna indígena e a própria cultura, (re)conhecendo a importância da língua materna indígena no processo de alfabetização das crianças indígenas. O diálogo ocorreu no espaço de formação do curso Ára Verá, sendo que a professora apresentava uma voz tímida e desconfiada de início, talvez por não se sentir a vontade com um interlocutor homem, pensava muito antes de iniciar as falas, muito cautelosa com as palavras e respostas. Sendo uma característica do Guarani em observar, analisar e pensar muito bem na colocação das palavras.

De acordo com Batista (2006, p 1) “é importante ouvir as pessoas. Para ouvir é preciso examinar você mesmo, como você é, como você está se relacionando, vivendo com a comunidade. Só depois pode dialogar com outras pessoas”.

Esta afirmação fez com que olhasse para mim mesmo de dentro para fora, um processo de desconstrução entre os indígenas pesquisador e sujeito da pesquisa, na busca pelo diálogo comigo mesmo, para só então depois partir em busca da confiança e a troca de informações a partir daquele instante, pois mesmo que sejamos indígenas Guarani e Kaiowá temos nossas diferenças uns para com os outros, entretanto isto enriquece a entrevista e a produção do conhecimento.

²³ Nome de batismo data pelo Nhanderu, batismo religioso Guarani e Kaiowa Ava Reju tem o significado sol brilhante, na qual me referirei na abordagem da pesquisa

Aos poucos a professora foi (re)lembrando e (re)vivendo sua trajetória de luta e resistência pela criação do curso Ára Verá, em meios a desafios e tensões.

Mbo'eháry³, idade 43 anos, morador na região Cone Sul, egressa da I Turma do curso Ára Verá, graduada na área de Linguagem pela UFGD/ FAIND no ano de 2007, contribuiu no processo de implementação do curso, observando as falas dos mestres tradicionais ajudou na construção do projeto pedagógico do curso em andamento. Atualmente exerce a função de professora na Pré Escola e alfabetiza crianças no 2º ano do ensino fundamental nos anos iniciais do ensino fundamental na língua materna em sua comunidade.

Mbo'eháry⁴, pertencente a etnia Guarani, falante da língua materna, 46 anos de idade, egresso da I Turma do curso Ára Verá, graduado na Área das Ciências Humanas pela UFGD/FAIND e Membro do Conselho do Aty Guasu, se auto identifica como grande articulador entre as lideranças indígenas com as instituições governamentais e não governamentais. Na V Turma do curso Ára Verá, participou como professor colaborador historicizando o processo de luta para implementação do curso Ára Verá. Relata que desde muito jovem, aproximadamente aos 12 anos de idade participa de reuniões juntamente com diversas lideranças tradicionais, onde viu e ouviu os velhos descreverem como sonhavam com a educação escolar indígena. Enfatiza que os professores indígenas presentes catavam os sonhos, as idéias e as palavras vinculadas a formação de professores indígenas, onde se cria o curso Ára Verá.

No diálogo com o Mbo'eháry 4, ficam claros os acontecimentos do processo de (des)colonização, de negociação, ambivalência e hibridismo entre os próprios parentes Guarani e Kaiowá, na aceitação do curso almejado pelas lideranças tradicionais Guarani e Kaiowá, sendo o próprio curso Ára Verá, na sua implantação e valorização na década de 1999.

O diálogo com este professor se caracteriza com grande relevância para a pesquisa, sendo realizada nos espaços acadêmicos de uma determinada universidade que sediava encontro de professores, houve vários encontros e desencontros entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador, porém ambos se encontraram e trocaram de idéias por várias horas. O informante possui 39 anos, é residente na região Cone Sul, falante da língua materna indígena, egresso da I turma do curso no ano de 1999, pesquisador, intelectual e filósofo na cosmologia Guarani e Kaiowá, é graduado por uma universidade federal que desenvolve formação específica com Guarani e Kaiowá. Mbo'eháry 4, desenvolve

as atividades profissionais na mesma universidade que foi “formado” e participa ativamente na formação em nível médio como colaborador.

Mbo’eháry 5, possui mestrado desde de 2014, na área de educação discute o processo desconstrução e reconstrução da Educação Escolar Indígena, buscando compreender como os processos próprios de ensino e aprendizagem eram contemplados entre diálogo com os conhecimentos tradicionais.

Por fim o diálogo com o Mbo’eháry 6, muito significativo, possui 40 anos de idade, pesquisador intelectual indígena pertencente a etnia Kaiowá, residente na região Cone Sul, falante da língua materna indígena, graduado em Pedagogia em 2009, possui mestrado em História.

O mesmo percorreu o caminho inverso²⁴ da formação dos Guarani e Kaiowá, perpassando por outras escolas na consolidação da educação básica e relata suas vivências sobre sua trajetória escolar. No entanto, o Mbo’eháry 6 é um grande detentor do saber indígena Kaiowá Guarani, tem articulado os conhecimentos indígenas e não indígenas no processo de formação dos professores em nível médio, sendo de grande valia na questão da teoria versus prática entre saberes e conhecimentos indígenas.

Com relação ao diálogo estabelecido com mestres tradicionais Nhanderu e Nhandesy se procederam nos períodos de formação do curso Ára Verá e também em conversas em suas residências, ao lado de um delicioso tereré, de maneira simples, mas de grande relevância para o meu aprendizado. Dentre os selecionados foram observados os (as) sábios que moram em locais de fácil acesso para maior aproximação do diálogo. Entre os escolhidos pelo pesquisador foram o Sr Nhanderu Valerio Vera, residente na terra indígena Panambi, município de Douradina – MS e apresenta um diferencial, pois o Sr. Valério acompanhou o curso Ára Verá desde sua implementação além de transitar por diversos espaços acadêmicos como professor formador e conhecedor dos saberes tradicionais indígenas.

Com relação aos professores formadores indígenas e não indígenas²⁵ do curso Ára Verá - V Turma, faz se necessário saber como as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas desenvolvidas no processo de formação dos professores indígenas Guarani

²⁴ Não participou de formação específica e diferenciada para professores indígenas em nível médio e superior. No caso Ára Verá e Teko Arandu.

²⁵ Faz necessário esclarecer que não foi possível realizar a entrevista com professores formadores não indígenas do curso Ára Verá, porém será abordado nos próximos momentos.

e Kaiowá em nível médio podem contribuir com formação pessoal dos estudantes indígenas e perceber se os mesmos colocam em prática o que adquiriram no curso, e quais as possíveis dificuldades em aplicar de fato as práticas pedagógicas no modo guarani e kaiowá.

Nascimento e Urquiza (2010 p. 129) esclarecem que os Guarani e Kaiowá:

Estão falando de um diálogo agonístico entre a esperança de reelaborar o conhecimento, a significação, as ferramentas cognitivas e cosmológicas e produzir sustentabilidade que permita a coexistência da vida étnica/espiritual e a vida física e a esperança de produzir com estas mesmas reelaborações diferenças, identidades e subjetividades para além dos limites entre as culturas, das polarizações entre o Eu e o Outro.

É neste caminho que a pesquisa irá percorrer, na busca de informações essenciais para a construção do conhecimento a partir das observações, discussões, vivências e experiências com os diversos professores indígenas formadores do curso Ará Verá e mestres tradicionais Guarani e Kaiowá.

Compreendo com Bhabha, (2001), que as fronteiras são lugares de encontros e não de separação, onde as diferenças e os diferentes saberes se entrecruzam, imbricam e inter-relacionam umas com as outras sendo negociadas e articuladas entre diferentes conhecimentos engajados na vivência social e cultural das crianças indígenas entre lutas, conquistas e desafios da educação escolar indígena, ficou por décadas as margens da escola.

Refletindo com Brand (2000, p.6), os professores indígenas ao assumirem a escola indígena têm o seguinte desafio:

Porém, ao assumirem tarefas como professores nas escolas que atendem às suas comunidades de origem, confrontam-se exatamente com um processo novo e desafiador de implantar uma escola indígena, consequência direta do novo texto constitucional de 1988 que, ao afirmar o direito à diferença e definir o papel do Estado não mais como agente promotor da integração dos índios, mas sim de protetor desta diferença, impôs a revisão de todo o processo educacional em curso no interior das áreas indígenas. De uma escola voltada para fora, preocupada em preparar a criança indígena para viver fora de sua comunidade, emerge o desafio de uma escola engajada em contribuir na construção de alternativas a partir e na comunidade. E este desafio põe estes professores índios diante de impasses novos.

Observando a intersecção dos conhecimentos indígenas e não indígenas no ambiente de formação do curso Ára Verá, compreende-se o surgimento do terceiro espaço entre os diversos conhecimentos dialogando entre si, este desafio torna-se um gargalo para muitos professores indígenas mesmo que tenham passado por formação diferenciada específica, pois o medo e o terreno pedagógico onde os professores atuam podem ser traiçoeiros devido aos reflexos radicais da colonização.

Bhabha (2013, p 344) sintetiza que o surgimento do terceiro espaço:

O que é manifestamente novo nesta versão do espaço[...] e sua (in)visibilidade social é sua medida temporal “momentos diferentes no tempo histórico...pulam para trás e para a frente”. A temporalidade não sincrônica das culturas[...] abre espaço um espaço cultural – um terceiro espaço – onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças.

Este terceiro espaço é compreendido no contexto do curso Ára Verá, visto que os professores indígenas Guarani e Kaiowá, formadores e cursistas transitam por diferentes espaços entre diferentes conhecimentos indígenas e não indígenas. Sendo o professor indígena responsável de aproximar os diversos conhecimentos com responsabilidade e compromisso no desenvolvimento das práticas pedagógicas diferenciadas específicas vistas como o terceiro espaço não físico, mas epistemológico.

Tendo como foco principal investigar as práticas pedagógicas diferenciadas específicas para a vida cotidiana, desenvolvidas no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá, bem como as tensões entre os diferentes atores participantes da luta e implementação do curso, na reflexão sobre a (des)colonização e o (re)encontro com a identidade cultural indígena hibridizada pelos diversos conhecimentos vivenciados entre lugares.

Com a expectativa de proporcionar os estabelecimentos indígenas a discussão e consolidação de novas metodologias significativas para as crianças, mas principalmente (re) formulação dos planos de ensino dos professores, (re)discutindo a (re)construção das matrizes curriculares nos envolvimento de diversos conhecimentos para além da escola, com autonomia e auto sustentabilidade.

Ao refletir sobre práticas pedagógicas diferenciadas e específicas a partir do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá – V turma, é necessário realizar uma discussão teórica na construção e compreensão do “diferente”, para nos

localizarmos no território Guarani e Kaiowá, na compreensão de onde estamos falando, e com quem estamos caminhando teoricamente.

Nascimento e Vinha (2012 p. 64), retratam que os povos indígenas são vistos de forma diferentes a partir de:

Desse constructo perverso, formaram-se as idéias de que os indígenas são “diferentes” dos ocidentais, portanto caracterizados pela inferioridade linguística, cultural, espiritual, política, econômica e pela desqualificação da pertença indígena ao seu grupo étnico.

A desconstrução de conceitos errôneos e negativos deixados pelo colonizador propositalmente e equivocados sobre os povos indígenas, na questão das diferenças, dos povos Guarani e Kaiowá, apresenta um processo de descolonização lenta, entre diversos sujeitos afetados pelo conceito da educação tradicionalista, que tinha como alvo adequá-los nas questões intelectuais, morais e religiosas, caracterizando como um “adestramento” social, cultural e político.

Essas situações se refletem diretamente no processo de formação de professores indígenas, pois a todo o momento os formadores do curso necessitam desconstruir para reconstruir, visto a que a Educação Escolar indígena se caracteriza como jovem para tantos desafios se compararmos com a educação tradicional colonial. O desafio de articular os conhecimentos indígenas nas práticas pedagógicas aplicadas a V turma do curso Ára Verá, trata-se de um processo de construção, onde não se tem exatamente um ponto de partida, pois os saberes e conhecimentos estão entrelaçados uns com os outros, podendo ser talvez uns dos grandes desafios para o professor indígena na contemporaneidade. Para tentar compreender esses entrelaçamentos de saberes e conhecimentos tradicionais indígenas foi observada a participação dos sábios (as) Tradicionais Indígenas Guarani e Kaiowá no processo de formação de professores indígenas além de entrevistas com os mesmos.

2.4 Estabelecendo Diálogos com Sábios (as) Tradicionais Guarani e Kaiowá

Para estabelecer um diálogo com Sábios (as) tradicionais Indígenas Guarani e Kaiowá, não conseguiria não me respaldar no texto de Batista (2006), que traz o texto Fazendo pesquisa com meu povo, pois, mesmo sendo indígena, professor formador, morador na comunidade, podemos ser compreendidos como mais um pesquisador da causa indígena.

Um grande aprendizado, através das conversas com os sábios (as) indígenas Guarani e Kaiowá por ser bem recebido em sua moradia, ao ponto de ser convidado a degustar peixe frito e logo depois um bom tereré.

Batista (2006, p. 139) já menciona que:

Pesquisa é um dos trabalhos pra gente ter um bom relacionamento com as pessoas mais experientes, com caciques, jovens, mulheres, idosas, idosos etc.

Gosto muito de conversar com as pessoas e nessa conversa pode surgir várias respostas para minhas pesquisas. [...] Posso conversar na estrada, na reunião, na hora do tereré, na hora do chimarrão, no trabalho dela.

Neste momento foi estabelecido a relação de conversa com os sábios (as) tradicionais indígenas Guarani e Kaiowá também chamados de Nhanderu e Nhandesy de forma interativa em torno da roda de tereré em sua moradia.

Visitei Sr Valério Caiuá, 73 anos de idade, morador na Terra Indígena Panambi município de Douradina – MS. Tem participado ativamente na formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá desde a I turma do curso Ára Verá no ano de 1999, contribuindo grandemente com os saberes indígenas no período das etapas intensivas de estudo do referido curso tem como especialidade a reza, o canto Guarani e Kaiowá e remédios tradicionais.

Na visita ao Sr Valério, em sua residência, a saber, de sua disponibilidade de tempo e horário para falar sobre o curso Ára Verá, escolhendo o melhor momento, espaço, horário e dia para somar com a temática envolvida nesta pesquisa.

O diálogo relacionado à pesquisa não teve muita profundidade no dia combinado onde foi necessário remarcar com o mesmo, motivo por não haver profundidade foi devido as múltiplas atividades que o Sr. Nhanderu Valério realiza constantemente em sua casa. No dia sugerido pelo Sr. Valério estive no local para a tentativa da entrevista, todavia ocorreram vários imprevistos: como visita de integrantes da família e outras pessoas da comunidade solicitando “reza” como tratamento de alguma enfermidade.

Entretanto, foi possível estabelecer um diálogo com este Nhanderu envolvendo a temática da pesquisa, mas compreendendo que o tempo da pesquisa, da academia e do nosso tempo enquanto pesquisador é distinto dos Sábios (as) Tradicionais Indígenas, pois eles explicam de uma forma pausada, a ponto de você assimilar as informações.

Naquele momento vejo que o inverso da escola não indígena muitas vezes se coloca distante do tempo do Nhanderu, pode se entender que a qualidade é mais importante do que quantidade de dados ou conhecimentos.

De início o pesquisador entende como uma frustração em paralelo com o tempo acadêmico, pois temos datas a cumprir, determinado tempo para ser finalizado... a pesquisa provocando a inquietação, angústia e preocupação com o desenvolvimento desta. Este pensamento foi quebrado, um doloroso e sofrido processo de assimilação e estruturação da pesquisa... Talvez isto fosse o sentimento de sentir e vivenciar a desconstrução do período acadêmico, de reencontro com o modo de pensar Guarani e Kaiowá entre diálogos, onde o Nhanderu faz as colocações, pausadamente oportunizando ao pesquisador tempo para compreender as informações, todavia outra forma de ensinar, em seu tempo totalmente distinto do tempo e prazo acadêmico. O convite para retornar a sua casa foi feito para outro momento e recebendo de presente uma arraia (peixe) para se alimentar.

Dialogando com Nhandesy Floriza, moradora na Aldeia Bororó, município de Dourados – MS sucedeu estava mesma dinâmica, sendo realizada uma visita antecedendo a entrevista. Neste dia foi bastante adoentada com problemas de saúde, na qual não foi possível conversar muito, pois havia acabado de sair do hospital. Dona Floriza me pediu que voltasse em outro dia para conversar sobre a pesquisa sendo muita atenciosa e prestativa ao ponto de oferecer uma porção de peixe frito com mandioca. Atos simples, mas com grandes significados de demonstração de afeto, carinho, aceitação e em sua moradia familiar.

Em outro momento previamente agendados com Nhandesy ela primeiramente se apresenta: [...] meu nome na língua é kunhã poty rendy'i²⁶, este meu tekoha chamase yugua rusu,²⁹ só agora os branco vieram e chamaram de Sardinha, assim denominaram esta área, este lugar antigamente quando meu guachi²⁷, vivia por aqui sempre é chamado yugua rusu.[...]explicando sobre a origem e o berço da educação indígena de acordo com sua ótica... Isto será de grande relevância para esta pesquisa, pois irá nos provocar na

²⁶ Nome de batismo indígena da sra Nhandesy Floriza, tendo por significado o *brilho da flor*. ²⁹Local frequentado por vários grupos indígena guarani e kaiowá (local onde mulheres indígenas lavavam roupas)

²⁷ Possui vários significados na língua guarani, porém neste contexto se refere a grau de parentesco.

discussão sobre as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas da formação de professores indígena em nível médio Ára Verá V turma.

CAPÍTULO 3 - APRESENTANDO A ESCOLA INDÍGENA – O QUE É O CURSO ÁRA VERÁ

Para compreender este momento foram realizadas entrevistas com egressos do curso do ano 1999, sendo analisado também documentos²⁸ oficiais que retratam as origens modelo de escola indígena de acordo com o pensamento Guarani e Kaiowá, apresentando a conquista que marcou a Educação Escolar Indígena sob na implantação do curso Ára Verá, mediante as vivências daquele período. A saber, qual significado do curso para os professores indígenas e para os Sábios e Sábios tradicionais Guarani e Kaiowá.

A denominação do curso Ara Vera surgiu das idéias místicas do sábio líderes espirituais Kaiowá e Guarani, Ara possui significado amplo no entendimento no sistema tradicional kaiowá e guarani, essa palavra traduzida na língua português é tempo, mas, é importante destacar que, ára possui diversos elementos interligados às estações do ano, fase da lua, período de plantio, encontro entre o fim de ano e com o novo a qual chamado Kaiowa *Joapityka*. O ensino e aprendizado Kaiowá e Guarani é baseado no aspecto de círculo de estações de ano.

A palavra Verá é dada para um brilho relampeado que surge no espaço, e no entendimento do povo kaiowa e guarani, verá é um brilho de manifestação de divindade, quando surge no espaço com brilho tenso significa que a divindade esta alertando ou ordenando sobre determinada situação. Mas, quando relampeia mansamente no espaço, significa que entre as divindades estão dialogando sobre diversas questões, especialmente no seguimento de sobrevivência dos seres humanos na terra. Portanto, Ara Vera denominado o curso específico de Magistério para os Professores Kaiowa e Guarani é para ser ensinado e adquirir conhecimento a semelhante entre a divindade, onde possa existir, troca de conhecimento, dialogo entre professores e alunos, realização de atividades conforme determina sociocultural do povo Kaiowa e Guarani, ser iluminado por divindades, que o brilho que surge no espaço ilumine a mente, as atividades realizadas.

²⁸ Dossiê - Curso normal em nível médio de professores indígenas Guarani Kaiowá. Projeto "Ára Verá". Espaço –Tempo- Iluminado. Dourados, Mato Grosso do Sul. Rossato, V.L.; NASCIMENTO, A.C., Sed 2004 e Projeto Político Pedagógico do curso ano 2002.

Para a escrita deste capítulo foi necessário aprender a ser um pouco pesquisador, uma tarefa nada fácil, mas muito complexa, pois surgem imprevistos e o tempo indígena é totalmente distinto do tempo acadêmico, sendo assim foi um período de (re) aprender mediante ao reencontro entre diversos momentos e espaços.

Quando tive que ir, voltar e retornar para dialogar com sábios (as) tradicionais reconheço a inquietação com o tempo da pesquisa, sendo que a qualidade do diálogo entre os sábios (as) mestres (as) tradicionais guarani e kaiowá, acontecem no tempo indígena, na compreensão, assimilação do contexto totalmente distinto do tempo acadêmico que apresenta tempos para tudo em cumprir por exemplo o calendário, cronograma e horário, estes porém tornam – se o que se desafio para muitos pesquisadores em especial para os que desenvolvem pesquisas com povos indígenas.

Bhabha (2013, p. 56) explica que:

O desafio reside na concepção do tempo ação e da compreensão políticas como descortinador de um espaço que pode aceitar e regular a estrutura diferencial do momento de intervenção sem apressar-se em produzir uma unidade do antagonismo ou contradição social. Este é um sinal de que a história está *acontecendo* – no interior das páginas da teoria, no interior dos sistemas e estruturas que construímos para figurar a passagem do histórico.

A história do curso se configura de maneira interessante, pois nasceu da necessidade e preocupação coletiva do povo Guarani e Kaiowá em construir uma educação articulado a partir de suas tradições, costumes, valores, língua indígena e conhecimentos a educação escolar.

Em seus aproximadamente vintes anos de existência nos faz refletir a luta e existência enquanto curso diferenciado e específico constituído do pensamento e do sonho indígena no sentido de informar, conscientizar, sensibilizar e descolonizar o povo guarani da doença colonial.

Para tanto é preciso conhecer para compreender qual o significado, a essência do curso *Ára Verá*, para os professores e lideranças indígenas Guarani e Kaiowá.

Analisando o documento elaborado pelos professores, lideranças indígenas e outros em junho de 1991, na Vila São Pedro município de Dourados – MS, onde estavam reunidos, aproximadamente quarenta representantes de doze áreas indígenas, juntamente de apoiadores não indígenas que se identificam com a causa, o grupo discutiu sobre a o Modelo de Escola Guarani no que tange a Educação Escolar Indígena (Formação de professores indígenas e Currículo).

Conforme trechos carta elaborada no I Encontro de Professores Indígenas Guarani e Kaiowá no ano de (1991):

[...] Queremos uma escola própria do índio[...] dirigida por nós mesmos,...com professores do nosso próprio povo, que falam a nossa língua[...] A comunidade deve decidir o que vai ser ensinado na escola, como vai funcionar a escola e quem vão ser os professores. A nossa escola deve ensinar o Nhadereko (nosso jeito de viver, nossos costumes, crenças, tradição), de acordo com nosso jeito de trabalhar e com nossas organizações. Os currículos devem respeitar os costumes e tradições das comunidades Guarani e Kaiowá e devem ser elaborados pelos próprios professores junto com as lideranças e comunidades. Os professores Guarani e Kaiowá [...]devem ter uma capacitação específica. As escolas guarani e kaiowá devem ter seus próprios regimentos[...] Que as iniciativas escolares próprias das comunidades Guarani e kiowá sejam reconhecidas e apoiadas pelos municípios, estado e união[...]

Os trechos do documento acima revelam o sonho do Guarani e Kaiowá, na configuração do projeto de escola diferenciada e específica ao seu modo ser, viver, de acordo com suas perspectivas de vida, o qual foi negado, silenciado pela escola padronizado por muitos anos pela dita civilizada.

Na perspectiva da Nhandesy Floriza, sábia tradicional indígena Kaiowá, moradora na aldeia Bororó na cidade de Dourados – MS, sendo participante e formadora do curso mediante ao saber notório tradicional indígena e aponta de acordo com sua lógica os suposto fundamentos de criação do curso de professores indígenas em nível médio.

[...] O Ara Vera surgiu das idéias de nhanderu, pois quando Nhanderu e Nhandesy se reuniam no passado sempre conversou sobre o curso Ara Vera, isso ocorreu ainda no período quando meu avô estava vivo, quando nasceu ara, quando iniciou o curso ara vera, meu avô, chamado de Zacaria, falou que é necessário fazer yvyra'i e apyka [...]

No entendimento da Nhandesy Floriza, os fundamentos que norteiam os processos de ensino e aprendizagem do curso Ára Verá, desde o início estiveram ancorado na espiritualidade e na cosmologia Guarani e Kaiowá, em acreditar que as por meio das rezas, cantos e danças ajudam a fortalecer as aprendizagens escolares, na articulação das idéias, concentração e entendimento do todo.

O curso, desde início, sempre tem como fundamento a espiritualidade cosmológica Kaiowá e Guarani.

Memorizar e aprender as atividades escolares com êxito.

No entendimento de Dona Floriza, o Yvyra 'i e o Apyka iluminam os caminhos da educação escolar indígena sendo o mesmo o alicerce da cultura tradicional indígena de modo que:

[...] o curso Ara Vera é a essência do nosso ser e será o fundamento do curso, onde o ouvir uns aos outros, é importante para compreender o quem eu sou e quem é outro, pois yvyra'i quando nós indígena pisar no arredores dele[...] brilha, de maneira assim circular[...]

Esta explanação de Dona Floriza, nos remete a reflexão do diálogo aberto entre os participantes do curso de maneira igual, por isso o nome Ára Vera (tempo e espaço iluminado), possui em seu espaço de formação as conversas, saberes, diálogos, vivências e experiências de luta e de vida.

FIGURA 06 – NHANDESY FLORIZA, FALANDO SOBRE A IMPORTANCIA DO YVYRA'I E OS ELEMENTOS SAGRADOS PARA OS GUARANI E KAIOWÁ CURSISTAS DA V TURMA CURSO ÁRA VERÁ.



FONTE: SOUZA2017

Essa interação entre saberes e fundamentos da educação tradicional indígena, perpassa para além do processo escolar, a saber, que os valores culturais indígenas se caracterizam de maneira ampla, como se fossem “horizontes”, como estratégias pedagógicas a serem desenvolvidas como práticas pedagógicas pelos futuros professores indígenas Guarani e Kaiowá V Turma, na tentativa de subverter a educação tradicional ocidental que integra muitas escolas localizadas em áreas indígenas.

FIGURA 07 - DESENHO ELABORADO PELO CURSISTAS MOACIR VELASQUES DA V TURMA ÁRA VERÁ – 2015, MORADOR NA ALDEIA RANCHO JACARÉ MUNICIPIO DE LAGUANA CAARAPÃ – MS, SISTEMALIZA A FALA DA NHANDESY FLORIZA NO TANGE A IMPORTÂNCIA DO YVY MARANGATU E OS ELEMENTOS SAGRADOS GUARANI E KAIOWÁ.



FONTE: SOUZA 2018

No sistema sociocultural Kaiowá e Guarani Yvyra Marangatu são constituídas de elemento imaterial sagrado, a sabedoria no entendimento Kaiowá e Guarani está no âmbito de plenitude de Yvyra Marangatu, os cantos e rezas nos conhecimentos de líderes espirituais são entendidos como único instrumento de acesso a sua plenitude de Marangatu. Dessa forma, importante contextualizar que, suas aplicabilidades no contexto social são de profundos significativos, não há palavras que possam explicar ou exemplificar a grandiosa e sagrada essência do Yvyra'i.

Neste sentido apresento o Yvyra'i e seus elementos sagrados como características físicas conforme o nosso olho observa, bem como: Apyka “banquinho”, Araguaju “conjunto de proteção contra espíritos maléficos”, Grafismo (jegua) “simbolizando as lutas e resistência”, Baraka “instrumento musical sagrado” utilizado nos cantos, rezas e rituais religiosos, Jeguaka “instrumento sagrado que protege a cabeça”. No meio de Yvyra Marangatu, tem uma espécie de linha e enfeitado, este é denominado pelo Kaiowa *ára ryvi*, Esses elementos constituem o fundamento na educação indígena Kaiowa e Guarani.

A partir dessas idéias o curso se constitui de forma não linear, a partir do *hesaupa*, que neste contexto elevam a formação a partir do sistema tradicional Guarani e Kaiowa. Por esse motivo é importante, zelar constantemente por ele, pois olhar do grupo deve estar sempre é voltado para ele. O *hesaupa* em outra explicação é um berço de esperança, uma construção coletiva, sendo visto como os pilares de aprendizagem, algo imaterial que esta relacionada à espiritualidade indígena em sua plenitude com o *yvyra marangatu*.

Sentido da palavra: *Hesa* (olhos), *Upa* (berçário de bem social); sendo que *Upa* possui variações de sentidos e significados dependendo da situação ou contexto a que

está situada, porém não iremos detalhar seus significados, pois requer um aprofundamento sobre o assunto, por isso não será abordado neste momento, sendo que a pesquisa possui outro foco específico nas práticas específicas e diferenciadas desenvolvidas pelos professores formadores indígenas e não indígena do curso Ára Verá –V turma, no caso a explicação de dona Floriza, está se referindo ao surgimento do curso a partir de seu entendimento.

Hesaupa: no entendimento kaiowá possui duplo sentido, primeiro é idéia de cosmológico, é uma palavra que referencia um algo plenitudes, mas, os seres humanos não acessam de qualquer jeito este patamares, só os nhanderu pode acessar por meio de reza específica denominado pelo *onhehendu'uka*. Obs; A palavra *nhehendu'uka* significa reza no contexto da sua essências, rezar de modo sequencial até chegar ao seu ambiente.

A segunda idéia significa fundamentos e solidez de atividades realizada, Hesaupa traduzida na língua portuguesa é metáfora, pois se menciona uma referencia aquilo que é considerado um berço de sabedoria, que a partir do momento de acessar o seu berço o ambiente se transforma na busca de entendimento de algo.

Este modelo de escola indígena, de certa forma, incomodou aqueles que impuseram o modelo de escola padrão, pois no curso Ára Verá, integra alunos, lideranças, professores não indígenas no mesmo espaço sem destaque, sem hierarquias sendo assim, o oposto da escola não indígena, onde os alunos ficavam enfileirados recebendo informações do professor, sendo este o centro das atenções, do saber, das verdades e do conhecimento.

Assim pensam os Guarani e Kaiowá que a escola Ára Verá, deve ser uma extensão da casa Guarani e Kaiowá, da família extensa, envolvendo práticas específicas de acordo com modo de viver, ensinar/aprender e trabalhar. Importante pontuar que “escola é sempre escola... e a escola te engole²⁹”, porém os indígenas acreditam na possibilidade de estabelecer diálogos entre conhecimentos de maneira a escola indígena, não seja a única de conexão com os saberes tradicionais indígenas, mas que a mesma possibilita a (re) significação, o (re)encontro com os valores e conhecimentos tradicionais indígenas .

²⁹ Expressão do prof Levi durante a qualificação da dissertação.

3.1 “*Tiquinho de um e um tiquinho do outro*”³⁰”

Entre encontros de professores, grande assembléia de lideranças e sábios/sábias tradicionais, juntamente com colaboradores indigenistas engajados na questão da educação escolar indígena com apoio e orientação de instituições públicas e privadas de ensino, a Escola Ára Verá, começa a tomar formas no âmbito da formação de professores indígenas, desta forma trago trechos dos mediadores da pesquisa para a discussão e contextualização social, cultural e histórica da conquista deste curso em meio às tensões, lutas e desafios.

Mbo’eháry¹, egresso da turma de 1999, participou como colaborador na função de formador do curso, destacando que as aprendizagens/ensinagens sempre ocorrem de forma coletiva, por diferentes espaços e tempos. Como por exemplo, em reuniões realizadas nas comunidades, nos encontros com lideranças, professores e sábios/sábias tradicionais indígenas. De forma sempre se ensina e se aprende alguma coisa, lembra do aprendizado que teve com o Sr Nhamõi Atana, (Nhanderu Mestre Tradicional Indígena) Kaiowá, residente na aldeia Limão Verde município de Amambaí – MS.

[...] Acho importante o trabalho, é justamente isto, como surgiu a Educação Escolar Indígena, eu quando foi dos 13 aos 14 anos, sempre aprendeu uma coisa, coisa com o Nhamõin³¹ Atana – ele sempre falava “Vida”, Nhandereko, vida remboepy, Oga Vera, (vida da escola), escola da vida, ai entendi isso, então a luta do Ara Vera surgiu por, essa luta[...]

Neste sentido o professor/liderança indígena, apresenta reflexões a ser validados ao seu ponto de vista, sob os caminhos que podem ajudar a nortear os conceitos da formação de professores indígenas em nível médio, na valorização e reconhecimento dos saberes tradicionais indígenas a partir dos ensinamentos das pessoas mais velhas, pois elas falam possuem experiências de vida, mas não todos os mais velhos que possuem esta característica por isso o chama de Nhamõi.

A discussão de modelagem da formação de professores Guarani e Kaiowá, ao seu modo de ser, de viver, aprender e ensinar, integra os conceitos na visão do Sr Nhamõin Atana, mencionado por Mbo’ehary 1. Que o “Nhandereko, Vida remboe py e

³⁰ Expressão do prof Levi durante a qualificação da dissertação.

³¹ Nhamõin – Para os guarani é aquela pessoa responsável que agrega grupos e orienta pacificamente, para viver a vida com qualidade em articulação entre os saberes tradicionais indígenas, as famílias grandes e pequena e principalmente entre a comunidade. Importante ressaltar que não são todos que atingem o grau de reconhecimento de Nhamõinentre os Guarani e Kaiowá.

Oga vera”, sua concepção podem ser elementos fundamentais no bojo da discussão da educação escolar indígena, pois o:

Nhandereko – envolve o respeito às diferenças no modo de ser, de viver, de aprender, de conviver, de sobreviver respeitando uns aos outros, pois tudo esta interligado entre o material e imaterial.

Vida remboepy – ensinagens e aprendizagens significativas interligadas ao modo de ser, pensar e de viver de cada pessoa, a saber, utilizar os diversos conhecimentos pedagógico-curriculares “abordados diariamente pela escola”.

Oga Vera – casa iluminada, cheia de virtudes e prosperidade – não no sentido material ou financeiro, mas na simplicidade, na humildade, companheirismo e modo coletivo.

Pois segundo Mbo’ehary 1, encontra – se interligado com o bem viver proporcionando a compreensão e solução de situações problemas do dia –a- dia.

Para tanto Rossato (2002 p 38), faz relação teórica e epistemológica entre indígenas, teóricos, pesquisadores e estudiosos da causa indígena, definindo os fundamentos de Nhandereko para os indígenas que é a

[...] a auto-identificação dos Kaiowá/Guarani, como grupo social distinto, se expressa através do ñande reko (nosso jeito/modo de ser e de viver), e se concretiza no cotidiano. É o ñande reko que define a qualidade da vida dos Kaiowá/Guarani, a qual, segundo Azevedo (idem, p. 22), é “entendida da maneira específica que eles realizam ou desejam realizar”, e que “tem a ver com seus territórios, sua identidade cultural, seus valores e cosmovisão” (Brand, 2000, p. 4). Então, por mais boa vontade que os não-índios tiverem, no sentido de desejar ou oferecer “qualidade” para a vida dos Kaiowá/Guarani, será sempre destes a prerrogativa de definir o que entendem por qualidade de vida, uma vez que só eles vivenciam o ñande reko, principalmente no que se refere a valores e comportamentos (teko porã³²).

Mbo’ehary 1, reforça que a construção do curso de professores indígenas se procede de maneira coletiva e participativa entre vários atores e segmentos indígenas e não indígenas de forma coletiva do “tiquinho de um e um tiquinho do outro”.

[...] Lideranças, professores indígenas tinham o pensamento de índio, a montar a educação escolar indígena e pensavam na escola diferenciada [...] Fiquei observando e pensei [...] preciso acompanha essa discussão, preciso entender e quem sabe um dia eu posso ajudar em alguma coisa nossa liderança e nosso povo [...] Pois a aula do branco não dava resultado para a comunidade [...] sendo que a escola normal, ela individualiza nosso povo.

³² Para os Guarani e Kaiowá seria as viver, sem dificuldades, problemas e sem desafios.

Esta colocação nos remete a pensar no processo de descolonização, na tentativa de (re) construir e submeter à educação escolar do modo guarani dentro de seu contexto, desta forma, é compreendido que essas idéias provocaram o desconforto nas instituições responsáveis pelas políticas educacionais indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul. Para Nascimento e Vieira (2012, p, 2), os índios:

[...] são considerados sem lei, sem rei, e sem religião, não fazem parte do universo da cultura legitimada como humana dos colonizadores. O projeto de inclusão na civilização busca transformá-los em cidadãos. A escola, em suas diversas configurações, cumpre a sua parte enquanto catequizadora e transmissor-reprodutora da cultura [...] que vem da Europa.

Com isso Mbo'ehary 2, indígena Guarani egressa da I turma do curso Ára Verá do ano 1999, comenta sobre as tensões enquanto professora indígena, ao se deparar com a necessidade de obter professores indígenas capazes de mediar e envolver o modo de ser Guarani e Kaiowá nas aprendizagens escolares, a partir da valorização da cultura, da língua materna indígena, dos conhecimentos indígenas e não indígenas com intuito de reverter à realidade do contexto escolar das escolas indígenas organizadas pelos órgãos oficiais do sistema educacional.

[...] na época era muito difícil porque a FUNAI interferia muito né [...] e a gente não tinha muito conhecimento sobre as leis [...] a respeito do nosso direito [...] desta forma a gente começou a participar de discussões [...] por causa da evasão e da repetência das crianças indígenas que tinha muito nas escolas [...] os professores eram todos não indígena e não falantes da língua materna indígena, onde as aulas terminavam muito cedo...um faz de conta...

Em assembléias de lideranças, mestres tradicionais e demais participantes da sociedade civil organizada, Mbo'ehary 2, comenta sobre a preocupação em torno das evasões e reprovação dos estudantes indígenas por diversas escolas localizadas em áreas indígenas Guarani e Kaiowá, pois a retenção foi assustadora e os preocupava.

Assim a estratégia de lutar pelo curso diferenciado e específico para os indígenas, se procede sob a articulação com o movimento organizado entre diversos professores indígenas e por não indígenas sensíveis a causa, na tentativa de subverter a realidade da educação escolar destinada aos índios.

Por tanto, a luta Guarani e Kaiowá, se configura de forma complexa e tensa, Mbo'ehary 3 (2018), relata que:

[...] nossa!! A gente não parava em casa, toda semana a gente ia para Campo Grande, toda semana pra conversas com a secretária, nossa a gente

parece que é ambulância né...dormia na praça, por que naquela época não tinha carro pra trazer ou levar, andava a pé...

Nesta situação, foram travadas lutas do movimento indígena com o governo do estado de MS, na tentativa de consolidar o curso específico e diferenciado, para os Guarani e Kaiowá e com apoio de entidades sensíveis a educação escolar indígena.

Mbo'ehary 4 (2018), mediador da pesquisa, professor egresso da I turma no ano 1999 e formador do curso Ára Verá – V turma 2015, relata que:

[...] na época não tinha professor [...], era mais o Aty Guasu, era escola né, onde vinha aprender os processos da luta e território[...], e lutava muito pra ter uma escola diferenciada né[...], uma formação de professores para trabalhar nas áreas indígenas [...] com as práticas pedagógicas diferenciadas[...] de maneira que essas práticas voltassem para as comunidades[...] pois na época tínhamos uma escola assustadora, né era toda uma escola da colonização.

A única escola era o Aty Guasu, relata Mbo'ehary 4, e tratava de diversas temáticas fundamentais para o povo Guarani e Kaiowá no que refere – se a informação, conscientização, territorialidade, cultura, língua indígena, educação, saúde, lutas e questões sociais do bem-estar indígena estes elementos compuseram o esboço do curso.

No documento produzido por lideranças, professores indígenas e indigenistas em junho de 1991³³ no encontro de professores apresentam referente à escola do modo indígena Guarani e Kaiowá:

Chegamos à conclusão de nós queremos uma escola própria do índio, nas comunidades dirigida por nós mesmos, índios Kaiowá e Guarani, com professores do nosso povo, que falam a nossa língua e que estão interessados em aprender sempre mais.

Nossa escola deve ser uma casa igual às nossas casas. A comunidade deve decidir o que vai ser ensinado na escola, como vai funcionar a escola e quem vão ser os professores.

Compreendo que a escola Ára Vera, deve ser uma extensão da casa guarani e Kaiowá, apresentando os contextos diferenciados e específico ao modo de viver, de ser, a partir de seus costumes, crenças, tradição na maneira de ensinar os filhos, de trabalhar e aprender mediante ao modo social e cultural indígena Guarani e Kaiowá, enfatizando que a escola Ára Verá, não é a única fonte do conhecimento tradicional Indígena, mas

³³ – Documento elaborado a respeito da educação escolar indígena própria para o Guarani e Kaiowá, sendo uma extensão da própria casa, falantes da língua indígena e interessados em aprender sempre mais.

quebra o modelo convencional de escolas ditas civilizadas, assim sendo que retrata a luta, a organização política do povo Guarani e Kaiowá, entre a relação de poder e partilhar múltiplos saberes indígena.

3.2 O que é o curso *Ára Verá*?

Trata – se da formação destinada especificamente aos professores indígenas Guarani e Kaiowá, sendo implantado pela Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, no ano de 1999, denominado pelos indígenas de *Ára Verá*, que tem o significado de (espaço ou tempo iluminados), nasce da luta do Movimento de Professores Guarani, Kaiowá e Lideranças Tradicionais, a fim de atender à demanda dos professores sem formação que pudessem exercer atividades profissionais nas escolas localizadas em áreas indígenas, capacitando profissionais interculturais, bilingues conhecedores de sua história, da cultura e dos conhecimentos indígenas e não indígenas.

De acordo com o dossiê (2004), a:

[...]ação emergiu de uma antiga reivindicação do *Movimento dos Professores Guarani/Kaiowá*³⁴, das comunidades desta etnia e de outras instituições envolvidas com a educação escolar no contexto indígena (UFMS, UCDB e Diocese de Dourados), que ressaltava a necessidade de um curso específico de formação de professores indígenas Guarani/Kaiowá[...]Esta solicitação foi assumida pelo governo estadual e veio ao encontro do projeto proposto pela

Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul, denominado “*Educação Escolar Indígena: uma questão de cidadania*”, o qual pretendia construir participativamente a política educacional da diversidade étnica, proporcionando o resgate da história e o fortalecimento da identidade dos povos indígenas, valorizando suas culturas[...]

Diante do contexto cria se o curso como magistério de específico em nível médio na modalidade de alternância proporcionando um ensino intercultural por meio de reflexões, discussões, estudos e vivências.

Para Benites (2014 p. 20), o curso *Ára Verá* foi o ponto de partida de reencontro com a educação escolar indígena sendo que:

[...] contribuiu para sedimentar uma nova filosofia para a educação escolar indígena, pautada nas lutas dos professores, nos movimentos e nos direitos conquistados através da Constituição Federal, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e outras leis.

³⁴ - O *Movimento dos Professores Guarani/Kaiowa* é uma organização indígena que agrega professores indígenas desde 1987, onde discute e articula com as lideranças, as comunidades e os órgãos públicos os rumos da educação escolar indígena.

A política de Estado construída para os índios sob a legislação brasileira que respaldam a Educação Escolar Indígena, todavia o curso Ára Verá, caminha sobre o conceito de educação escolar dos indígenas Guarani e Kaiowá na valorização do seu modo de ser e viver.

O quadro abaixo apresenta o quantitativo de professores indígenas formados pelo curso Ára Verá, entre os anos de 1999 a 2018, totalizando 253 professores indígenas Guarani e Kaiowá, qualificados para atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental em suas respectivas comunidades indígenas na região do Cone Sul.

QUADRO 02 - PROFESSORES GUARANI E KAIOWÁ FORMADOS PELO CURSO ÁRA VERÁ.

Turma	1999 a 2003 I	2002 a 2006 II	2007 a 2010 III	2011 a 2014 IV	2015 a 2018 V	Total
	72	54	63	24	40	253

FONTE: SOUZA 2018.

As turmas I e II turmas estavam vinculadas a Escola Estadual Vieira de Matos em Dourados, pois na época o curso funcionava como projeto. As III, IV e V turma foram vinculados ao Centro Estadual de Formação de Professores Indígenas (CEFPI), em Campo Grande, criado pelo decreto nº 12.118, SED/MS em 4 de julho/2006 publicado no Diário Oficial Estadual nº6.760, deixando de ser “projeto” para Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá.

A partir de 2007 o curso deixa de ser “projeto” e passa a ser curso regular para as instituições do governo.

Importante ressaltar que o curso Ára Verá, não só contribui com a formação de professores indígenas para os Anos iniciais e Educação Infantil, mas também na produção do conhecimento da ciências indígenas com qualidade integrando os diferentes saberes conforme o dossiê (Projeto Ára Verá 2004 p 18):

[...] produção do conhecimento, através da pesquisa, merece destaque, refletida nas seguintes atividades: publicação de um livro de contos – “*Ñe’ë Poty Kuemi*”; de uma coleção (*Ñane Mba’eteéva Atykue*) de três livretos de receitas tradicionais– remédios (*Ñembohoky Ñe’ë Tesã Rehehápe*), artefatos (*Te’yi Rembiapo*) e comidas e bebidas (*Ñemombe’u Je’upy Rehegua*); edição de um livro de “iniciação à leitura e escrita” (*Tekopotyryakuã*)[...] Além disso, elaboraram monografias, como trabalho final de curso, cujas pesquisas foram realizadas juntamente com os alunos[...]

Uma referencia para a formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá na produção de ciências indígenas integradas a ciências não indígenas, mas que estão engajados nos saberes epistemológicos de professores, sábias e sábias indígenas, apresentando um grau de importância significativo para a educação escolar indígena.

3.3 As Tensões no processo de formação Ára Verá

Contudo a política de educação diferenciada e específica sonhada pelos Guarani e Kaiowá, desde muito tempo, pois compreendem que o modelo de escola do não indígenas precisava passar pelo processo de desconstrução da educação escolar, e isto gerou diversas tensões e desafios conforme as falas dos mediadores que da pesquisa que vivenciaram alguns momentos difíceis.

Em janeiro de 1999, o governo oferece o curso PROFORMAÇÃO - Programa de Formação de Professores Leigos em Exercício, oferecido pelo MEC, e o curso Ára Verá inicia em julho de 1999. No entanto muitos professores indígenas participaram deste curso do PROFORMAÇÃO, mas de acordo com os mediadores da pesquisa foram às lideranças tradicionais indigenistas e indigenistas que dialogaram com alguns Guarani na época de tentar conscientizá-los, a participar do curso, sonhado e reivindicado pelas lideranças tradicionais indígenas.

“A colonialidade³⁵ age de várias formas e maneiras, no entanto, neste contexto age sob a força sobre o curso Ára Verá, na tentativa de acabar com as práticas pedagógicas do curso, pois o curso está sempre ameaçado, sempre acabando... igual aos índios...acontece sempre pela incerteza...onde o Estado o coloca sempre no estado de vulnerabilidade com o propósito de afastar/acabar com as práticas pedagógicas do curso, por isso os indígenas nunca aceitaram a institucionalização, pois isto, poderia afastar o movimento indígena de suas tradições indígenas Guarani e Kaiowá”, compreendendo que as condições de infraestrutura podem enfraquecer/embranquecer a formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá. “Pois o entendimento ao acesso as condições básicas e humanas aos estudantes índios, os levaria para o comodismo institucional e até mesmo ao enfraquecimento de suas lutas e organizações indígenas”. Isto torna um momento marcante na trajetória enquanto professor indígena, formador e gestor do curso Ára Verá V Turma, pois tinha como entendimento, que ao estarmos na luta pela terra, educação, segurança, saúde, moradia, laser e ou pelos direitos constitucionais, logo deveríamos abrir mão de tudo que é do outro.

Diferentemente dos momentos que estamos em processo de informação/formação/ensino e aprendizagem, no entanto essas situações foram compreendidas como **descaso e desvalorização** à formação dos professores indígenas.

³⁵ Contribuição do prof Levi, na qualificação da pesquisa.

Todavia a formação de professores da V Turma, fez rever velhos conceitos de educação ocidental e compreender e passar pela desconstrução e reconstrução enquanto professor indígena Guarani e Kaiowá.

Todavia o descaso, as violências, tensões e exclusões sempre existiram contra os povos subalternos na tentativa de eliminar os mesmos, colocando – os sempre em situações de conflitos em zona de perigo pelo direito ao seu modo de ser de viver.

Sabendo que a disputa pelo, poder e política refletem ações da colonialidade, no processo descolonização dos indígenas, desta forma os Guarani, ao perceber as armadilhas do sistema colonial demonstram a luta para se desprender dos laços coloniais, por esta razão as tensões, desafios e conflitos são presentes no curso desde suas origens.

Mesmo o curso sendo uma reivindicação do coletivo apresentava a desvalorização onde Mbo'eháry 4, relata que muitos indígenas se recusavam a participar do curso Ára Verá:

Então quando chegou o ônibus do Ara Vera ninguém subia né, só subia no do PROFORMAÇÃO, né, e ai a gente não tivesse uma entrevista com a secretaria de educação do municio de Caarapó, que acho que nenhum município conseguiu fazer esse papel né, de descoloniza a cabeça do indígena né, a professora, ela chamou cada um de nos alunos, né, que não subiu no ônibus do Ara Vera, e ela falava que (eu não sou indígena, não estou aqui pra falar que o curso PROFORMAÇÃO é ruim...) ou o (Ara Vera é ruim ou vai ser melhor, mais é uma luta de vocês né, acho que vocês tem que valorizar e ver o que vai ser melhor pra vocês , e vcs ficarem com um curso que não terá continuidade né, então foi este momento que despertou na gente, de volta aquele animo, aquele interesse de conhecer o Ara Verá, veja que a conversa foi por não indígena, mais que valorização e lutava por um magistério diferenciado né... a gente ve que não é somente indígena que luta né...tem os militantes pessoas boas que lutam pra ajudar os Guarani a tirar esse cisco do olho, pra poder enxergar as coisas melhor né[...]

Efeitos da colonialidade, obrigando os Guarani a negar sua identidade cultural, sendo que essas primeiras experiências se configuram entre o campo de disputas e relações de poder, onde muitos indígenas são alertados ou “avisados” pelo não indígena que também acreditou nesta proposta de formação, sendo visto como referência de formação específica e diferenciada.

Benites (2014, p. 20) revela que sua participação no curso Ára Verá trouxe o reencontro com a cultura Guarani e Kaiowá visto que:

[...] minha inserção no Curso de Magistério Específico Ara Verá foi um grande marco em meu processo formativo. A discussão e reflexão nos momentos de formação desconstruíam toda a “verdade” que, anteriormente, havia aprendido e, ao mesmo tempo, possibilitavam outro olhar sobre mim mesmo, um olhar que valorizava e enxergava a minha cultura como resultado de processos históricos, e a minha subjetividade como fruto da política indigenista, que tinha como objetivo a integração na sociedade envolvente, ao manipular nossas consciências para que deixássemos de ser indígenas kaiowá e guarani.

Porém as tensões se atrelavam de diversas maneiras na medida em que os professores Guarani e Kaiowá reivindicavam a valorização e reconhecimento mediante aos órgãos públicos que os viam como professores incapazes como leigos não formados, assim Mbo'ehary 2 revela sobre os impasses com a gestão municipal na contratação de professores indígenas:

[...] a gente queria este curso diferenciado, mas perdia a sala de aula, por que falava que nós era leigo... um monte de coisa aconteceu por causa disso né... diziam que eu estava desrespeitando eles, e muitos não quiseram vir por medo né... na verdade eles nunca acreditaram na gente e não acredita que a gente é capaz de discutir né,, colocar em prática,, nossa idéia,, eles acham que é idéia s dos outros né,, eles nunca acreditam que a idéia é nossa. Então foi assim uma luta muito grande que a gente teve pra conseguir o aravera e dar aula[...].na verdade o nosso curso foi na raça mesmo né,,,por que era muito difícil né,, por que na época, apesar deles ajudarem né,,,financeiramente né,,mas sempre tinha dificuldade né,,nesta parte né, que na verdade a gente começou um curso sem estar nada pronto né,,estava tudo em andamento né,,,projeto na verdade foi sendo construído ao longo do curso ao longo dos anos do curso.[...]

Mbo'ehary 3 traz que o:

Ara Vera foi o único momento que as pessoas se encontro né...primeira vez, primeira turma então trazer experiência e ficou no início meio estranho de valorizar pra mim de valorizar tanto os rezadores, que eu achava podia ser valorizado as pessoas que era mais estudado a galera que está na academia...tal...e não era...e isso me moldou como tempo isso me transformou com o tempo né...de fazer a gente ouvir mais e não falar muito né.

A construção do currículo do curso se consolidava nos momentos de estudo do próprio curso entre equipe formadora e professores indígenas cursistas e lideranças indígenas, estando vinculada a construção coletiva, com o foco na interculturalidade, proporcionando o dialogo a aprendizagem de uns com os outros elencando os temas relevantes a ser abordado na formação, desconstruindo a verdades como únicas e absolutas.

O modelo de escola nacionalizado é rompido com as práticas do curso sendo que Mbo'ehary 3, relata que sobre os ensinamentos para a vida aconteceram em diversas situações e se lembra de um fato que o marcou profundamente a partir da simplicidade do mestre tradicional indígena, em suas ensinagens para a vida em coletividade na comunidade.

[...] quando eu entrei no Ara Vera, tudo era ao contrario tudo diferente então eu me lembro bem que há dinâmica política dos antigos lideranças, eles tinham muita paciência comigo, por que eu queria me expor muito, como se quisesse ser mais inteligente da galera né...eles me cobravam assim na risada, levavam tudo na brincadeira, pensavam esse cara não está com nada, ou seja, o rezador tinha uma metodologia própria de quebrar você[...] a construção eu muitas as vezes me confundo em que momento que nos sentamos por que ... parecia que a construção própria do currículo já era também o Ara Vera ou seja no início, não tem agora vamos construir e agora vamos fazer Ara Vera já era tudo meio...junto né...movimento né...isso é uma coisa muito...mi...mi quebrou tudo, me desestruturou, me fez uma outra lógica de pensar, por exemplo não tinha um momento de pensar o Ara Verá, tudo estava acontecendo em movimento[...] todos nós fomos participantes, foi uma montagem nossa né[...] no curso[...] estudando e construindo[...] a gente discutia e ao mesmo montava o currículo que a gente queria, como a gente queria.

No entanto a construção do currículo escolar do curso Ára Verá, pleiteada pelos Guarani e Kaiowá, na formação de professores indígenas, envolvia três eixos fundamentais ligados relacionados ao bojo da Educação Escolar Indígena e ao modo de ser Guarani e Kaiowá, a partir *Teko*³⁶, *Ñe'ê*³⁷ e *Tekoha*⁴¹.

³⁶ De acordo com Projeto Político Pedagógico do curso Ára Verá ano 2002; Teko (Cultura) – A produção e reprodução da sociedade Kaiowá e Guarani se articulam e se concretizam pelo/no/através teko, que é o conjunto de valores e práticas que definem a identidade coletiva desse povo. Teko é “modo de ser”, “modo de estar”, “sistema”, “lei”, “cultura”, “norma”, “comportamento”, “hábito”, “condição”, “costume”, dos quais a religião é componente indissociável. Resumindo, é tudo aquilo que se refere ao modo de ser e de viver dos Kaiowá e Guarani, articulado num sistema por eles denominado ñande reko ou Kaiowá reko/Guarani reko. Sendo entendido como construtor e mantenedor da identidade dos Kaiowá e Guarani, este sistema cultural é o ponto de partida para o estabelecimento do processo educativo intercultural, estimulando o entendimento e o respeito entre seres humanos de diferentes etnias. O ñande reko é entendido também como referencial didático/metodológico, cujos parâmetros são a experiência de vida, o exemplo, o aconselhamento e a escuta, o acompanhamento dos mais velhos aos mais novos, o mutirão (trabalho de grupo), a divisão de atividades segundo o sexo e a idade, a repetição, a criação, o respeito às manifestações da natureza, o respeito à liberdade pessoal, a tolerância, a paciência, a não-violência, a fidelidade ao modo de ser religioso (teko marangatu) e o domínio das regras do bem falar. Tradicionalmente os Kaiowá e Guarani educavam-se através da participação na vida comunitária. A partir do surgimento de agentes e instituições especializadas em educação, essa situação se altera. Hoje, o desafio que se coloca é uma proposta que concilie dois sistemas pedagógicos – o da comunidade educativa indígena e o da instituição escola (MELIÁ, 1989), se é que são conciliáveis.

³⁷ De acordo com Projeto Político Pedagógico do curso Ára Verá ano 2002Ñe'ê (Língua) – Mais do que um sistema de comunicação, a língua, para os Kaiowá e Guarani, é considerada “a alma espiritual que

Sobretudo as práticas pedagógicas desenvolvidas na V Turma Ára Verá, foram interligadas estabelecendo conexões com os elementos fundamentais na ótica dos Guarani e kaiowá, Meliá (2019), aponta que “não havendo tekoha, é impossível existir teko e sem teko não há ñe’ê”, pois os três elementos formam um grande conjunto de valores, da espiritualidade, a cultura, a identidade indígena, porém essas ações devem sempre estar articuladas e integradas ao modo de ser Guarani e Kaiowá, podendo ser base para a educação diferenciada e específica, para a “Educação Nacional dos civilizados”.

No entanto a Educação indígena acontece por diversos espaços, tempo e entre lugares, de maneira ampla para a vida em comunidade, já a educação escolar se constitui em dois períodos (sendo o início do ano letivo e término do ano letivo).

Aquino (2012 p 115) chama atenção para o diálogo entre dois mundos totalmente distinto, no entanto é necessário caminhar lado a lado, porém não se esquecendo de suas raízes culturais.

A educação terá que viver e caminhar juntos de maneira vinculada entre o tradicional e o sistematizado, com aquilo que se busca realmente para viver num mundo melhor e justo, um mundo sem maldade. A nossa comunidade, que é o seio onde se desenvolve o direcionamento das reflexões da educação de todos os sujeitos e principalmente das crianças pequenas que ainda não foram à escola, está em constante construção de processos próprios de seu aprendizado, aquilo que trará uma verdadeira mediação entre os dois mundos, daquilo que aprendeu juntando os conhecimentos indígenas e não indígena, mas do seu jeito. Isso facilitará a aprendizagem, apesar de estarem caminhando com outro conhecimento do entorno,

Guarani é medido pelo grau de perfeição do seu dizer”. Por isso, além de ser considerada como o vetor espiritual que imprime a qualidade de ser humano à pessoa, a língua, além de ser o elemento de coesão étnica do povo, também é tratada no curso como instrumento de produção e reprodução do conhecimento e dos valores da sociedade Kaiowá e Guarani, principalmente para a educação das gerações mais novas, garantindo, assim, a efetivação da comunicação em todas as suas modalidades, tanto em sua representação oral, como escrita e outras, entre seus pares e com a sociedade nãoindígena.

⁴¹ De acordo com Projeto Político Pedagógico do curso Ára Verá ano 2002 Tekoha (Território) – “É o lugar em que vivemos segundo nossos costumes” (MELIÁ e outros, 1976:218). É um espaço físico apropriado e transformado mediante a cultura do grupo, de seus conhecimentos e tecnologias. É o lugar (ha) onde se realiza o teko. Ou seja, “sem tekoha não há teko” (MELIÁ, 1988, p. 106). Por isso, hoje, a destruição dos tekoha, produzida pelo impacto da perda da terra, inviabiliza a vivência cultural, religiosa e social, fazendo todo sistema Kaiowá e Guarani (teko) entrar em crise, colocando em risco a própria sobrevivência do grupo, principalmente porque sem terra não há condições de exercer a economia de reciprocidade (teko joja), característica do sistema de cooperação da família extensa, unidade básica da

se manifesta através do falar e toma seu assento” na pessoa (MELIÁ e outros, 1976, p. 248). Os Kaiowá e Guarani se definem mais pela sua fala do que pelo seu comportamento. Segundo este autor, (1991), a

perfeição do Guarani é a perfeição de sua palavra; por isso, “a valorização e o prestígio dos Kaiowá e organização social dos Kaiowá e Guarani. Daí a importância de tratar de todas as questões referentes a terra, em seus aspectos de uso e apropriação, de auto-consumo, de biodiversidade, de legislação, além dos aspectos culturais e históricos e sua relação com a sobrevivência física e cultural das futuras gerações. que também faz parte da realidade vivida. Essa aprendizagem vai acontecendo cotidianamente não importando os momentos e nem os lugares.

Nesta interculturalidade de conhecimentos foram desenvolvidas as práticas pedagógicas da V turma, estabelecendo a relação entre os dois mundos refletindo sobre a: 1 - Formação do professor indígena Guarani e Kaiowá e o processo de Formação do Yvyraija, com a participação do Nhanderu Valério (Sábio) e Nhandesy Floriza (Sábua) Tradicional Indígena, 2- Integrando a tecnologia e a formação de professores indígenas, 3 - Roças tradicionais indígenas e o cultivo de alimentos saudáveis 4 – O professor indígena Guarani e Kaiowá não pode tropeçar.

Outro ponto importante ocorrido durante o andamento do curso, foi a forma que se estabeleceu à construção do currículo da formação Ára Verá, na qual foi constituída uma comissão interna no curso para mediar, participar e (re) construir da matriz curricular diferenciada e significativa para os Guarani e Kaiowá. Sendo necessário o diálogo e negociação entre indígenas, não indígena e os outros.

Desta forma os interlocutores da pesquisa vêm esta ação como estratégia política, social e cultural, visto a Comissão Interna de Professores Indígenas do Curso Ára Verá, mediava várias situações na formação.

Mbo’ehary 4 traz atividades desenvolvidas pela comissão interna dos professores Guarani e kaiowá:

[...]então a partir daí a gente começou a fazer uma comissão né, esta comissão vinha discutir, era formado por cada um de tekoha, surgimento dos problemas dentro do ara vera, era este movimento que resolvia né, desde problemas particulares, familiares dos tekohas, com as lideranças, né, chamava, por exemplo, um aluno ia ter problema na sua comunidade, tinha que voltar, a gente chamava ele, chamava liderança conversava, dava todo aquele apoio, para que a liderança desse também o apoio né

É compreendido com Backes (2005), que os indivíduos não são centrados, as identidades e diferenças se articulam e se modificam a partir das vivências, experiências e necessidades, neste contexto os Guarani e Kaiowá, se descobrem como negociadores e articuladores no processo de relação de poder entre indígenas e não indígenas.

Mbo’ehary 2, destaca que:

A gente sentava e discutia, mais na época o grupo era mais assim,, apesar de muito é ainda não estar (como que a gente fala), acreditando que os direitos nosso era garantido que a gente poderia ir para o embate da luta, a gente sempre estava discutindo né,,qualquer coisa que acontecia a gente, já ia e discutia já via um,, com quem conversar,, pra onde ir,,já marcava e não deixava passar as coisa né,, sempre tinha,, a gente estava mais presente em busca de soluções né.

Mbo'ehary 3 traz que:

[...] a construção de nova identidade – pode ser, por que na verdade quando a gente cresce numa lógica de estudo de formação acadêmica de formação não indígena de formação específica você está lógica de competição de evoluir com essa idéia de eu sou o melhor, este egoísmo seu é mais elaborado, mais fortificado né...e tudo minha lógica de falar sobre determinado assunto era na lógica escolar...pra mim foi doloroso isso ai , por que tive dizer pra mim mesmo tudo que aprendi no primeiro momento não serve muito para o contexto, não serve muito e isso pra mim foi muito doloroso e comecei a dialogar a conversar com as lideranças, a conviver e a convencia foi muito interessante por que o Ara Vera teve o espaço de convivência de sentar, ouvir, pensar e conhecer o conhecimento indígena e não indígena, ai você tem toda a cosmologia indígena sendo os dois conhecimentos como base, talvez sendo o alicerce para a construção do outro conhecimento...

Mbo'ehary 2:

na verdade eu não tinha identidade, eu falo que não tinha identidade, por eu não sabia da onde que vim, da onde que eu era, depois de muito tempo eu fui vendo que eu tinha uma identidade, que eu era Guarani que eu tinha minhas raízes e,,na verdade...eu me converti por que eu aprendi como que isso era importante pra mim enquanto minha família.

De acordo com as falas dos interlocutores da pesquisa onde compartilharam o processo de criação do curso entre desafios conflitos e tensões compreendemos que o curso *Ára Verá*, possui uma estrutura específica para professores indígenas Guarani e Kaiowá.

Os Guarani e Kaiowá acreditam que a partir da espiritualidade, crenças, valores, costumes, lutas e conhecimentos podem romper com o modelo de escola pensada para os indígenas. Pois apresentam na sua organização pilares interculturais ligados ao modo de ser Guarani.

Na concepção dos Guarani e Kaiowá, a Escola Indígena *Ára Verá*, é considerada o coração da educação escolar indígena, visto que bombeia vida para outras escolas indígenas da região Cone Sul. A partir de seu modo de ser, pensar e resistir.

Bhabha (2013 p 183), explica que:

[...] Essa resistência não é necessariamente um ato oposicional de intenção política, nem é a simples negação ou exclusão do “conteúdo” de outra cultura, como uma diferença já percebida. Ela é o efeito da ambivalência produzida no interior das regras de reconhecimento dos discursos dominantes, na medida que se articulam os signos da diferença cultural[...]

A diferença cultural acompanha o curso Ára Verá, desde seu nascimento fortalecendo suas origens e a identidade indígena.

Na qualificação desta pesquisa, o professor Levi destacou:

[...] tenho maior admiração pelo Ára Verá... até hoje...aos tramos e barrancos não conseguiu se institucionalizar...e talvez por isso ele conseguiu manter uma característica [...] de ser muito mais próximo movimento[...].

A Escola Ára Verá, mesmo passando por diversas dificuldades econômicas perante o Estado Brasileiro permanece nos caminhos da educação escolar Indígena trabalhando de forma específica com os Guarani e Kaiowá, na valorização do próprio ser guarani. É evidente que nesta concepção específica não é professor que ensina, mas, sim todos ensinam e aprendem uns com os outros.

A luta por uma educação Diferenciada Específica, Comunitária, Intercultural e Bilingue, compõem a essência do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá, sendo o modelo, referência de Educação Escolar Indígena. Pois surgem das raízes culturais indígenas Guarani e Kaiowa.

As tensões que surgiram e (re)surgem, fazem parte do processo de descolonização e fortalecimento intercultural dos conhecimentos, valores e identidade indígena, pois luta para se desprender dos valores consagrados pela cultura ocidental, onde os Guarani e Kaiowá resistem com muita sabedoria.

A resistência está na coletividade, nos contos, rezas e na espiritualidade dos Guarani e kaiowá, onde os fortalecem nos encontro tradicionais indígenas entre lideranças, professores indígenas e não indígenas sensíveis a questão, se tornando uma discussão ampliada em prol do bem estar e do modo de ser Guarani e Kaiowá.

Assim a escola indígena Ára Verá, não o único caminho da Educação Escolar Indígena, mas vem atuando no sentido de descolonizar e reconstruir o modelo de escola imposta pelos “civilizados”.

Todavia o curso não pode ser moldado ou institucionalizado, pois, possui características fortes e muito bem definidas engajadas nas raízes culturais indígenas.

Compreendo que as tensões sempre existiram e existem, pois é necessário se desprender das velhas roupagens da educação colonial, que tenta a todo o momento matar a educação tradicional indígena.

CAPITULO 4 – PRÁTICAS INTERCULTURAIS DESENVOLVIDAS NA V TURMA DO CURSO ÁRA VERÁ

Neste capítulo serão abordadas as Práticas Pedagógicas desenvolvidas no curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá – V Turma entre os anos de 2015 a 2018, com a participação dos professores Indígenas formadores do curso em sintonia com o Nhanderu e Nhandesy Mestres Tradicionais Indígenas.

Arroyo (2012) nos direciona sob a reflexão de outros sujeitos, outras pedagogias, neste sentido partiram da participação dos professores formadores indígenas Guarani e Kaiowá, como outros sujeitos, sendo autores do processo de formação de professores indígenas em nível médio sob a utilização de seu modo de aprender, ensinar, compreender e compartilhar conhecimento.

Uma tarefa nada simples para os professores formadores Indígenas e não indígenas, pois enfrentam a todo o momento tensões com as idéias da educação ocidental que ainda transitam nos espaços do curso. Marin (2009), menciona que é necessário se apropriar da interculturalidade, passando pelo processo de descolonização do saber mediante o diálogo entre conhecimentos tradicionais indígenas e não indígenas.

Para Marin (2009 p. 128), este diálogo entre diferentes saberes na formação de professores indígenas nos possibilita a interculturalidade: “[...] Assumir a interculturalidade como perspectiva possibilita-nos o reconhecimento e a valorização de outros sistemas culturais, para além de toda a hierarquização...a construção de um diálogo”.

Pode ser que a construção deste diálogo, na formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá se caracteriza como um ponto de partida em meio a tantos desafios epistemológicos, mas que podem contribuir na reconstrução de um projeto social, educacional e político, pois a educação escolar indígena tem oportunizado a reflexão e (re) elaboração do plano educacional capaz de agregar valores e conhecimentos locais e globais para pensarmos localmente e atuar globalmente.

Candau (2011 p. 61), afirma que o termo interculturalidade aparece em vários estudos educacionais da América Latina permitindo a articulação e respeito entre os conhecimentos diferenciados.

[...]Toda a produção bibliográfica que analisamos, assim como os depoimentos dos/as entrevistados/as dos diferentes países forma unânimes em afirmar que o termo surge na América Latina no

contexto educacional e mais precisamente, com referência à educação escolar indígena.

Sendo que a trajetória da educação escolar indígena ao longo de sua criação, vale ressaltar que não se trata da existência de um único caminho progressivo da história da educação escolar indígena na América Latina, pois envolve um diálogo hibridizado entre a educação ocidental e a interculturalidade. Todavia, a primeira etapa se desenvolve a partir da colonização até as primeiras décadas do século XX, onde podemos dizer que as populações indígenas viveram uma grande violência etnocêntrica na tentativa da imposição da cultura não indígena³⁸.

Neste sentido venho dialogando com autores estudiosos sobre as Diferença(s) e construção de Identidade(s) e percebendo que as diversas situações do cotidiano escolar podem proporcionar à formação um direcionamento teórico na busca por um rompimento e (re)construção de um novo paradigma ou um novo momento.

Desta forma dona Nhandesy Tereza Espídola da etnia Guarani, moradora na aldeia Bororó município de Dourados, fala sobre a importância do Jehovassa, Guachiré, Sambo e yvyra'i em sua percepção podem ser fundamentos para a formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá.

De acordo com dona Nhandesy Tereza, Sábida Tradicional Indígena, a qual participou da formação de professores indígenas em nível médio V turma, descreve o *Yvyra'i* como a cruz que na sua parte superior divide o mundo ao meio (norte e sul), sendo o norte como um espaço de divindade e o sul aonde vão nossa alma após a morte. Ao oeste fica o *ivay*, denominado como divindade perigosa e quando uma criança vem de lá, é necessário passa por um processo de (*nhemongara'i*), caso isso não ocorrer a criança pode apresentar agressividade e rebeldia.

Do lado leste e norte nasce uma criança inteligente e quando atinge a idade adulta torna – se trabalhadora.

Ao sul é considerado um espaço monstruoso, sobretudo denomina *yvy aigue* (espaço aonde não vem coisa boa).

Ara jeive, nascente do sol, para o guarani considerado espaço *marangatu*.

³⁸ A educação colonial tinha objetivo extinguir os conhecimentos, língua, cultura o modo de ser e viver dos povos indígenas.

Neste local há várias divindades da espiritualidade Guarani e Kaiowá, que guardam o (mba`raka, ku`a kuha e jeguaka) elementos sagrados para o povo guarani e kaiowá responsáveis por conectar como o teko marangatu e teko marane'y.

Neste sentido que o curso vem desenvolvendo a formação de professores envolvendo os conhecimentos tradicionais do povo guarani e os conhecimentos ditos “universais”, pois o projeto pedagógico garante a participação de professores formadores, estudantes da V turma e lideranças indígena/não indígenas.

Jhovassa: é direcionado pelo mestre tradicional (Nhanderu/Nhandesy), detentor do saber indígena, é praticado nos grupos familiar Guarani e Kaiowá, seja nas formações, encontro de professores, reuniões, celebração cultural, viagens de delegações indígenas do Cone Sul etc.

Os homens se posicionam ao lado do rezador de frente para o oriente, em posse de seus baraka e as mulheres logo atrás com seus takuapu, é entoado cantos denominados reza na língua indígena, é pedido as divindades que ilumine os trabalhos a serem desenvolvidos naquele dia, de forma que os cursistas tenham prazer, concentração e sintonia de idéias.

Guachiré: segundo nhandesy é uma celebração realizada por mestre tradicional e demais participante sempre de mãos dadas formando um círculo em movimento com ritmo e cadencia G/K entoando canto de poesia e rimas na língua indígena demonstrando união, alegria e a reciprocidade colocando todos os participantes no mesmo nível sem hierarquias de conhecimentos.

Sambo: para os guarani e kaiowá é uma atividade que envolve movimentos ligeiros em todos os sentidos, preparando Kumba'e (homem) e Kunha (mulher) para solucionar problemas físico na qual exige agilidade, concentração, estratégia de defesa e raciocínio para se livrar de ataques de inimigos. Só quem pode ensinar está atividade cultural é os Nhanderu e Nhandesy extremamente qualificados. Os movimentos são espelhados nos animais que vivem na mata e nos rios na qual possuem habilidades ágeis e força.

Diante disso o professor indígena deve apreender dialogar, ouvir, interagir, conhecer e participar deste processo unidos dos conhecimentos indígenas Guarani e Kaiowá com os detentores do saber tradicional na simplicidade de (re)educar, (re) significar, (re)elaborar participando como sujeitos pedagógicos na produção na

(re)produção de “outras” pedagogias praticando os cantos, rezas e danças Guarani e Kaiowá. Práticas desenvolvidas periodicamente no processo de formação dos professores indígenas.

Outras pedagogias a partir da interculturalidade promovendo uma estratégia ética, política e epistêmica, na valorização dos diversos saberes dialogando com diferentes conhecimentos, favorecendo os processos coletivos numa perspectiva de projeto de vida pessoal e coletivo no aparecimento de “outras” identidades e sociedades mais humanas e solidárias capazes de (re) construir novas direções para a educação escolar indígena se reencontrando com seu modo próprio de aprender e ensinar.

4.1 Como os professores indígenas formadores compreendem práticas pedagógicas diferenciadas e específicas no curso Ára Verá V turma?

Para os Guarani e Kaiowá formadores do curso Ára Verá as práticas pedagógicas diferenciadas e específicas se misturam a forma de viver e conviver, uns com os outros mediante as aprendizagens de conhecimentos indígenas e não indígenas sem esquecer suas raízes tradicionais e culturais indígenas.

Para o Mbo'eháry 4, o curso diferenciado para que os:

[...] professores pudessem trabalhar as práticas pedagógicas diferenciadas onde deveriam aprender né...todas as tendências[...] e essas práticas voltasse as suas comunidades com experiência e trabalhar principalmente do saber fazer compreendendo o seu entorno em questões sociais, culturais, territoriais e política Pois a reflexão de ser um bom professor indígena deve – se agregar diversos valores e conhecimentos, eu já estava na sala de aula tudo que a gente aprendia colocava em prática.

O ensino diferenciado é oposto da escola ocidental, pois somos diferentes na maneira de pensar, de falar, compreender, ensinar, aprender, na qual os povos Guarani e Kaiowá não cabem numa sociedade padrão.

Esta preocupação dos professores indígenas formadores do curso Ára Verá V Turma, em tornar as práticas pedagógicas diferenciadas e específica do modo Guarani e Kaiowá de maneira eficiente nas comunidades indígenas, articulando os conhecimentos tradicionais indígenas na preparação de professores “Jeko hára³⁹”.

Walsh (2012, p 86) especifica que:

³⁹ Professores, profissionais ou indivíduos vistos pelas comunidades indígenas que como referencia de respeito e responsabilidade.

[...]desarrolladas por la educación popular e incorporadas en los procesos de recuperación colectiva de la historia, hicieron parte de los mismos debates intelectuales abiertos por la investigación-acción participativa. Desde la perspectiva de una educación liberadora, la concientización era posible a partir del proceso dialógico en la producción del conocimiento; y a la inversa, solamente desde el diálogo concebido como una apuesta distinta con respecto a los mecanismos autoritarios impuestos por el modelo capitalista, era posible adelantar un proceso de concientización.

O ensino diferenciado dialoga e se define com Walsh (2012), visto o curso Ára Verá, surgir como uma alternativa de mudança na formação profissional e social dos professores indígenas Guarani e kaiowá em nível médio, em razão que muitos indivíduos serem contrários a formação não indígena, pois compreendiam que a importância de participar da diferenciada e não a padronização ofertada pela sociedade nacional civilizada.

Mbo'eháry 1 explica que o curso Ára Verá possui ensinamentos para além das quatro paredes:

[...] hoje eu penso que uma educação de qualidade você primeiramente não é você focar no conhecimento técnico científico isso faz parte, isso é uma trajetória, mas é capaz que o indígena pensa acaba resultado de ensino ele olhasse o mundo a partir da visão dele como indígena mas que a partir dele, mas que esse olhar tivesse vários conhecimentos indígena e não indígena, por hoje não pra ficar somente na cultura também e não da pra ficar somente no conhecimento não indígena, mas junto a partir disso um terceiro conhecimento de você olhar o mundo e não como ela é...mas o que deve ser...deve ser...a capacidade de analisar todo a conjuntura política[...] pensar o sujeito através da educação né...é não prepara o indígena pra ser mero trabalhador, mero técnico, mero sujeito pra ser instrumento de trabalho mas ir além disso ele pensar criticamente.

Dentre as práticas desenvolvidas no curso de formação dos professores indígenas Ára Verá V Turma, entre 2015 a 2018, não envolve somente questões pedagógicas, mas formação política.

Por isso a participação das diferentes trajetórias acadêmicas percorridas pelos professores formadores, estabelecendo o encontro com a Educação escolar Indígena a partir da formação de professores Indígena do curso Ára Verá.

Tendo a participação de professores indígenas egressos do referido curso no ano de 1999, como formadores além de outros profissionais conhecedores e pesquisadores da educação escolar indígena onde percorreram o caminho inverso nas formações específicas e diferenciadas.

Para tanto uma interação entre diferentes cursos de licenciatura de professores formadores indígenas, se cruzaram estabelecendo uma conexão a partir do curso *Ára Verá - V Turma*, estabelecendo diálogos interculturais entre formações. Compreendo que o espaço de formação do curso *Ára Verá* promove o reencontro cultural indígena.

As práticas pedagógicas desenvolvidas durante a formação de professores indígenas em nível médio *V Turma*, foram planejadas, organizadas e executadas pelos professores indígenas formadores do curso, como protagonistas da formação de professores indígenas. Sendo desenvolvidas diversas práticas pedagógicas específicas, todavia foi abordado algumas dessas **práticas**, no entendimento do pesquisador e protagonista da formação, significativas, no entendimento do pesquisador em conexão com os mediadores⁴⁰ da pesquisa.

As práticas interculturais desenvolvidas na *V Turma* do curso *Ára Verá*, envolvem 4 momentos considerados relevantes ao ponto de vista do pesquisador participante deste processo. Sendo 1 – Participação dos (as) Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas e os professores formadores indígenas Guarani e Kaiowá, 2- Uso da tecnologia e a formação de professores indígenas, 3 - Roças tradicionais indígenas e o cultivo de alimentos, 4 – Regras específicas para ser um bom professor indígena.

Para o *Mbo'ehary 4*, a participação na formação de professores nível médio *Ára Verá V Turma*, como formador, é assumir o compromisso com a comunidade (velhos, jovens e crianças) de estabelecer diálogo entre saberes através das:

[...] práticas pedagógicas, pois nos dias atuais é diferente né, pois acontece no dia – a- dia, não fica somente na teoria, pois não tivemos um momento de ir para retomada, ouvir rezas, tensões, morte etc, hoje nós temos as aulas sendo realizadas nos territórios, (nas aldeias), também é pensado por nós, as rezas, os cantos as danças e os rituais são colocados em prática por nós [...] Os rezadores não são envolvidos somente na forma cultural, mas nas práticas no processo de ensinar e aprender né [...] nos professores indígenas quando assumirmos a função de formador temos a missão de trabalhar entre diálogos com rezadores e os outros conhecimentos, com a tecnologia para fazer o diferente, valorizando nossos conhecimentos, língua, cultura e o nosso modo de ser[...] mas principalmente a questão da sustentabilidade, o auto sustentar, através das roças guarani com alimentos saudáveis de qualidade.

⁴⁰ Professores indígenas que contribuíram para a realização da pesquisa, pois as ideias e alteridade se conciliavam.

O curso realizou algumas atividades sendo tentativas de envolver práticas interculturais, inovadoras proporcionando aos professores cursistas outros olhares, outras práticas pedagógicas.

Neste sentido ter a participação dos Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas pode se considerar de grande relevância na formação dos profissionais indígenas, no sentido de valorizar e aprender com os velhos.

4.2 Participação dos (as) Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas e os professores formadores indígenas Guarani e Kaiowá

As práticas pedagógicas específicas e diferenciadas foram realizadas nos territórios tradicionais indígenas. Envolvendo na prática os eixos temáticos que norteiam o curso sendo: *teko* (cultura), *tekoha* (território) e *ñe'ẽ* (língua). Assim os eixos articulam a todo o momento no processo de formação dos Guarani e Kaiowá. Visto que as aulas foram ministradas na maioria das vezes na língua materna indígena.

Tendo a presença e participação dos Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas nas atividades pedagógicas do curso pesquisado, de maneira ativa, sendo notório o bemestar dos professores cursistas e deixando o ambiente de formação familiar intercalando os conhecimentos, vivências e experiência nas práticas interculturais.

A atividade foi desenvolvida durante a 3ª Etapa Presencial do referido curso, na aldeia de Amambaí em julho de 2016.

Sendo abordadas noções de conceitos matemáticos de “Números e Operações, Espaço e forma, Sistema de informação e Sistema de medidas”, foi envolvido pelo professor formador e pesquisador indígena a partir de “aula a campo” tornando os estudos da matemática em práticas específicas e significativas para os professores indígenas cursistas da V turma Ára Verá.

No primeiro momento, estudantes indígenas da V Turma do curso Ára Verá, realizaram estudos e aprofundamentos teóricos dos conceitos matemáticos.

Desta forma o professor formador e pesquisador indígena solicitam aos estudantes para que buscassem em articular os conceitos matemáticos numa determinada prática cotidianas.

FIGURA 08 -OFICINA DE MATEMÁTICA E CANTOS GUARANI E KAIOWÁ COMO PRÁTICAS INTERCULTURAIS DESENVOLVIDAS PELOS FORFESSORES FORMADORES DO CURSO ÁRA VERÁ NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E NUMERAMENTO

DAS CRIANÇAS INDÍGENAS, SENDO APRESENTADOS PELOS PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRA VERÁ.



Professor Indígena Kaiowá morador na aldeia Nhanderu Laranjeira – construindo maquete da casa tradicional Guarani e Kaiowá, na qual explicam como relacionar a teoria versus práticas dos conceitos matemáticos e os saberes milenários do povo Guarani e Kaiowá. Uma prática presente nas comunidades indígenas tanto na área de demarcação ou em terras já demarcadas.



Professor morador na aldeia de Caarapó, envolvendo o plantio do ‘Kokue Jopara’ - Roça Tradicional Guarani e seus ensinamentos tradicionais indígenas como: medidas, calendário, números e operações, tabelas, espaço e forma.



Cursistas das aldeia de Caarapó e Laguna Caarapã, apresentando maquete da moradia indígena – explicando conceitos de medidas, espaço e forma geométricas, tipos de materiais naturais encontrados na natureza que podem auxiliar na construção da moradia, conscientizando crianças ao respeito e valorização do meio ambiente, bem como a preservação da natureza e seus elementos, na não se desprende da cosmologia Guarani e Kaiowá.



Professor morador na aldeia de Paranhos, Grupo constroem casa onde (re)significam os preceitos Guarani e Kaiowá na atualidade através da interferência do outro, na qual podem ser (re)utilizado nos diversos tipos de moradias presentes nos tekohas, onde podem ser um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem da matemática nos em noções de conceitos de espaço e forma da geometria.

	<p>Professores indígenas moradores na aldeia de Aral Moreira e Panambi, explicam sobre o <i>Kotyhu</i>: é um canto poético Kaiowá, onde se é narrado diversos tipo de histórias indígenas. Podendo ser praticado em qualquer ambiente festivo ou na comemoração de uma data importante no sistema tradicional indígena, o <i>kotyhu</i> expressa sentimento, como se sente no momento, narra a história de um lugar, canta ou fato marcante que ocorreram naquele lugar.</p>
	<p>Guachiré expressa alegria, o bem viver Guarani e kaiowá em harmonia uns com os outros, bastante praticado nos encontro e festividades indígenas, sendo cultivado na formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá, pois trata da interação respeito e aproximação das pessoas. Sendo uma atividade cultural que envolve diversos movimentos corporais e raciocínio lógico.</p>

FONTE: SOUZA, 2018.

A construção de diversas moradias pelas aldeias indígenas em a área de retomada, aldeias já demarcadas podem contribuir no processo de construir conceitos básicos da matemática a partir do modo ser e viver dos Guarani e Kaiowá, em sintonia com a cultural tradicional indígena através dos cantos e movimentos corporal.

Outra atividade desenvolvida pelos professores indígenas se procedeu numa área de mata, onde tiveram que observar a diversidade de plantas, galhos, folhas, identificarem principalmente os possíveis remédios tradicionais indígenas.

Nesta questão fora fundamental a participação da Sábida Tradicional Indígena Kaiowá Helena Borvão, moradora na aldeia de Amambaí, que explica aos estudantes sobre os remédios tradicionais indígenas.

FIGURA 09 - SÁBIA TRADICIONAL HELENA APRESENTANDO OS REMÉDIOS TRADICIONAIS INDÍGENAS, PARA ALUNOS DA V TURMA CURSO ÁRA VERÁ, AO SEU LADO ESQUERDO NHANDERU VALDOMIRO MORADOR NA ALDEIA PANAMBIZINHO MUNICÍPIO DE DOURADOS E A SUA DIREITA PROFESSORA INDÍGENA MORADORA NA ALDEIA INDÍGENA DE CAARAPÓ.



FONTE: SOUZA, 2018.

Foi explicado aos estudantes sobre a importância dos remédios tradicionais indígenas na prevenção de doenças como diarreia, dor de cabeça, náuseas, articulando aos saberes tradicionais indígenas, Dona Helena apresenta os remédios tradicionais indígenas como o: Yvychi⁴¹, Yvyrapytã⁴², Ynambuka`a⁴³, Guiripysã⁴³, Cedro⁴⁹ e Ysy⁵⁰ encontrados no tekoha de Amambaí.

⁴¹ Remédio tradicional indígena específico para mulheres, pois auxilia – as no trabalho de parto e também para que a criança nasça sem complicações.

⁴² Remédio tradicional indígena para todos que estirem com micoses ou coceiras, utilizando a casca da planta.

⁴³ Remédio tradicional indígena que ajuda a criança dar os primeiros passos, sendo utilizado as frutas da planta devendo ser esfregado nos pés e articulações das pernas durante 7 semanas especialmente nas sexta - feiras.

⁴³ Remédio tradicional utilizado em crianças que costumam chorar na escola.

Nhandesy Helena se mostra preocupada com o desaparecimento de diversos remédios e de plantas medicinais, talvez pelo desmatamento e queimadas em áreas indígenas, para o cultivo da monocultura e criação de animais (gado).

Tanto que os remédios tradicionais abordados por Dona Helena, são de extrema importância para os professores cursistas, visto que na sua concepção o profissional da educação escolar indígena, deve reconhecer, saber utilizar e diferenciar suas especificidades.

Pois somente o professor (a) conhecendo bem as plantas pode fazer uso das mesmas corretamente, a saber, onde encontrar os remédios, e o modo de prepará - los.

Demonstrando aos professores cursistas indígenas do curso Ára Verá V Turma, a importância de conhecer e saber fazer os remédios tradicionais indígenas, para o bem viver da comunidade escolar e suas próprias famílias.

Esta prática foi articulada aos estudos do campo das ciências da natureza e ciências exatas, a conhecer, identificar os remédios, modo de preparo, incluindo das “raízes, folhas, e casca” de plantas medicinais indígenas. Pois o professor indígena encontra se diante de uma complexidade no contexto escolar e na comunidade, na qual lhe é exigido outros conhecimentos.

Desta forma o uso das ciências indígenas e das demais ciências coloca o professor indígena em situação de mediar os conhecimentos, sendo ele o responsável de construir caminhos entre saberes, sendo um desafio complexo para os professores indígenas.

Para Mbo'eháry 4 (2018), o professor indígena:

[...] traz dois conhecimentos, conhecimento indígena e o escolar, que analisa e torna como base, como alicerce, para a construção do terceiro conhecimento que vai dialogando, isso que dá um diferencial para a escola indígena.

Articular os conhecimentos indígenas e não indígenas nas práticas pedagógicas, ainda é um grande desafio para o professor indígena, visto que a insegurança, os olhares do outro ainda os colocam como inverdades.

⁴⁹ Planta sagrada para os Guarani e Kaiowá, na qual utilizam a casca e folhas em rituais sagrados e também para remédios.

⁵⁰ Remédio tradicional Guarani e Kaiowá utilizado no tratamento de dor de cabeça,

Assim a realidade de construir práticas pedagógicas interculturais no processo de formação de professores indígenas do curso Ára Verá, procura realizar o rompimento com o pensamento “civilizado”, garantindo a articulação entre os diferentes conhecimentos a partir do que os indígenas Guarani e Kaiowá, vivenciam. Desta forma envolver os conceitos matemáticos a partir dos remédios tradicionais indígenas a partir das experiências de vida, torna práticas e as ensinagens mais significativas na produção das “ciências indígenas” para a vida em harmonia entre conhecimentos e saberes e fazeres.

Os saberes tradicionais envolvem um amplo conhecimento, de regras tradicionais indígenas, no bojo de maneira de ser, viver a partir de suas crenças, costumes e valores.

Neste sentido que Mbo’eháry 6, explica que:

[...] pra gente viver, uma tradição Kaiowá mesmo... É necessário entender o que é ser Kaiowá? E não simplesmente ser Kaiowá, é preciso entender que eu sou? Quais são as minhas regras de vida! É preciso que eu venha praticar essas regras, não simplesmente aprender...é preciso que eu faça ...que prático...assim também para os Guarani...existe um princípio de leis indígenas que envolve a hora de comer, de ir pra roça, passear, de trabalhar, buscar lenha no mato, pescar...pra tudo tem uma regra... um ritual.

O conjunto de regras tradicionais indígenas é repassado pela oralidade pelos mais velhos de geração para geração com o propósito de garantir o respeito, a boa convivência entre as pessoas, na família, coletividade e também com a natureza.

Para Mbo’eháry 6, o aprender não é simplesmente aprender, mas deve ser colocado em prática todas as possíveis aprendizagens adquiridas, pois a educação tradicional indígena é pra toda a vida.

4.3 Uso das tecnologias da informação no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá

Realizada na 6ª Etapa Presencial do curso Ára Verá V turma, na cidade de Dourados, em janeiro de 2017, foi desenvolvida pelos professores e pesquisador do curso Ára Verá, sob o uso das tecnologias da informação no processo de formação dos professores indígenas em apreender fazendo e construindo.

É claro que os povos indígenas desde muitos anos possuem suas tecnologias próprias, aplicadas a diferentes situações da vida. No entanto é necessário manusear outras tecnologias, no sentido de ampliar os conhecimentos.

Para os Guarani e Kaiowá o termo utilizado nesta prática japo kuaa, que tem o significado de aprender e realizar algo com pleno conhecimento, articulando os diferentes conhecimentos. Este contexto torna se complexo, pois a escola e “tecnologia do não índio” não fazem parte da cultura da tradicional indígena, estamos diante de outra realidade na qual as tecnologias podem contribuir com a práticas pedagógicas dos professores.

Desta forma foi trabalhado pelos professores do curso, o uso das tecnologias da informação “TI”, no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá, possibilitando aos cursistas o conhecimento teórico, prático e tecnológico.

Partindo da reflexão, que o uso das “TI” pode ser uns locais repletos outros conhecimentos, articulando a experiência de vida, e da escola, por ambas estarem ligadas a diversos movimentos transversais de múltiplos saberes, na qual se interconectam e se articulam nas comunidades indígenas, possibilitando formação pessoal e profissional para os estudantes indígenas em saber fazer uso das tecnologias educacionais.

Neste sentido que os professores abordaram o uso das tecnologia no sentido de desenvolver o japokuaa, para que os cursistas da V Turma pudessem analisar, refletir identificar e localizar os antigos tekohas (terras nativas) e suas parentelas, percebendo as modificações ocorridas no meio ambiente causada pela ação humana dita civilizada, visando o “progresso e o desenvolvimento”.

Os alunos realizaram pesquisa na internet através do Google Earth, para localizar seus respectivos municípios, as Terras Indígenas e suas comunidades. Neste exercício os alunos puderam explorar os espaços geográficos, a vegetação, as transformações ocorridas nos rios e meio ambiente e o cultivo da monocultura.

Nesta perspectiva a tecnologia teve uma ação de diálogo entre conhecimentos articulando os vários saberes, sendo uma ferramenta necessária na formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá, pois permite a visualizações, debates e reflexão de novas possibilidades pedagógicas.

FIGURA 10 - PROFESSORES FORMADORES DO CURSO ÁRA VERA, PROFESSORES CURSISTA DA V TURMA E COLABORADORES/PESQUISADORES DE OUTRAS INSTUIÇÕES DE ENSINO, QUE CONTRIBUÍRAM NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS EM NÍVEL MÉDIO.



FONTE:SOUZA, 2018.

A aula mostrava o “desenvolvimento” provocado pela ação do homem branco e também por alguns indígenas que estão tomados pela cultura capitalista que praticam o arrendamento de terras indígenas com intenção de “lucrar”. Todavia, o lucro das terras indígenas arrendadas geralmente fica com o outro.

FIGURA 11 - AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO TERRITÓRIO TRADICIONAL INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ, SENDO VISUALIZADOS NA IMAGEM DA PRODUÇÃO DA MONOCULTURA E CRIAÇÃO DE GADO.



FONTE:SOUZA, 2018.

A imagem mostra claramente as transformações ocorridas num determinado Tekoha tradicional, surgindo várias discussões e reflexões para os professores indígenas Guarani e Kaiowá, dialogarem em suas comunidades com intuito de conscientizar outros parentes indígenas.

Sendo que os cursistas da V Turma puderam realizar diagnóstico da situação atual ambiental das terras indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul, com atenção às condições de degradação, perda de solo por lixiviamento, assoreamento de corpos d’água, perda da cobertura vegetal nativa e práticas agrícolas inadequadas.

Neste formato é necessário a mudança de práticas no que se refere às formas de uso e manejo da terra, no sentido de possibilitar a (re)criação da paisagem através da gestão territorial, com o participação dos professores indígenas, contribuindo na formação de agentes transformadores sendo em nível local (moradia), ou em nível escolar (comunidade).

Nesta perspectiva que o uso da tecnologia da informação no meio educacional, contribuiu com processo de formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá, promovendo o saber fazer, pesquisa por diferentes espaços, observando as mudanças ao seu entorno, seja de dentro para fora ou de fora para dentro entre diversos contextos indígenas, cultural, social, econômico e político.

De acordo com Mbo'eháry 6, as práticas pedagógicas desenvolvidas na V turma Ára Verá, estão contribuindo com a formação de professores indígenas, a partir da realidade das comunidades indígenas, relacionando as aulas para a educação tradicional indígena entre vários conhecimentos.

[...] vejo que o professores estão muito preocupados [...] Estão buscando de melhor qualidade para poder aplicar a metodologia do curso... Estão no caminho certo [...] Trabalhando e aplicando [...] Dialogando com a Educação Tradicional [...] onde os saberes e as tecnologias estão ao nosso em torno e precisamos saber utiliza – la no sentido de nos auxiliar [...]

Sob esta perspectiva que o uso da tecnologia da informação, tem contribuído no processo de formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá, promovendo o saber fazer em diversas situações do dia – a – dia dos indivíduos, percebendo as mudanças ocorridas no espaço territorial, ambiental e cultural. Sente o professor inovador capaz de envolver em diversos conhecimentos inovando as práticas pedagógicas.

No entanto é fundamental saber utilizar a tecnologia de forma consciente, na como um complemento, na qual não pode substituir os conhecimentos tradicionais indígenas.

Para Mbo'eháry 6, as práticas pedagógicas desenvolvidas no curso estavam de acordo com as necessidades das comunidades indígenas:

[...] As aulas que o professores estão fazendo... São de extremamente importância, voltado para uma educação da tradição kaiowá e guarani, falando sobre da roça, produção de comida saudável e falando sobre como ensinar uma crianças, como ensinar uma criança na forma

guarani e kaiowá, vejo que os trabalhos que estão sendo feitos estão indo de encontro com os problemas que as comunidades estão enfrentando nas escolas né...

Mbo'eháry 4 fala que as práticas pedagógicas diferenciadas:

[...] nos dias atuais é diferente né, pois acontece no dia – a- dia, não fica somente na teoria, pois não tivemos um momento de ir para retomada, ouvir rezas, tensões, morte, etc... hoje nos temos as aulas sendo realizadas nos territórios, (nas aldeias), também é pensado por nós, juntamente com rezadores, movimento e colocados em prática em nossas comunidades[...]

Importante **explicar** as falas dos professores indígenas compreendendo as diferentes trajetórias acadêmicas percorridas pelos Mbo'eháry Kuera (professores) 4 e 6, formadores do curso Ára Verá V turma, se procederam de maneira distinta, entre formação específica para professores indígenas e formação não indígena. Todavia os caminhos e descaminhos entre as formações não impediram o desenvolvimento das práticas pedagógicas interculturais elaboradas pela escola indígena Ára Verá V turma.

Para tanto os Mbo'eháry Kuera 4, 6 e o pesquisador desenvolveram práticas pedagógicas específicas a partir do contexto Guarani e Kaiowá, em sintonia com Sábio Tradicional Indígena Olímpio Barbosa morador na aldeia Laranjeira Nhanderu município de Rio Brillhante. A prática foi desenvolvida durante a 6ª Etapa Presencial do curso Ára Verá, na Caarapó, articulando os conhecimentos ditos “universais” e os conhecimentos tradicionais indígenas, sob o cultivo de Roças Tradicionais Indígenas, na tentativa de descolonizar e conscientizar os estudantes indígenas a compreenderem a importância de se produzir alimentos saudáveis (tembiu porã – comida bonita).

O termo em Guarani e Kaiowá “tembiu porã”, apresenta outros significados ainda mais profundos, que se referem a alimentos livres de conservantes, corantes e agrotóxicos.

Nhanderu Olímpio Barbosa (2017), relata que

[...] Nos indígenas antigamente plantava milho no (sarakua) e batizava a terra, comia frutas do mato, e não se comprava nada dos mercados, a terra era fofa... e não precisava de máquinas agrícolas para plantar [...]

A partir da participação do Nhanderu Olímpio, professores e estudantes da V, delimitaram o conceito de sustentabilidade de acordo com o ponto de vista indígena

Guarani e Kaiowá, que busca estratégias para a (re) construção da autonomia guarani e kaiowá em meio às políticas de assistencialismo presentes nas comunidades indígenas.

Gallois (2005 p 30), explica que o assistencialismo:

[...] já demonstrou e continua sendo o principal causador da ruptura na sustentabilidade dos modos de vida indígenas. Por este motivo, prefiro falar em sustentabilidade como meta, como também considero a autonomia indígena como uma meta. Pois autonomia não é algo que existe pronto, em algum formato genérico e geral: é um objetivo, um plano para o futuro. Colocado dessa forma, podemos pensar em políticas indígenas de consolidação de metas de sustentabilidade.

Neste contexto que o curso vem desenvolvendo práticas inovadoras na inclusão e valorização do saber indígena, no manejo da terra e a sustentabilidade. A intenção era a mudança de comportamento de hábito na tentativa de sensibilizar os professores cursistas a pesquisarem sobre os modos tradicionais do cultivo e plantio das roças Guarani e kaiowá.

Assim os professores do curso explanavam as aulas, integradas com a participação dos mestres tradicionais indígenas e colaboradores de outras instituições de ensino, uma aula ampliada de informações e conhecimentos, despertando os jovens professores a cultivar os alimentos e produzirem as roças indígenas com alimentos saudáveis a partir de novas maneiras de auto se sustentar.

Embora a luta com o modelo dominante de produção apresenta resistência entre várias pessoas, pois o pensamento eurocêntrico, capitalista, individualista e destruidor visando somente o lucro, parecem ser invisíveis, mediante a produção saudável, sustentável em harmonia e respeito com a natureza.

Todavia são princípios do pensamento indígena, buscando a preservação/recuperação do meio ambiente e despertado para um olhar crítico em relação à situação má condições ambientais das terras indígenas.

Dias e Battestin(2009 s/p), esclarecem que:

[...] a associação deste poder imposto num processo histórico longo (500 anos) e associado ao sistema capitalista, nos coloca a complexidade, e profundidade, de tal poder ao "operar" em todos os âmbitos do vivido, das concepções e relações humanas entre si e com a Natureza, e em consequência, questões ao pensar e agir na produção de alternativas em todos estes aspectos.

Esses aspectos alternativos se fazem presentes no processo de formação de professores indígenas em nível médio através da visita em áreas de 1 - cultivo da “cana

de açúcar, soja, milho e eucalipto” exemplificando o conceito de monocultura adotada pelo sistema do agronegócio, 2 - pequenas roças de moradores da aldeia indígena e 3 - por fim visitaram uma nascente onde puderam observar diversidade de plantas e animais que circulavam no espaço.

As idéias de sustentabilidade vieram a se desenvolver a partir das discussões e reflexões durante o processo de formação ao visitarem famílias indígenas observaram pequenas roças, criações de animais (porcos e galinhas), canteiros de hortaliças em meio uma área de árvores frutíferas.

FIGURA 12 - PROFESSOR INDÍGENA NILTON FERNANDES COLABORADOR DO CURSO ÁRA VERÁ, MORADOR NA ALDEIA INDÍGENA DE CAARAPÓ, DIALOGANDO COM PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRA VERÁ.



FONTE:SOUZA, 2018.

A aula despertou reflexões aos professores cursistas, no manejo da terra, produção de alimentos, armazenamentos de sementes crioulas a partir das tecnologias Guarani e Kaiowá e principalmente no desenvolvimento de práticas pedagógicas para além da sala de aula, podendo tornar as aprendizagens mais significativas a partir do contexto.

Práticas como estas são necessárias e fundamentais no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá, em conhecer e saber das diversas práticas pedagógicas interculturais relacionadas as aprendizagens em saber fazer e cultivar a roça guarani chamada de “Kokue jopara”, que apresenta diversidades de plantas e conhecimentos num mesmo espaço (local).

Senhor Olimpio compartilha o porque o mandi'ó aparece em vários tekoha ou em diversas regiões do Brasil.

A muito tempo a traz, vivia uma família de guarani na beira de um rio e (caçava, pescava, plantava mandi'ó, paková, avati e batata), viviam felizes, certo dia veio a falecer um membro querido da família, então decidiram mudar de local, pois a lembrança os traziam muita dor...viajando com sementes e elementos sagrados como(*Yvyra'i, Chiru, Takua e mimby*), na busca de um novo tekoha para morar...e (re)começar a vida, ao encontrar o local adequado realizavam o jehovasa pedindo licença para os jara, para que pudessem morar reconstruir suas casas e roça. Certo dia chegaram os brancos e esparramaram os indígenas por várias regiões do Brasil, onde os mesmos levaram consigo diversas sementes de (mandi'ó, paková, avati e batata), na qual plantaram...por isso temos diversas variedades de plantas e conseqüentemente aparecem por diversas regiões brasileiras.

A partir da fala do Nhanderu Olimpio, foi organizado pelos professores cursistas a encenação de um de teatro abordando os alimentos consumidos pelos Guarani e kaiowá e retratando principalmente as violências contra os povos indígenas e a lutas pelas suas terras. Histórias como essas não são contadas nas escolas...que ficaram escondidas, mas que nos dias atuais os professores indígenas e outros podem abordar sem suas práticas pedagógicas interculturais.

Para Dias e Battestin,(2009, p 14), a necessidade de estarmos:

[...] incorporando em nossas reflexões e ações, uma perspectiva histórica na qual considere que as classes são diversificadas em seus processos de constituição coletiva e em seu interior das individualidades, bem como da relação destas com a natureza externa (natureza física) bem como interna (a natureza humana).

Esses conhecimentos desenvolvidos sob as práticas contextualizadas na formação de professores indígenas Guarani e kaiowá, podem provocar mudanças na área cultivada pela monocultura do agronegócio e refletindo sobre os impactos na natureza e vida dos todos os seres humanos, bem como a convivência entre natureza e seres vivos, com respeito a terra, diversidade de plantas, alimentos e animais todos num mesmo espaço.

Desta maneira Mbo'eháry 6 enfatiza que:

[...] porque a comunidade precisa entender que existe outra forma de trabalhar[...] vejo que o curso do Ára Verá estão desenvolvendo um

bom trabalho voltada para uma produção de alimentos na recuperação do meio ambiente existe de uma outra maneira da gente fazer bom reflorestamento a boa roça existe de outras maneira também[...] então eu vejo que esta turma de 5 turma do Ára Vera realizou uma boa formação[...]

Contribuindo com a formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá para ser um professor Katu Pyry⁴⁴, ou seja, aplicar as aprendizagens adquiridas ao longo processo de formação entre os conhecimentos, colocando em prática, buscando o que não conhece, pesquisando, e inovando as práticas pedagógicas intercultural.

4.4 “O professor indígena Guarani e Kaiowá não pode tropeçar⁴⁵”

Para Mbo'eháry 6, “o aprender não é simplesmente aprender, mas deve ser colocado em prática”. Assim as atividades e práticas pedagógicas interculturais desenvolvidas no processo de formação dos professores indígenas do curso Ára Verá V Turma, no ponto de visto do Mbo'eháry 6, devem ser aplicadas nas comunidades indígenas.

FIGURA 13 - NHADERU VALÉRIO VERA GONÇALVES, MORADOR DA ALDEIA PANAMBI MUNICÍPIO DE DOURADINA, EXPLICANDO SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO YVYRA' IJA PARA PROFESSORES CURSISTAS DA V TURMA ÁRAVERA NA 8º ETAPA PRESENCIAL NA CIDADE DOURADOS EM NOVEMBRO/2018.



FONTE:SOUZA, 2018.

⁴⁴ Professor inovador, pesquisador e intercultural capaz de relacionar a teoria, tecnologia e os conhecimentos tradicionais de maneira simples e objetiva.

⁴⁵ Expressão utilizada pelo Nhanderu Valério, na VIII Etapa Presencial do curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá

Na ocasião o Nhanderu Valério, explica sobre o processo de formação do Yvyraija⁴⁶, Sábio Valério tem participado do curso Ára Verá desde a I Turma em 1999, na qual participou como formador indígena detentor do saber tradicional indígena Guarani e Kaiowá.

Nhanderu Valério Vera Gonçalves, kaiowá, morador na aldeia Panambi, município de Douradina chama atenção dos professores:

[...] Vocês estão bem vivos? Eu vou falar, vou dialogar por meio das palavras [...] vou falar para vocês ouvir, daquilo que eu já vivi no meu decorrer da minha vida, a respeito de yvyra'ija é importante vocês saber bem, pois vocês são alunos, como deve se preparar para um ser novo yvyra'ija, é necessário ser participativo em todos os rituais quando acontece canto e dança, estar sempre junto com Nhanderu, sempre prestar atenção específica para aprender... não pode tropeçar, ou seja, não pode errar, não pode cantar e parar, cantar e parar... tem que cantar corretamente com sequências perfeita[...]

Nhanderu Valério explica que todo Yvyra'ija deve passar por um todo processo de formação específica, sendo observado pelo rezador de prestígio entre os rezadores, na realização de cantos, rezas e danças tradicionais indígenas Guarani e Kaiowá.

Neste processo de ensino e aprendizagem tradicional indígena não pode haver erros nos cantos, rezas e danças. Pois podem trazer consequências graves para o Yvyra'ija e também para quem o está acompanhando num determinado ritual sagrado Guarani e Kaiowá.

João (2011 p 24) professor indígena Kaiowá, esclarece que o aprendiz do rezador, passa por diversos estágios de ensino e aprendizagens antes de se formar.

[...] A formação do futuro xamã é construída por longo período. Para alcançar o nível xamanístico, o aprendiz passa diversos estágios [...] para se tornar um xamã de nível elevado, a formação exige a passagem por cinco estágios para alcançar a plenitude do aguyje. Esta afirmação demonstra que o processo de construção do aprendizado é longo para que, dessa forma, o aprendiz possa adquirir os saberes e as técnicas dos cantos, seguindo a lógica do sistema kaiowá.

De acordo com Pereira (2004 p 355), grande estudioso e pesquisador dos povos indígenas em especial os Guarani e Kaiowá, explica que:

[...] Para chegar a essa posição, ele deve comandar a iniciação de vários auxiliares (yvyra'ija), que depois se tornarão também xamã. Os discípulos desenvolvem para com o antigo mestre uma relação de

⁴⁶ Aprendiz do Nhanderu.

respeito e dependência, só podendo realizar os rituais mais importantes sob a sua supervisão ou autorização.

Esta reflexão é muito pertinente, pois o professor indígena é um eterno aprendiz, entre saberes, sendo observado a todo o momento pela comunidade onde mora, sendo uma referência para a comunidade local. Por isso Nhanderu Valério chama atenção dos estudantes, lhes perguntando “se todos estavam bem acordados”, pois o professor também deve sempre atento, para aprender e colocar em prática os diversos conhecimentos e as práticas pedagógicas interculturais abordados no curso.

Sendo que a formação do professor indígena Guarani e Kaiowá, se aproxima do yvyra’ija, pois passa por um processo longo de “aprendizagem” formação, sendo observado e avaliado pelos professores supervisores do curso e também pelo nhanderu.

Nhanderu Valério explica que o:

[...] Yvyra’ija, também deve estar preparado e entender bem os ensinamentos [...] para saber usar para o bem da comunidade e ocupar a sua função de nhanderu [...]

Compreendendo que o processo de formação do Yvyra’ija e o professor indígena pois ambos são aprendiz dos sábios e sábias tradicionais indígenas, devendo estar sempre atento aos processos de formação, pois os entre lugares e espaços, possibilitam compreender a importância das práticas interculturais no cotidiano das escolas localizadas nas escolas indígenas, mas principalmente em colocá-las em execução em suas comunidades indígenas.

Assim não devemos tropeçar... Esconder... Intimidar, diante da escola do outro... Pois o curso Ára Verá, atua no fortalecimento do modelo de escola indígena a partir dos valores Guarani e Kaiowá direcionados ao modo de viver, pensar e fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar um pouco do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá, bem como das Práticas Pedagógicas Interculturais desenvolvidas no processo de Formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá especificamente da V Turma, na qual foram realizadas por diversas tekohas com a participação dos professores indígenas como formadores é de muita reflexão e aprendizagem.

São inegáveis as aprendizagens que o curso propõe enquanto escola indígena, levando em conta, o pouco tempo de criação do curso. São apenas vinte anos de existência e resistência a contar de 1999, sendo a atuação dos professores indígenas

como formadores neste processo apenas três anos. Porém durante este curto período, vem rompendo com paradigmas no modo de olhar os professores indígenas formadores como protagonistas da educação escolar indígena.

Um grande avanço, mudança de pensamento, de mentalidade pela conquista de direitos, aclamada pelas lideranças tradicionais indígenas no acesso e na intersecção com a educação de intercultural, específicas direcionadas ao modo de ser Guarani e kaiowá. A pesquisa sobre as práticas pedagógicas interculturais desenvolvidas no processo de formação dos professores indígenas Guarani e Kaiowá.

Para Benites (2014 p.128):

[...] A prática pedagógica deve contribuir para que o sujeito construa o caminho, utilizando as experiências, os diversos olhares, buscando a integração e a diversidade. O que buscamos é a retomada a uma posição onde a natureza é uma rede de interligação física, espiritual, social, ambiental, e o papel do homem neste contexto é atuar para fortalecer esta rede [...]

Compreendendo o desenho da escola curso Ára Verá, pensado pelos Sábios e Sábias Tradicionais Indígenas, professores indígenas, jovens, crianças e colaboradores sensíveis a causa indígena se constituído o curso Ára Verá, ancorado nas vivencias e experiências de vida do Guarani e Kaiowá.

Tendo como eixos centrais na do curso o teko, tekoha e ñe'ẽ, sendo elementos fundamentais para o processo de formação dos professores indígenas. Articulados ao Yvy Marangatu como eixo de fortalecimento espiritual e intelectual, neste sentido que as práticas pedagógicas foram pensadas e desenvolvidas no curso Ára Verá pelos professores indígenas formadores.

Assim as práticas pedagógicas aplicadas a V turma do curso Ára Verá, foram norteadas pelas discussões dialogadas com os detentores do saber tradicional indígena Sábios e Sábias Indígenas, construindo metodologias diferenciadas interculturais e sustentáveis.

Um desafio para os professores indígenas que atuam como formadores nos curso de formação, pois há articulação entre os conhecimentos muitas vezes se torna impossíveis, não porque a educação indígena ou a prática intercultural não da conta ...é por que insistimos em pensar nos conhecimentos da escola do não indígena. Pois os valores, ensinamentos e aprendizagens para os Guarani e Kaiowá, são de caráter

diferenciado, ou seja, é para a vida em comunidade. Já a escola não indígena os prepara para ser técnicos, mestre ou doutores numa determinada área.

Saber cantar, rezar, dançar o guaxiré, guahu, realizar o jehovasa, cultivar o kokue jopara, são ensinagens da escola indígena para aqueles que querem ser interculturais.

Todavia nós indígenas quando assumimos a sua função de formador temos a tarefa de trabalhar em diálogos interculturais, na tentativa de fazer o diferente, mas não somente por fazer, mas para cultivar e valorizar o modo de ser Guarani e Kaiowá.

Uma das reflexões e a ser pesquisado em outro momento, no que tange aplicação das práticas pedagógicas interculturais, é saber se as mesmas são desenvolvidas por outros professores indígenas que participaram de formações específicas e diferenciadas? E quais as dificuldades? E como fazer para executar?

Mboe'hary 4, levanta uma reflexão, pois sente a mesma preocupação:

[...] Será que nas escolas indígenas, onde se tem gestor indígena, professor indígena e alunos indígenas? Se encontra o pilar do Yvyraí? Será que tem rezador circulando pela escola?[...] Praticam o fazem o jehovassa? Pois é um ato religioso e cultural que ficara escondida, devido a todo o processo de colonização, no entanto é um ato que deveria ser mais da família Guarani e Kaiowá, no entanto se estendeu para a formação [...]

Desta forma precisamos sonhar, cultivar e construir diariamente os outros caminhos para a educação Escolar indígena, muitas vezes na própria comunidade indígena, não tropeçando ou se perdendo pelos caminhos dos outros fortalecendo a educação indígena. Tenho esperança que os professores indígenas ao entrarem na “escola” provoquem mudanças, rompimentos na organização curricular, construindo e (re) construindo currículos específicos, diferenciados, interculturais e de acordo com o modo de ser e viver Guarani e Kaiowá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Elda Vasques. **Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai, Amambai – MS.** Elda Vasques Aquino; orientação, Adir Casaro Nascimento, 2012. 120 f. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias** (Português) Capa Comum – 1 jan 2012

BACKES, José Licínio. **A Negociação das Identidades/Diferenças Culturais no Espaço Escolar.** Tese defendida em março 2005.

BATISTA, Enoque – Ava Rendy'i. **Fazendo pesquisa com meu povo.** Tellus, ano 6, n.10, 139-142, abr.2006 Campo Grande – MS.

BENITES, Eliel. **Oguata Pyahu (Uma Nova Caminhada) no Processo de Desconstrução e Construção da Educação Escolar Indígena da Aldeia Te'yikue.** Campo Grande, 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

BHABHA, Homi K. **O Local da cultura/Homi K. Bhabha.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BRAND, Antônio Jacó. **História oral: perspectivas, e sua aplicabilidade em culturas orais.** História Unixos Vol. 4 n° 2, ano 2000, p 195-227.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade/Nestor Garcias Canclini;** Tradução Heloísa Pezza Cintrão, ana Regina Lessa; tradução prefacio à 2. Ed. Gênese 4. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. – (Ensaio Latino-Americanos. 1)

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. In: CANDAU, Vera Maria F. (org.) **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. (59-77)

CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro, 2009

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – Seção 1 n° 212, quinta feira, 31 de outubro de 2013. Portaria n° 1061, de 30 de outubro de 2013, Institui a Ação Saberes Indígenas na Escola.

DIAS, Denise Gamio & BATTESTIN, Claudia. **A natureza da/na crise dos paradigmas no século XXI.** GT ANPEd 2009

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios.** Tellus, ano5, n.8/9, p.29-36, abr./out.2005 Campo Grande –MS.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

JOÃO, Izaque. **Jakaira reko nheypyrũ marangatu mborahéi**: origem e fundamentos do canto ritual jerosy puku entre os kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y, Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. Dourados: UFGD, 2011.

MARIN, José. **Interculturalidade e descolonização do saber**: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. *Visão Global*, Joaçaba, v. 12 p. 127157, jul/dez.2009

MARQUES, Luciana Pacheco. Os discursos gerados nas relações com as diferenças: desafio atual para a formação em educação. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (Orgs.). **Convivência e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 v.1,p.251-268.

MEYER, Dagmar Estermann e PARAISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-crítica ou sobre como fizemos nossas investigações. In.: MEYER, D. E. e PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Legislações Indígenas**. Dourados: MPF, Janeiro de 2011.

MUNSBURG, João Alberto Steffen. FERREIRA DA SILVA Gilberto. **INTERCULTURALIDADE NA PERSPECTIVA DA DESCOLONIALIDADE: POSSIBILIDADES VIA EDUCAÇÃO**. 2018

NASCIMENTO, Adir Casaro e URQUIZA, Hilário Aguilera. **Currículo, diferenças e identidades**: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá. In: *Currículo sem Fronteiras*. V. 10, n. 1, PP. 113-132, jan/jun 2010. Porto Alegre: ULBRA/UFRGS, 2010.

NASCIMENTO, Adir Casaro e VINHA, Marina Educação. **Escolar Indígena e o Sistema Nacional de Educação**. Campo Grande: UCDB. ANPAE, 2007. Fonte: www.anpae.org.br. acessada em 26 de novembro de 2012.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena**: palco das diferenças. Coleção teses e dissertações e m educação, v. 2. Campo Grande: UCDB, 2004.

NASCIMENTO, Adir Casaro. XAVIER, Cláudia Pereira. VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **OS “OUTROS” E OS ESPAÇOS EDUCATIVOS D MATO GROSSO DO SUL: DIFERENÇAS CULTURAIS E EDUCAÇÃO**. Relações interculturais no contexto de inclusão/Adir Casaro Nascimento, Maria Cristina Paniago Lopes, Marluce Bittar. (Organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador).

PARAÍSO, Marilucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In.:

MEYER, D. E. e PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado.**/Levi Marques Pereira, -Dourados, MS: Ed. UFGD, 2016.

PEREIRA, Levi. **Imagem Kaiowá do sistema social e seu entorno.** Tese de Doutorado em Antropologia Social – PPGAS/USP, São Paulo, 2004.

PROFESSORES GUARANI/KAIOWA. **Projeto Ára Verá.** Curso de Formação de Professores Guarani/Kaiowá em Nível Médio. Dourados: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2002.

PROFESSORES GUARANI/KAIOWA. **Relatório do I Encontro de Professores e Lideranças Guarani/Kaiowa sobre Educação Escolar Indígena.** Dourados, Vila São Pedro, 1991, datilografado.

ROSSATO, V. L.; NASCIMENTO, A.C. **Dossiê. Curso normal médio formação de professores indígenas Guarani Kaiowá. Projeto “Ára Verá”, Espaço-tempo Iluminado.** Dourados Mato Grosso do Sul. SED/MS. 2004.

ROSSATO, Veronice Lovato. **Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul – “Será o Letrado ainda um dos nossos?”.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2002 (Dissertação de Mestrado).

SANTIAGO, Mylene Cristina. **Educação Intercultural: desafios e possibilidades / Mylene Cristina Santiago, Abdeljalil Akkari, Luciana Marques Pacheco – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.**

SANTOS, Henrique Sacchi dos. **“Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos.** Educação & Realidade. Vol. 22, nº 2, Jul/Dez/1997. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação.

SKLIAR Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?,** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Teodora de. **Educação Escolar Indígena e As Políticas Públicas No Município De Dourados/MS.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (Mestrado e Doutorado), Orientadora: Profª Drª. Adir Casaro Nascimento – 2013.

URQUIZA, Antônio H. Aguilera. NASCIMENTO, Adir Casaro. **Povos Indígenas e as Questões da Territorialidade.** Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul/Antônio H. Aguilera Urquiza, organizador. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

VIETTA, Katya. **História sobre terras e xamãs Kaiowá: Territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: USP/SP, 2007. (Tese de Doutorado).

VIETTA, Kátya. **Sociedades indígenas: algumas das velhas e das novas representações.** Revista Tempos Gerais. São João Del Rei, v.04, p.01-14, 2002.

WALSH, Catherine. *Pedagogías Decoloniales, Prácticas insurgentes de resistir*, (re)existir y (re)viver
Tomo I. 2012.